

ENVELHECIMENTO HUMANO NA ESCOLA

EXPERIÊNCIAS DE INICIAÇÃO À DOCÊNCIA

Bruno Flávio Lontra Fagundes
Fábio André Hahn

EDITORA **FECILCAM**

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PARANÁ

Reitor - Antonio Carlos Aleixo

PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO

Pró-Reitora - Yeda Maria Pereria Pavão

Diretoria de Pesquisa - Adriana Beloti

Diretoria de Pós-Graduação - Carlos Alexandre Molena

CONSELHO EDITORIAL

Prof^a Suzana Pinguello Morgado – Diretora

Prof^a. Mariana Moran Barroso

Prof. Willian André

Prof. Márcio José Pereira

Prof. Delton Aparecido Felipe

Ficha de identificação da obra elaborada pela Biblioteca
UNESPAR/Campus de Campo Mourão

E61

Envelhecimento Humano na Escola: experiências de iniciação à docência. Bruno Flávio Lontra Fagundes; Fábio André Hahn. Campo Mourão: Editora Fecilcam, 2017. 124 p.

Bibliografias.

ISBN: 978-85-88753-45-7

1. Educação. 2. Envelhecimento humano. 3. Comunidade Escolar. I. HAHN, Fábio André. II. FAGUNDES, Bruno F. Lontra. III. UNESPAR Universidade Estadual do Paraná. IV. Fecilcam. V. Título.

CDD 21. ed. 370

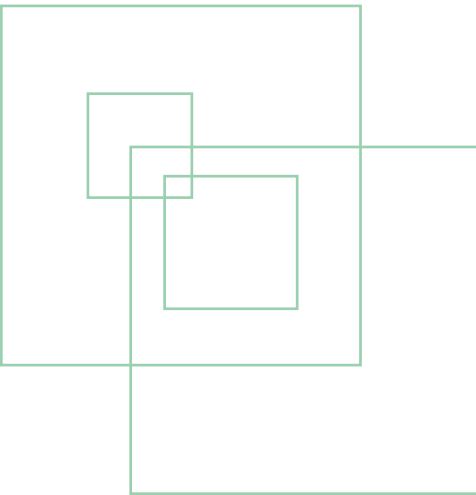
AGRADECIMENTOS

Gostaríamos de agradecer aos acadêmicos do Pibid/História por terem colaborado intensamente no desenvolvimento deste projeto, também a equipe pedagógica, os(as) professores(as) e a direção dos quatro Colégios Estaduais de Campo Mourão (Osvaldo Cruz, Darcy Costa, Unidade Polo e o Estadual de Campo Mourão), que integraram as atividades do Pibid no ano de 2015 e que receberam com muito carinho e atenção os nossos acadêmicos pibidianos, possibilitando com que pudessem desenvolver com qualidade suas atividades de intervenção. Além disso, estendemos nossos agradecimentos a professora Márcia Stentzler e a toda equipe da coordenação do Programa de Iniciação à Docência da Universidade Estadual do Paraná, que, apesar de todas as dificuldades, realizam com grande esforço o trabalho que tem resultado no sucesso do programa nessa Universidade.



Envelhecimento Humano na Escola
Experiências de Iniciação à Docência

Bruno Flávio Lontra Fagundes
Fábio André Hahn



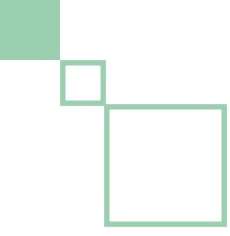
APRESENTAÇÃO



5 Este livro digital é o relato refletido das atividades desenvolvidas no ano de 2015 pelos professores e alunos bolsistas da área de História da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR), campus de Campo Mourão, no interior das atividades planejadas e executadas do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID – CAPES) daquela universidade e daquela área de conhecimento.

Ele registra o desempenho e as intervenções de professores e alunos desde o início do processo de formulação das atividades educativas docentes a serem executadas nas escolas até seu momento final, de avaliação das atividades, que se expressa nesse produto que ora entregamos a público, passando por todas as vicissitudes, alegrias, frustrações e realizações, acertos e equívocos, críticas e elogios pertinentes a ações da envergadura que são demandadas pelo PIBID.

Esse livro digital foi escrito seguindo um plano de elaboração em que sua feitura fosse uma tarefa conjunta de registro de memória do envolvimento de todos no processo educativo inteiro de formação docente experimentado e vivido ao longo do ano de 2015.



É assim que esse livro digital, não custa dizer, tem a participação indispensável dos bolsistas, os quais viveram na carne a intervenção *in loco* nas salas de aula e recolheram suas impressões, sentimentos, angústias e anseios como material para o texto escrito aqui.

Nas seções que se referem à aplicação de atividades planejadas nas escolas — a maior parte desse livro — está a mão dos alunos. Foram quatro escolas distribuídas a quatro grupos. A cada grupo dedicado a cada uma das escolas, a cada um de seus integrantes, foi dada a tarefa de fazerem, eles mesmos, o relato dos acontecimentos — o planejamento, a execução, a vivência educativa com os colegas e a auto-avaliação, que — subentende-se — ninguém melhor do que os próprios bolsistas para fazerem.

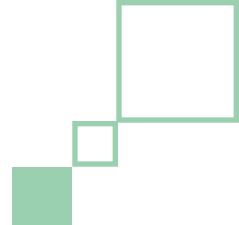
Basicamente, o livro foi concebido da seguinte maneira.

Cada experiência escolar vivida por cada grupo está relatada segundo aspectos selecionados e dignos de serem realçados por critérios definidos pelos coordenadores da área, sem que isso tenha significado engessamento ou interdição de o grupo abordar sobre algo particular a sua vivência específica na escola junto aos colegas.

Foram tratados aspectos como *caracterização geral da escola* (conforme, principalmente, o PPP da escola), as *atividades preparatórias da intervenção educativa* (como reuniões conjuntas com coordenadores, reuniões internas de planejamento dos grupos, reuniões com professores supervisores nas escolas), as *atividades de execução da intervenção educativa*, com acento em questões como momentos previstos/planejados, objetivos de cada momento na lógica pensada da intervenção, o cronograma de etapas do passo a passo das atividades, a descrição de cada etapa, reação dos alunos e dos professores supervisores, de diretores, supervisores pedagógicos e outros, os acontecimentos vividos — com registro de imprevistos, as soluções adotadas e o exame das realizações quando comparadas com o inicialmente previsto.

Como relato imprescindível, foi requerido que o grupo fizesse um *Balanco Final* das atividades realizadas em cada escola, salientando fatos acontecidos, para bem e para mal, exame dos resultados obtidos segundo o imaginado — enfim, relatar sobre tudo que viram e os surpreendeu, assim como o que os decepcionou.

A última demanda feita aos bolsistas foi mais programática e refere-se mais ao processo vivido de formação — solicitando que fizessem uma avaliação, agora não mais das atividades, mas tendo como centro o papel do PIBID em sua trajetória de formação profissional docente.



Essa etapa foi solicitada para que fosse feita em uma entrevista – quando os bolsistas responderiam agora não mais escrevendo, mas falando. A intenção foi a de tentar captar a espontaneidade presumida do ato de falar quando comparado ao ato de escrever. Foi assim que essa etapa foi coordenada e conduzida segundo duas perguntas: 1. *O que você, se tivesse de fazer de novo a intervenção, faria de novo e o que você manteria, depois que a viu executada?* 2. *Como você avalia que a intervenção altera, ou venha a alterar, na sua formação de futuro possível docente da escola básica?* As entrevistas com os bolsistas foram deixadas ao fim do livro digital.

As partes desse livro são seções de praxe, como *Apresentação, Introdução, Considerações Editoriais* - sobre a organização gráfica e a normalização fixada do texto do livro – e as *Referências Bibliográficas de Apoio*.

Conta ainda com uma seção específica escrita pelos coordenadores, sobre o tema do Envelhecimento Humano, que motivou a prática formativa no ano de 2015 – um tema que se revelou surpreendente por vários aspectos que se verá mais adiante pelo que vai exposto nesse livro como um todo.

Revela-se, aqui, a expressão da missão do PIBID – a de promover a formação docente ainda no estágio inicial da formação do estudante. Além da descrição de atividades, revelam-se aqui reflexão e ação sobre o *fazer e ser professor* – construídas não isoladamente por meio exclusivo de leituras e discussões feitas por pessoas em formação que desconhecem onde vão atuar e o desejo e vontade das pessoas a quem vão se dirigir. Oferta-se, aqui, um texto que pratica o exercício de, em meio a práticas educativas executadas segundo planejamento e a missão de melhorar os cursos de Licenciatura e a profissão Professor, estimular a necessária articulação permanente entre ação e ideia, atitude e linguagem, prática e teoria, saber e fazer, refletir e praticar.

Eis aqui um livro, digamos, cria do PIBID-História, UNESPAR, campus de Campo Mourão, que engrandece e justifica o programa federal de formação docente, cada vez mais reforçando sua pertinência e valor como item de política governamental que deve ser sustentado em benefício do equacionamento adequado dos grandes problemas educacionais brasileiros a fim de resolvê-los.



CONSIDERAÇÕES EDITORIAIS

O PLANO DESSE LIVRO DIGITAL

Como já antecipado, esse livro digital segue o plano editorial de quaisquer outros livros.

8 ■

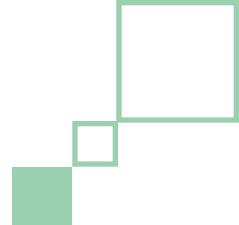
Suas partes mais salientes são as palavras dos coordenadores sobre o processo de aquisição de conhecimento sobre o Envelhecimento Humano a fim de pensar o tema como promotor de atividades formativas para atuação docente, mas, mais que a palavra dos coordenadores, mais importante é o relato dos bolsistas sobre seu desempenho e sua auto-reflexão sobre a vivência que as atividades do PIBID na forma como foram conduzidas lhes propiciaram material pensável sobre sua condição professor e sua futura provável profissão.

Assim, houve revisão gramatical e mesmo de clareza de enunciados, assim como padronização de normalização editorial.

Optou-se por manter, o máximo possível, o texto em primeira pessoa do singular se escrito assim pelo bolsista. Em alguns momentos, foi adotado, e adaptado, alguns enunciados, à terceira pessoa do singular, nas situações em que o empenho de quem escreve o texto valoriza de menos a participação conjunta de todos os membros do grupo.

A arquitetura dos textos foi refeita pelos coordenadores, em função de se evitar repetições e agrupar algumas passagens conforme a pertinência entre elas.

Quanto às referências bibliográficas de apoio, optou-se por manter referências quando assinaladas pelo grupo do colégio, ao mesmo tempo que por, agregando, todas as demais numa seção só, ressaltando que o tema e seu planejamento no formato das atividades pensadas foram informados por uma grande parte de textos que serviu, indistintamente a todos, além de fazerem parte de trocas e interações de textos de leituras solicitados de cada um dos grupos com relação aos demais.



As falas de colegiais sobre as atividades que viveram com os bolsistas foram deixadas em letra com uma fonte específica, a fim de se destacar do texto do bolsista, o que se poderá constatar ao longo do trabalho.

Fez-se a opção, no relato de experiência dos Colégios Unidade Polo e Estadual de Campo Mourão, de manter dois textos de pibidianos. Como cada um se repete em algumas passagens, eles foram modificados de modo a ficar só o substantivo do enunciado.




Um dos textos é o relato de uma situação particular vivida por um dos integrantes do grupo – e só com ele – com um senhor idoso convidado a vir a escola conviver com os jovens colegiais. A situação é jocosa, refere-se tanto à relação intergeracional, como refere-se ao fato de que promoveu no bolsista reflexão sobre a relação de aprendizado entre diferentes e revisão de convicções pessoais sobre o processo de aprender e ensinar.

O segundo texto é a exposição de um dos membros do grupo, ator e diretor teatral, sobre uma intervenção com o uso do teatro. O bolsista é ator e diretor teatral de formação. Optou-se por fazer pequenas modificações para evitar repetições, mas se destaca nele a metodologia do teatro, uma vez que escrito por um profissional que, melhor do que ninguém, poderia discorrer sobre o assunto.

Adotou-se ainda a terminologia “colégio” para nomear as escolas oficialmente, porém eventualmente a palavra “escola” substitui “colégio” quando se trata de substantivo comum.

Por fim, esse livro digital contém textos de outras linguagens, como fotografias e imagens em movimento, com links para pequenos depoimentos e registros do processo de construção e aplicação das atividades, vividas entre os próprios bolsistas, ou mesmo entre eles e os colegiais.

SUMÁRIO

Introdução	9
Algumas palavras sobre o Envelhecimento Humano	18
As intervenções educativas nos colégios:	10 ■
 Colégio Estadual Dr. Osvaldo Cruz	24
 Colégio Estadual Darcy Costa	38
 Colégio Estadual de Campo Mourão	62
 Colégio Estadual Unidade Polo	78
Testemunho do vivido - O que dizem os bolsistas	99
Palavras finais	117
Referências bibliográficas e de fontes	121



INTRODUÇÃO

ENSINO DE HISTÓRIA NAS ESCOLAS E O PAPEL DO PIBID PARA A FORMAÇÃO DOCENTE

Essa publicação foi produzida no segundo semestre de 2015, momento em que integrantes do PIBID no país inteiro viviam a apreensão do corte de verbas do programa em função do ajuste fiscal planejado pelo governo federal. O movimento de defesa do programa se alastrou, em ações presenciais e muito, ainda, nas redes sociais. Não pretendemos que os bolsistas envolvidos nesse livro digital tenham conseguido deixar de fora de sua reflexão sobre as atividades alguma dose de discurso exaltando o PIBID em vista de sua defesa. A educação tem um componente político inexpugnável, em vista de seu atributo de pretender formar o sujeito na sua integralidade.

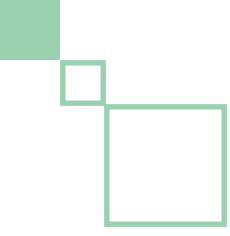
Nunca será demais lembrar que o ano de 2015 foi marcado por uma tensão que sempre rondou as atividades do PIBID em todo país, principalmente quando do anúncio do Pacote Fiscal do Governo Federal. O fantasma da supressão de bolsas atacou não só aos bolsistas – mais diretamente afetados por possíveis cortes de recursos – mas também professores coordenadores – que viveram (e ainda vivem) constante iminência do afastamento de alunos do programa, com a consequente reelaboração de atividades planejadas e concebidas. E mesmo o fim do programa.

11

Por isso, esse livro digital não pode ser lido com ingenuidade. Ele exprime uma mensagem de que o PIBID é importante e vale a pena.

Esse contexto oferece elementos para a análise do que o leitor vai ver a seguir neste livro digital, informado pelo que vivem alunos e alunas bolsistas em seu processo de formação docente no interior das atividades do PIBID, do curso de História, da UNESPAR, campus de Campo Mourão.

O leitor verá o quanto o PIBID justifica sua defesa incondicional tendo em vista o esforço de agentes políticos e sociais decisivos na defesa da educação brasileira por uma educação de qualidade. Se o ministério insiste em produzir iniciativas de cursos e programas de “formação de professores”, insistindo em reconhecer na formação o “grande problema” da educação nacional, pelo menos o PIBID tem a vantagem de ser uma iniciativa que abre margem para a inovação



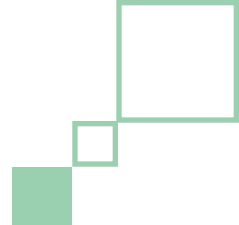
educativa e pedagógica, seus dilemas e também suas qualidades indiscutíveis. E isso está apontado nessa publicação, principalmente pela reflexão dos bolsistas sobre o que fizeram, e pela fala, muitas vezes inusitadas, de colegas – que deixam escapar seu prazer e a alegria de viver o que podem viver dentro das atividades levadas até eles pelo PIBID, como se perguntassem: “mas a escola não poderia ser mais assim?”. Autores há que não relutam em dizer taxativamente: todo processo educativo tem um componente de alegria e prazer, sem o que não se aprende muita coisa, porque a educação tem de fazer sentido.

Este livro digital vem expor o que, no ano de 2015, marcou o andamento das atividades do PIBID, curso de História, de Campo Mourão, da UNESPAR.

A partir do observado, do vivido, do discutido e refletido, fundamenta-se, aqui, alguma reflexão sobre a formação de professores, suas exigências de planejamento, disciplina, plano de trabalho, respeito ao outro, interlocução pessoal e reconhecimento do fato de que o saber são “saberes” – nunca monopólio de alguns sujeitos em detrimento dos demais.

Nesse livro digital revela-se a função precípua do PIBID de formar professores que sejam também educadores. O PIBID é, acima de tudo, uma formação de si mesmos em vista de colegas a quem se pretende ensinar, mas o foco é mais a formação dos bolsistas em formação e nem tanto os colegas nas escolas. Isso ampara o relato escrito nesse livro digital por evidências que são registradas por seus bolsistas. Com destaque para a boa relação entre os integrantes de cada grupo durante a preparação das atividades e da execução das mesmas.

As atividades do PIBID que se relatam aqui referem-se à matéria escolar História, que deixa para o professor em formação uma questão candente logo de saída: como ensinar sobre alguma coisa quando o objeto de conhecimento se mescla com o próprio ser que conhece? Como ser inteiramente objetivo quando o pensamento *sobre o que se aprende e ensina* deve referir-se *a quem aprende e ensina*? Verifica-se nesse trabalho o quanto os bolsistas fazem sua auto-crítica ao dizerem que, sim, algumas coisas teriam de ser modificadas se as experiências fossem reexecutadas. Essa é uma virtude da escola não-moderna que se perdeu na idade moderna da utilidade e dos resultados imediatos: a escola deixou de ser o lugar em que se aprende errando, tentando outra vez, até acertar e aprender. A experiência de integrantes do PIBID é a de poder planejar e executar, mas de rever e avaliar o que foi feito e, mesmo no curso das atividades, refazerem-na, se necessário for. Isso está límpido na fala de bolsistas e no relato que fazem aqui de suas experiências dentro do programa. Os alunos expõem suas ideias iniciais e vão as modificando, em vista de limites postos pela organização escolar,



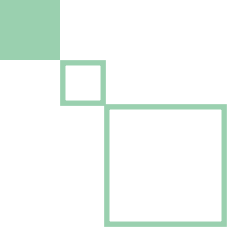
e reveem suas ideias de acordo com a vivência do processo educativo. A pessoa vai se fazendo profissional e educador do outro à medida que educa a si própria.

É comum no registro da experiência de quase todos aqui a constatação do tempo curto de uma aula para se fazer algo com a consistência de uma prática educativa mais duradoura e permanente. A aula de 50 minutos, concatenada com outras aulas, às vezes distantes de dias umas das outras, fazem-no perguntar sobre esforço e o plano adequado para atividades educativas que, mal se iniciam, e logo devem ser interrompidas. É corriqueiro os alunos registrarem: “50 minutos de aula é pouco para se fazer alguma coisa”. Os futuros docentes, desde a primeira hora, percebem o quanto a realidade da escola e de seus agentes exigem-nos flexibilidade, negociação, tolerância, criatividade e poder de iniciativa, uma vez que são muitas as necessidades e interesses que transitam dentro da escola, e isso tudo quase sempre numa realidade material que não favorece a flexibilidade.

Registram que, antes de entrar, passam a saber que a escola não é um lugar a ser idealizado: autoridades escolares “interferem” nas atividades por razões provavelmente institucionais de controle dos colegiais e de suas práticas, solicitando que as atividades sejam programadas ou para dentro das salas de aula ou para o laboratório de informática, restringindo, de saída, as intenções dos bolsistas futuros docentes de valorizarem outros espaços escolares que possam ser espaços de aprendizado. Este é um dado saliente: a percepção de que a escola partilha com outros espaços sociais o ambiente de formação, de aprendizado e educação. E mesmo dentro da escola, há espaços que, contra a ideia hegemônica de que só a sala de aula é onde se aprende, os bolsistas referem-se à importância de se por atenção a outros espaços de formação, que existem, até mesmo, dentro da escola. Como a biblioteca.

13

Registra-se, também, de que nas escolas é comum que a maior parte dos computadores do laboratório de informática são desatualizados, quando não estão funcionando. Desses e de outros aspectos desse universo, os bolsistas vão tomando conhecimento, e aprendem, desde o princípio, que é nesse cadinho de coisas que vão precisar ser educadores e professores. O ato de ensinar e educar não se despreza dessas pequenas realidades cotidianas que organizam a escola, e das quais os professores futuros percebem ali tanto as dificuldades como desestímulos, quanto como desafios. Vê-se o depoimento de bolsistas reforçando ainda mais sua vontade de ser professor à medida que vivem a escola “por dentro”. Daí, uma consequência fundamental que toca aos cursos de História de que fazem parte: essas questões são levadas para o debate acadêmico, do que os professores não podem desdenhar, e mesmo se modificarem se for preciso. A universidade não pode estar alheia.



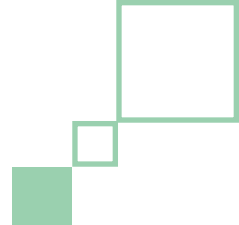
Aqui, nesse livro digital, vemos o quanto os bolsistas percebem que a construção de uma prática educativa deve ser, prioritariamente, a convivência colaborativa na formação de uma atitude coletiva entre professores, entre professores e alunos e entre alunos, uma vez que o trabalho individual induz a práticas muitas vezes excludentes que, por serem vividas solitariamente, são valorizadas sem atribuir a outros a importância que têm no crescimento de cada um em particular. É gratificante ver aqui como bolsistas, em colaboração, vão se realizando à medida que veem crescer seu planejamento e amadurecendo suas atividades pensadas, debatidas e referidas a todos os demais colegas. São, ainda, realizadores, os momentos em que os colegas perguntam, com franqueza, “quando essas aulas vão ter de novo?”, porque durante alguns poucos anos na escola, para muitos colegas “nunca tinha tido aulas como aquelas”.

14

Nesse livro digital, como se verá, há ponderações dos bolsistas docentes em processo quanto a questões macro-estruturais que assolam permanentemente a realidade das escolas e da educação – pública? – brasileira.

Os bolsistas demonstram o quanto tangenciam a reflexão sobre o próprio fazer e ser professor coligado ao contexto brasileiro. Questões que se referem ao espaço físico das escolas, aos instrumentos e aparelhos mediadores dos processos de educação, e, ainda, a processos que, mesmo sem serem pensados sistematicamente, são formulados no próprio processo de viver os acontecimentos educativos. Há exposta aqui a concepção do quanto a escola é um universo único de sociabilidades diversas, como solidariedades e amizades, afetos e animosidades, e as carências e contratempos escolares de um modelo de escola marcado tanto por uma forte inflexibilidade para se reformar estruturalmente, quanto por uma capacidade de lidar com realidades pessoais duras, adequando-as as chances de muitos de seus usuários: nesse livro digital bolsistas reparam o quanto os processos educativos, seus resultados, seus entraves e suas chances, não podem desconhecer o fato de que trata-se, na maioria, de alunos colegas que, em boa parte, trabalham na rua, vivem para ajudar em casa, têm de deixar a escola para trabalhar, e que precisam encontrar motivos e motivações para estarem e irem à escola, muitas vezes na corda bamba de ter de abandoná-la ou deixá-la para lá até não se sabe quando. Integrantes do PIBID aqui nesse livro digital demonstram enorme sensibilidade para esses fatos da ordem da realidade social e seus prováveis impactos – positivos e negativos – para os fatos da ordem da realidade cognitiva e educativa pessoal de alunos e alunas escolares.

Coloca-se em questão, aqui, fato auspicioso de vir a público com tanta convicção: o da relação da universidade com a escola básica. A relação dos cursos de formação de licenciatura com os resultados alcançados pela escola.

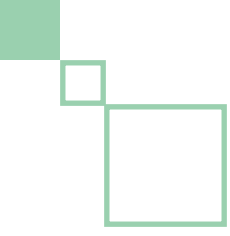


Os bolsistas indicam que é absolutamente necessário que haja simetria entre escola e cursos universitários que devem formar professores para a escola. Não é demais tocar de novo no ponto: isso faz muito bem aos cursos de licenciatura. Os bolsistas do PIBID, ao viverem, o quanto antes, a escola, trazem para a universidade e seus cursos demandas de mudança e de auto-reflexão dos cursos sobre si mesmos. Que não devem ficar enclausurados. É de se realçar a propensão dos bolsistas em identificar uma distância entre escola e universidade, cursos universitários e trajetórias escolares, como se uma e outra coisa não se articulassem — garantindo que isso precisa acontecer. Ao favorecer essa reflexão no início da formação do estudante, o PIBID facilita que ele, mais rapidamente, possa acionar mecanismos para atenuar esse que é um dos mais graves componentes da responsabilidade, também, da universidade pelos problemas educacionais da escola básica brasileira. Ao provocar no pibidiano, ainda no início de seu curso de formação, a reflexão sobre o papel da universidade nos problemas da educação básica do país, o PIBID desfaz, o quanto antes, o mau hábito da universidade brasileira de não se auto-atribuir responsabilidade pelos problemas educacionais da escola básica do país ao pretender ser um mundo a parte. Pibidianos, em seus primeiros movimentos de planejamento de suas ações em contato com os colegiais e a realidade da escola, logo logo percebem esse descompasso e, queiramos ou não, incitam a universidade a olhar para si própria a fim de cogitar de sua dose de responsabilidade nos fatos. Isso é muito bom.

15

Vemos a preocupação notória de bolsistas em ligar, ainda de forma pouco ordenada — e poderia ser de outra forma? — a relação necessária entre escola e universidade, em outros termos: a relação — como qualificam — entre “teoria e prática”. Refletir sobre a necessidade de rever a relação aluno-professor na escola em termos que não nos termos da relação aluno-professor na universidade. Seria diferente numa tradição social marcadamente autoritária, com uma tradição escolar e de pensamento sobre a educação eivada de hierarquias de cuja organização depende que o professor seja o único a conter um conhecimento aproveitável, e que tem, supostamente, a centralidade do processo de ensino-aprendizagem? É mera coincidência quando a coordenação pedagógica de uma escola lamenta que “os alunos, hoje, estão chegando à escola com muitos direitos?” Os bolsistas partem de uma constatação que já se tornou um lugar absolutamente comum entre autores e teóricos que estudam a escola e a educação: a escola de hoje — também não a universidade? — é uma escola de uma sociedade transformada sob muitos aspectos. Premissas, paradigmas e princípios que um dia organizaram um tipo de escola em outros tempos e em outros contextos devem ser revisados e postos em debate.

Um dos princípios fundamentais que os bolsistas levam para a escola, depois de bastante discutido em seus cursos de formação, é a importância de se



considerar a “bagagem do aluno”, considerar a escola como espaço de produção, e não só de reprodução, valorizar o conhecimento que o colegial traz para a escola proveniente do fato de viver e ter memória. Bolsistas do curso de História desde cedo começam a valorizar esses princípios.

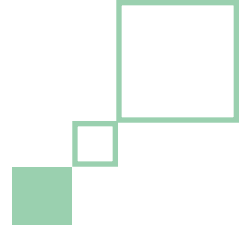
Com todas as suas incongruências, contradições, problemas, mas também suas virtudes, alunos e alunas bolsistas, aqui, não reclamam das escolas, embora, provavelmente, gostariam que elas fossem melhor equipadas, que seus profissionais trabalhassem em melhores condições de trabalho, que o tempo da organização escolar fosse redesenhado.

Numa história social em que a educação e a escola são tratados com muitas frases de efeito dentro de discursos políticos — “a escola é a base de tudo”, o “professor deve ter a vocação de ensinar”, “o país não vai pra frente porque falta educação de qualidade”, “o grande problema é a má formação do professor” — vinculada a um tempo de nostalgia em que a escola importava a uma parcela privilegiada da população, junto ao descaso e a cínica preocupação dos governos com a educação, dizendo-a como imprescindível e prioritária, embora sem valorizá-la e dar-lhe o devido tratamento — mesmo em vista de tudo isso, alunos e alunas, aqui, como o leitor verá, tratam dos problemas estruturais das escolas com certa índole de atuar e desempenhar-se “apesar de tudo, de todos os problemas e empecilhos”.

Não seria um olhar democrático sobre a educação que os pibidianos bolsistas lançam aqui sobre a escola, afirmando-a como espaço de pluralidade, de visões diversas, de sujeitos de direito diversos — inclusive os alunos, fato lamentado por aqueles que deveriam exaltá-los, os formuladores de políticas públicas? Não seria uma vontade de fazer outra escola? A fim de educar para uma sociedade e uma escola de diversidades, o ideal não é que professores e professoras também sejam diversos e plurais?

Sobre o “conteúdo escolar” História, observações podem ser feitas a partir desse livro digital.

Não importa que bolsistas estejam fazendo uma reflexão provisória para, depois, como profissionais, abandoná-la, ou alterá-la, quando forem atuar profissionalmente. Bolsistas aqui registram uma dupla atitude da parte de professores nas escolas. Tanto ouvem desestímulos, do tipo: “proveitem enquanto é tempo, porque daqui a pouco isso tudo vai acabar e vem a dura realidade”, como ouvem de futuros colegas elogios pela coragem e ousadia das iniciativas tomadas. O que muito leva a crer pela leitura desse livro digital é que essa situação é uma realidade que vão viver na escola, e que ela tem tanto um componente de vontade



de fazer retrair como de vontade de fazer agir. Ante uma exclamação do tipo – “proveitem agora, porque depois vocês vão cair na real” – referindo-se ao PIBID, uma exclamação assim, do ponto de vista que esse livro digital pretende mostrar, pode significar não um senso de realidade do professor da escola, mas certo desespero de ter de invejar de alguém algo que, no fundo, ele gostaria de estar fazendo em seu dia a dia, quando, muitas vezes, representa seu universo profissional como um massacre de horários, carga horária draconiana, excesso de trabalho, adoecimento regular, situação em que, se trabalhasse mais valorizado e feliz, talvez não vivesse com rancor e inveja.

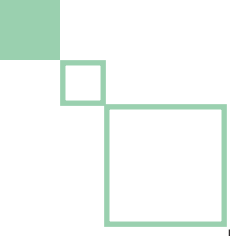
Questões dessa natureza já são postas aos alunos e alunas do PIBID, com o que já vão se acostumando a pensar sua condição profissional. Para a avaliação da eficácia formativa do PIBID dentro dos parâmetros de um curso de História, é importante verificar que seus bolsistas pibidianos conseguem articular sua realidade de formação profissional com o material pensável da história da instituição escolar, percebendo, no limite, que o que aprendem é a história de si mesmos como sujeitos da história. O pensamento sobre a escola vai sendo cultivado de maneira a oferecer abordagens diversas de encaminhamentos didáticos que podem favorecer o ensino-aprendizado. Nas atividades planejadas e executadas pelos futuros professores registradas aqui nesse livro digital, podem ser verificadas aquelas abordagens. O PIBID e as práticas que incentiva, financia e estimula certamente ajuda a reflexão e o aperfeiçoamento dos cursos de licenciatura e cultivam a vontade de ser professor.

Uma última palavra sobre o Programa Federal e seus benefícios para os cursos de História, cujos profissionais universitários da área, no momento, em janeiro de 2016, debatiam a Base Nacional Curricular Comum.

17

Normalmente, aqui no Brasil, quando professor universitário de História tenta falar de Ensino de História, trabalha numa mesma matriz de separação entre História (erudita) e Ensino de História, licenciatura e bacharelado, universidade e escola, professor e pesquisador, graduação e pós-graduação, conhecimento especialista e ordinário.

Muitos praticantes da História que se produz academicamente têm perpetrado severas críticas contra a BNCC com fundamento e boa intenção, embora não se perguntem, de modo mais ou menos geral, qual a História que interessa à escola, o que querem os colegas com ela, como ela pode ser para os colegas. E aí, provavelmente, essa história escolar não é a mesma que os professores universitários praticam e apregoam. Na raiz da formulação, persiste ainda, provavelmente, o postulado de uma universidade que acredita produzir o conhecimento histórico que à escola deve interessar, e reproduzir. No fundo, pode




haver aí desprezo da condição de pessoas que, na escola, fazem, têm e conhecem a história — por outros meios, que não são os dos livros e das revistas especializadas — e que, por isso, poderiam ser chamados a produzirem história também dentro das práticas cotidianas escolares, e não produzir da maneira que serve à operação historiográfica do especialista em História.

Isso implicaria rever a graduação dos cursos de História, rever o fundamento escriturístico como critério único de validade e mesmo de construção de narrativas da parte mesmo de professores, rever o perfil do professor a ser formado, acostumando-o com outras habilidades e práticas “para a escola” — e não para a discussão historiográfica onde pontilham nomes de obras, autores e conceitos especialistas para incrementar a discussão estritamente historiográfica. Ver-se-á nesse livro digital a convicção dos bolsistas futuros docentes sobre a realidade das novas tecnologias voltadas para o ensino e seu uso não triunfalista, mas seu uso combinado com práticas anteriores que ainda não só fazem sentido mas que também de grande valor cognitivo e educacional.

Para alunos e alunas do PIBID História UNESPAR, campus de Campo Mourão, não só não interessa como não deve mesmo serem as tecnologias as únicas ferramentas que avalizem e ajudem no processo de produção do conhecimento histórico escolar. Mas que elas já não podem mais serem desprezadas em nome de um passado que seria em tudo melhor e provavelmente idealizado. Na organização de seu planejamento, os pibidianos usaram das tecnologias como base para interação, interlocução e trocas favorecidas pelas ferramentas tecnológicas — com destaque para as TICS (tecnologias de informação e comunicação).

Sobre a BNCC, claro que cada professor deve dispor sua posição e fazer a crítica segundo suas convicções. Mas é possível que se faça o questionamento do sentido da constituição da disciplina História, e mesmo o papel que o especialista tem para pensar os diversos conhecimentos históricos legítimos que existem pela sociedade — onde a escola se destaca com papel de difusão proeminente — sabendo que é preciso problematizá-los e não enquadrá-los. É preciso revisar a relação História matéria escolar e História disciplina acadêmica, tradicionalmente marcada ainda pela ideia da centralidade e superioridade do saber histórico acadêmico sobre o saber histórico escolar. História não é conhecimento para demonstrar e corrigir, mas para persuadir e convencer. E isso implica diferentes formas de encaminhamento didáticos mais preocupados com os meios e formas com que se ensina, e menos com o que deve ser sabido e aprendido.

As atividades e as práticas do PIBID são material de reflexão a todo tempo para bolsistas de História aqui nesse trabalho. Através do que não só pensam e planejam sua formação, mas pensam e planejam sua formação para

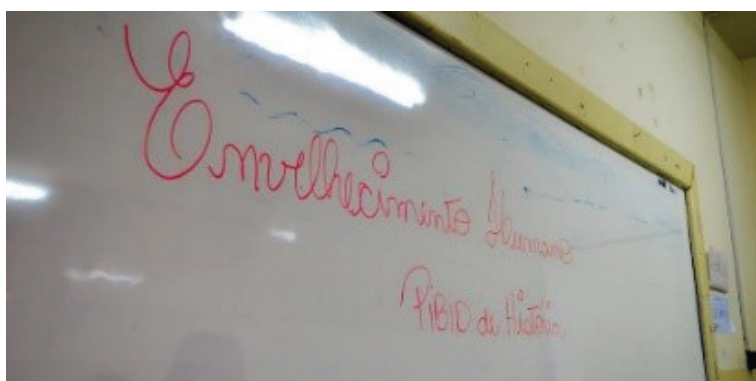


um conhecimento no interior de uma instituição que, por ser histórica, também precisa ser pensada conforme suas mudanças e permanências. Os pibidianos futuros professores sabem isso e é em meio a essas tensões que sabem que devem aprender a transitar, vivendo suas decepções, mas também suas alegrias.

É o relato desses percursos que se poderá ver nesse livro digital.

ALGUMAS PALAVRAS SOBRE O ENVELHECIMENTO HUMANO

COMO TEMA PARA A FORMAÇÃO DE PROFESSORES



20

A escolha do tema Envelhecimento Humano no interior do planejamento das atividades da área de História na UNESPAR, Campo Mourão, não foi aleatória e terminou sendo uma gratificante surpresa.

Há muito uma das professoras do curso desenvolvera projeto extensionista com a Terceira Idade, e as informações da colega sobre a velhice e os velhos brasileiros somadas a sua motivação para injetar nas atividades importantes parâmetros para a abordagem do tema, incentivou-nos a adotá-lo. Começava aí uma fase de verdadeira tomada de consciência do tema, suas vicissitudes e as exigências que surgiram para sua efetivação como o motivo das atividades educativas e a formação para a docência dentro do PIBID.

É razoavelmente sabido, da parte de todos que militam, assim como de autores e teóricos que estudam a história da escola e suas relações sociais, que “temas transversais” têm chegado – num processo que inclui as dificuldades por que passam agências tradicionalmente educativas, como a família e a igreja – como demandas para que a escola assuma um papel para além da escolarização. Apelos há para que na escola sejam ensinados educação para o trânsito, educação sexual, educação para a Terceira Idade, cuidados com a saúde (principalmente nos cuidados com as drogas), proteção ao meio-ambiente e outros temas nominados “transversais”, pelos quais não se pratica exatamente o prescrito para as matérias

dentro do currículo, porém com capacidade de forjar assuntos que sejam inclusos como tópicos ou pontos das matérias, favorecendo-as, além de fazê-las a serviço do encaminhamento didático no tratamento de temas gerais.

Para a área de História, o tratamento da Terceira Idade é bastante conexo a conceitos próprios do campo: conceitos como o de tempo, o de sequência temporal, o de idade, época, era, conceitos como antigo e novo, o de geração, entre outros. São conceitos com que, através do tratamento do “velho” e do “novo” que a Terceira Idade suscita, podem favorecer o planejamento de atividades com que “se estude História” através dele.



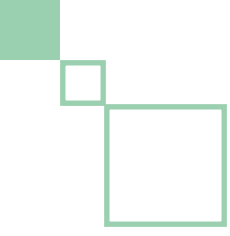
Reuniões preparatórias de bolsistas com coordenadores do PIBID com discussão de textos e debate sobre o tema do Envelhecimento Humano.

Pensado assim, pareceria tudo muito exato e certo, sem discussão e dúvidas, se o Envelhecimento Humano fosse o tema escolhido. Parecia razoavelmente conectado com a História para que não houvesse maiores dificuldades. No entanto, não foi assim.

21 Numa primeira fase da ação do grande grupo de bolsistas e coordenadores em que as atividades teriam de ser pensadas e concebidas revelaram-se os dilemas. Ante as primeiras avaliações e tomada de informações, ante a complexidade e mesmo a responsabilidade social que provinham do tema, logo verificamos a impossibilidade de se tomar qualquer atitude apressadamente, sem um esforço para tomada de conhecimento do tema de maneira não estereotipada e comum, repetindo preconceitos e simplificações socialmente difusas – principalmente em meios de comunicação de massa.

Fez-se, assim, então, a primeira iniciativa: estudar e debater bastante o tema.

Nós, coordenadores, sabíamos que, sem isso, seria até irresponsável lidar com ele. Em grupo, segundo leituras agendadas e feitas a cada reunião, de março a julho de 2015, houve reuniões semanais do grande grupo de bolsistas com os coordenadores e dos grupos em particular à medida que algumas convicções iam se formando. Reuniões do grande grupo – que integrava indistintamente todos bolsistas pibidianos do subprojeto do curso de História – assim como reuniões separadas dos integrantes de cada grupo fixado para atuar em cada uma das quatro escolas. Os 4 (quatro) grupos formados estudariam o tema antes mesmo



de projetar o que fazer com ele, sempre sob supervisão dos coordenadores na universidade e dos professores supervisores nas escolas. Os encontros do grande grupo foram importantes, uma vez que o tema do Envelhecimento Humano era algo bastante ignorado por nós, coordenadores de área. O que era natural, como veríamos.

À medida que as leituras e discussões aconteciam, verificava-se que o desconhecimento do grupo sobre o tema não era exclusividade sua: uma das primeiras informações que os textos analisados deu-nos foi a de que “a ignorância sobre o envelhecimento humano” no Brasil era generalizada, o que fazia do fato uma grande questão pública – social, geracional e de saúde. Afinal, o conhecimento da evolução dos dados acerca da pirâmide e do perfil etários – não só da sociedade brasileira, como também mundial – apontava para dados preocupantes. A população do mundo – e a brasileira em particular, a que nos tocava no projeto – está envelhecendo, num processo contínuo de “desjuvenilização”, em torno do que a inteligibilidade do fato e das várias condutas necessárias a seu enfrentamento ainda mal começava a ser pensada. Como fazer com a questão?

Muito poucos sabiam, e ainda sabem, sobre o tema.

O Envelhecimento Humano como tema, de algum modo, colocava-nos, a todos, digamos, num “mesmo barco”. Todos estávamos aprendendo, o que nivelava a interlocução e fazia de todos nós aprendizes – no conteúdo e na forma de ensiná-lo. O que é necessário fazer quando se põe como matéria de ensino algo que se mescla com a vivência do próprio sujeito que conhece? Colegiais, professores, bolsistas, todos convivem com idosos, a todo momento, em casa, na rua, na igreja, na escola, mas não está elaborado um corpus de saber sobre a matéria capaz de transpassar o preconceito, o estereótipo e o senso comum de uma sociedade que exalta o novo, expurga o velho e ainda não sabe o que fazer com o velho com quem ela vai ter de conviver indiscutivelmente. Eis uma primeira questão para debate que implicava no como se educar para educar, como saber para ensinar. Ou, como lidar com situações em que temas para o qual não somos formados nos são colocados e, com conhecimento e criatividade, temos de compilar o já conhecido e pensar seu encaminhamento didático e pedagógico. A par das colocações propriamente de conteúdo sobre o Envelhecimento Humano, aos bolsistas esteve sempre colocado a eles que estavam ali num processo educativo, de aprendizado de como fazer em situações como aquela. O que era uma situação que certamente vão viver quando forem profissionais docentes.



Professora Ana Lúcia Cardoso Nogueira da Silva, ex-secretária de saúde do Município de Campo Mourão e integrante do corpo docente do curso de Enfermagem da Faculdade Unicampo (Campo Mourão) em encontro com o grupo.

Seguindo o curso da discussão, surgia então outra realidade: a da abordagem interdisciplinar de tratamento do tema do Envelhecimento, para o que nos chamava a atenção os não muitos autores em seus textos publicados em periódicos não especializados. O Envelhecimento Humano, a Velhice, e todos seus desdobramentos interligados, não era matéria exclusiva de uma área de conhecimento: todos falam do tema, essencialmente um tema que exige ligação de saberes para abordá-lo. Áreas como a Psicologia, Antropologia, Sociologia, Geografia, Fisioterapia, Educação Física, Filosofia, História, Educação, a todas toca o tema. A todos tocam aspectos do tema, ou de todos os lados existem critérios e categorias de análise iluminadoras para a abordagem da velhice.

Em vista dessa realidade conceitual e analítica, o grupo da área de História adotou a opção de convidar profissionais de outras áreas para interlocução. Conversar com eles e com eles aprender, ensinar, e ouvi-los dizer informações a eles, em tese, mais familiares. Convidamos, então, dois profissionais. Uma profissional da área de Saúde Pública, enfermeira de formação, que, numa perspectiva mais clínica e de saúde física, veio-nos colocar a par de dados dos quais não poderíamos escapar se quiséssemos lidar com itens sobre a velhice indiscutíveis e que estão no universo da Terceira Idade a todo momento. Convidamos também um profissional da área de Psicologia, de perspectiva psico-antropológica, terapeuta clínico atuante, que veio-nos aconselhar sobre algumas medidas de encaminhamento das atividades educativas. Enormemente proveitosas, as palestras dos dois profissionais foi-nos, a todo o grupo da História, importante, uma vez que, eles mesmos, vinham com dúvidas acerca do tema, reforçando a proposição sobre certo desconhecimento generalizado sobre “o que fazer” com o envelhecimento humano e como pensar o convívio – que se deve pretender seja um convívio saudável, incluyente e cidadão – de todos nós com todos nossos velhos, que a cada dia estão mais por toda parte. Na fila do banco, da padaria, no meio da rua, no comércio, no bar, na igreja, nos negócios públicos – por toda parte.



Encontro do grupo com o professor Pedro Paulo Rodrigues Cardoso de Melo (*in memoriam*), integrante do corpo docente do curso de Psicologia da Faculdade Unicampo (Campo Mourão).

O encontro com os dois profissionais convidados teve ainda um componente de grande valia: à medida que o grupo debatia o Envelhecimento Humano e sobre o tema se informava, todos traziam para os profissionais convidados informações de que nem eles mesmo tinham conhecimento. O tema do Envelhecimento Humano se casava perfeitamente com a missão do PIBID de formar e de preparar para saber se formar: todos ali precisavam de se ajudar, todos ali cresciam simultaneamente, todos saíam de uma espécie de grau zero de conhecimento para algum grau de conhecimento. Aquela vivência de construir as atividades era por si mesma formativa, era essencialmente educativa, no melhor sentido: o de fazer sentir o processo de conhecer, de sentir-se crescendo e se educando, onde o meio é talvez mais importante que o resultado, o fim em si mesmo. O Envelhecimento Humano ia ao encontro do sentido do PIBID como programa de formação: ninguém estava, ali, pronto e acabado. Quando menos se espera, não conhecemos e temos de lidar com essas situações sem temor, sem se auto-anular, mas criativamente, compondo o imponderável com o previsível e o surpreendente. À medida que o processo de convivência ia ganhando corpo, sentia-se ali o quanto é assim o processo educativo e os futuros docentes iam se fazendo educadores.

Foi então que, numa das leituras, descobriu-se que o tema do Envelhecimento Humano já estava previsto no Estatuto do Idoso como tema para a escola ensinar. Porém, a literatura indicava que nada ainda havia sido feito desde que foi fixada a prescrição. Os autores que líamos advertia-nos sobre essa grande lacuna. Ninguém, nenhuma escola, nenhuma agência de educação, nenhum profissional, nenhum governo, ninguém até aquele momento havia feito algo para concretizar dentro de qualquer escola o estatuído no Estatuto do Idoso. Foi com um misto de sentimento de realização, de ineditismo, de servir ao público, e mesmo de responsabilidade social, que pusemo-nos a nós próprios uma pretensão: a de que, na UNESPAR, Campo Mourão, nós, do curso de História, talvez estivéssemos fazendo algo, senão pioneiro, perto disso, uma vez que não tínhamos notícia, e mesmo os textos que líamos não nos informavam, de que o tema não havia

chegado à escola ainda. Essa era nossa crença e foi nosso princípio.

Foi orgulhosos, então, que partimos para a fase seguinte de planejamento das atividades, já de posse da consciência dos desafios e das dificuldades, mas também ciosos da pertinência social e da atualidade educativa daquilo em que estávamos engajados. A continuidade do desenrolar das atividades e as fases seguintes de execução das atividades, incrementaram ainda mais a convicção de que estávamos ali, inseridos e ligados a um programa de formação de professores – ou mais: de educadores – a que fazíamos jus e com cuja atuação justificávamos ainda mais o papel do PIBID na formação de sujeitos individuais e sociais que precisam se preparar para um dos maiores fenômenos de nosso tempo: o da intergeracionalidade, o da convivência novo e velho, o do Envelhecimento Humano a que todos estão sujeitos.

Penetrava-nos a certeza de que ninguém seja só novo ou só velho: todos somos os dois ao mesmo tempo.

Guiado por esse princípio, as atividades foram planejadas e executadas com a sensação de que, para além da função educativa a que o PIBID exige empenho, também cumpríamos o papel de sermos financiados e desempenharmos um serviço que não se esgotava em nós, mas que dizia respeito a todos nós, cidadãos e governos, sociedade e Estado, para o que investir era absolutamente necessário. O tema do Envelhecimento Humano se revelou campo fecundo para o florescimento de diversas questões que envolviam não só o PIBID e a educação brasileira, mas também o papel da universidade e sua incumbência de tomar para si questões que são da sociedade de modo geral, sem exceção.

25



Reuniões para discussão de encaminhamentos e o planejamento das atividades.

Cumpríamos uma atividade que, ao fim, envolvia um benefício social que oferecíamos em forma de conhecimento público e de educação para todos os públicos brasileiros.



Bolsistas do grupo do Colégio Estadual de Campo Mourão em reunião com um dos professores coordenadores. Ao fundo, se vê reunião de bolsistas do Colégio Osvaldo Cruz.

COLÉGIO ESTADUAL DR. OSVALDO CRUZ

RUA FRANCISCO FERREIRA ALBUQUERQUE, Nº 241, JARDIM LOURDES
CAMPO MOURÃO-PR



26

O COLÉGIO CARACTERIZAÇÃO GERAL

Fundado em 02 de abril de 1964, o colégio atende alunos dos Ensinos Fundamental e Médio, contando com cerca de 540 alunos matriculados. Desta população, residem, atualmente, 79% na zona urbana e 21% na zona rural. Apenas 65% possuem casa própria, 24% moram em casa alugada, 6,4% em moradia cedida e 1,6% em outro tipo de habitação.

O *Colégio Estadual Dr. Osvaldo Cruz* está situado na região central da cidade¹.

A instituição, oficialmente foi criada dois dias após o Golpe Militar de 1964, com a denominação de Escola Isolada Municipal “Dr. Osvaldo Cruz”, nome que homenageava o sanitarista Osvaldo Gonçalves Cruz. Em 1974 a escola deixou de pertencer ao município, passando a fazer parte da Secretaria da Educação do Estado do Paraná (SEED).

Importante destacar que, antes da oficialização da escola, ela já funcionava como “Escola do Povo”, que oferecia alfabetização para adultos. Com a instauração da ditadura, o projeto político pedagógico da escola foi reformulado de acordo com os ideais militares da época. Conforme informações da atual instituição, toda a documentação deste período desapareceu.

Dentre os estudantes, apenas 65,5% dos alunos moram com o pai e a mãe. Os demais se dividem em 21% que moram só com a mãe e 4,8% só com o pai, com avós 1,8%, com tios 0,5%, com companheiros 2,1%, com amigos 4% e sozinhos

1. Site do Colégio Estadual: <http://www.cpmosvaldocruz.seed.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=1>

0,3%, somando 34% de alunos que não contam com a presença efetiva de seus pais em suas casas. A maioria dos alunos que estuda neste estabelecimento de ensino ainda não trabalham para seu sustento, num total de 90%. Os alunos que trabalham variam em 0,8% – que são autônomos – 2,6%, estagiários, e 6,6% – que trabalham no comércio.

Em pesquisa realizada em 2011, conforme consta no projeto político pedagógico da escola, 51% dos alunos sonhavam poder fazer um curso superior, 40% em se casar ou constituir uma família, 7,7% de morar sozinho, 37% de conseguir um bom trabalho, 11% de trabalhar fora do Brasil, 23% de ter seu próprio negócio, 46% de ter bens materiais, 38% de ter uma profissão, 12% outros. Sobre o que desejam estudando no Colégio Estadual Dr. Osvaldo Cruz, foram apurados os seguintes resultados: 90% desejam ter um futuro melhor, 3% frequentam apenas para receberem a Bolsa Família e 7% não definiu seu desejo optando pela alternativa “outros”².

O espaço físico do colégio possui 8 (oito) salas de aula, laboratórios de Informática e de Química, quadra esportiva coberta, biblioteca, entre outros espaços educativos, atendendo alunos do Ensino Fundamental (6º ano ao 9º ano) e Médio (1ª ano ao 3ª ano) nos períodos matutino, vespertino e noturno.

O colégio integra uma das 4 (quatro) escolas em que os membros do PIBID-História fizeram suas intervenções educativas no ano de 2015. O colégio Dr. Osvaldo Cruz integra o subprojeto PIBID de História desde 2014.

É válido destacar que os funcionários desta instituição de ensino receberam muito bem o subprojeto, dando total liberdade e apoio para o desenvolvimento das atividades³.

Alunos/Alunas bolsistas:

Aline Domingues de Oliveira
Alisson Amaro Fernandes
Diego Alex Ferreira
Jocimara Maciel
José Lucas G. Benevides
Weslaine Nagaoka

Professor-supervisor:

Lincoln D'Avila é professor supervisor do PIBID-História no colégio desde 2014. Mestre em História pela Universidade Estadual de Maringá (2013), atua há 9 (nove) anos no Ensino Básico.

2. Sites consultados: http://www.cpmosvaldocruz.seed.pr.gov.br/redeescola/escolas/5/430/63/arquivos/File/PPP_2013.pdf e <http://www.cpmosvaldocruz.seed.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=1>. Há um lapso de tempo entre o hoje e a data de elaboração do projeto político pedagógico do Colégio, em 2012. Mas, a princípio, como documento, o PPP – ou os PPPs consultados aqui - mantêm informações ainda pretensamente atuais sobre as escolas.

3. Em todos os capítulos desse livro digital sobre as experiências nos colégios, a seção de “caracterização geral” foi composta com consulta aos PPPs de cada uma delas. Alguns são mais informativos do que outros. O que deixa as caracterizações de todas as escolas eventualmente desiguais em tamanho. Isso foi mantido nos termos dos PPPs.

ATIVIDADES PREPARATÓRIAS E A INTERVENÇÃO EDUCATIVA PROPRIAMENTE DITA



Grupo de bolsistas reunidos na escola planejam as atividades

No início da intervenção no colégio, houve a preparação e discussão do grupo sobre a melhor forma de abordar o tema do Envelhecimento Humano em sala de aula. Nesse momento, diversas ideias surgiram e, diante da observação das turmas e análise da estrutura do colégio, pôde-se decidir o modo com que a temática iria se adequar à realidade dos alunos e do espaço escolar.

As atividades começaram a ser aplicadas no dia 28 de julho em dois turnos no Laboratório de Informática da instituição, com a aplicação de um questionário.

Deste ponto, dos dados levantados sobre a percepção da turma sobre os idosos, desenvolveram-se as intervenções e atividades em sala de aula com a utilização do quadro branco, elaborando uma linha cronológica a fim de apresentar o universo populacional do idoso desde a antiguidade até os dias atuais, identificando que este universo não é estático no tempo, e muito menos homogêneo.

As intervenções em sala de aula, no 1º e 2º anos matutino e no 8º ano vespertino, despertaram atenção e interesse da parte dos alunos, sendo esse interesse maior nos 1º e 2º anos do que no 8º, mas, no geral, houve a interação de todas as turmas com perguntas e curiosidades a respeito, tais como: *“Qual era mesmo a idade média das pessoas no período medieval?”* ou: *“Quando eu ficar velho quero ir pro mar pegar onda!”*.



Atividade de aplicação do questionário no Laboratório de Informática

Pela manhã, três bolsistas foram encarregados de planejar o encaminhamento da atividade e, no período da tarde, três outros bolsistas os substituíram. A atividade na Sala de Informática tinha como objetivo mostrar para os bolsistas qual era o conhecimento atual do aluno sobre o tema envelhecimento humano. Nesse questionário, havia perguntas básicas sobre o tema abordado e, durante a aplicação, as turmas de ambos os períodos responderam-no rapidamente, e a grande maioria se manteve dentro da sala, onde, uma hora ou outra, ouviam-se, entre eles mesmos, comentários sobre o que tinham acabado de responder.

No dia 4 de agosto, já em sala de aula, ocorreu uma grande conversa entre bolsistas e alunos da escola a fim de comentar sobre os questionários e também propor uma pequena atividade, “O idoso retratado pela mídia”. Os alunos levariam a atividade para casa, pesquisariam sobre o tema e trariam questionários respondidos na semana seguinte. Nessa aula foi feita, ainda, uma explicação que situava os alunos sobre as diferentes representações dos idosos ao longo da história.

Conversa de esclarecimentos com os colegas em sala de aula

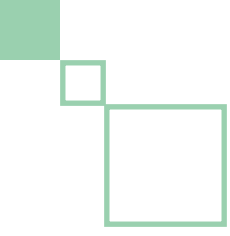


Os alunos ficaram instigados para realizar a atividade.

29 Durante a aula houve várias perguntas e comentários, como, por exemplo: “Por que os idosos só aparecem em propagandas de viagens e sempre felizes?”, “Por que aparecem tantos idosos em comerciais de farmácias?”, “Esses dias vi um casal de mulheres idosas se beijando na novela, achei legal expor isso” e outros comentários sobre filmes e novelas que abordavam o idoso. Com isso, percebemos que os alunos já foram compreendendo vários estereótipos em torno do idoso e como ele está sendo retratado na mídia, diz um bolsista.



Grupo de pibidianos e prof. supervisor. Da esquerda para a direita: Diego Alex Ferreira, Aline Domingues de Oliveira, Jocimara Maciel, Weslaine Nagaoka, Prof. Lincoln D'Ávila, José Lucas G. Benevides e Alisson Amaro Fernandes



Na semana seguinte, em 17 de agosto, ocorreram atividades na Sala Temática.

O próximo passo foi a montagem e organização da Sala Temática. O colégio cedeu o espaço, o laboratório de Química. Houve algumas dificuldades na preparação do espaço, pois o mesmo também estava sendo utilizado para armazenar armários, carteiras e cadeiras avulsas, mapas, troféus da escola etc. A montagem e organização foram feitas com exposições de imagens sobre: a diversidade de tipos humanos do universo populacional idoso, a cabine do envelhecimento – que utilizava um aplicativo específico de edição de imagens que envelhece o sujeito da foto⁴.

A montagem e organização da Sala Temática foi feita baseada na exposição das respostas dos alunos na atividade desenvolvida em sala de aula sobre a representação do idoso na mídia. A utilização de mesa e cadeiras para os alunos se estabeleceu para as atividades práticas, como a Caixa da Conscientização – a qual consistia em induzir o aluno a se colocar no lugar do idoso em suas dificuldades biológicas, simulando vivenciá-las. A caixa continha luvas, algodão para os ouvidos, óculos de alto grau e barbantes que eram amarrados aos braços e pernas dos alunos, demonstrando a dificuldade ao se locomover, a perda do tato, diminuição da audição e da visão.

O aluno sorteava uma das opções em uma outra caixa, e no sorteio o aluno retirava a opção com uma descrição que explicava o processo da dificuldade biológica estabelecida, e firmando uma atividade, por exemplo: se o aluno retirasse a palavra algodão, a mesma vinha com a seguinte descrição: *Com o passar do tempo o aparelho auditivo vai perdendo sua eficiência devido ao seu tempo biológico, com isso os idosos passam a ouvir com mais dificuldades.* Logo, o aluno punha o algodão em seus ouvidos para que pudesse experimentar, por um momento fugaz, o lugar dos idosos com essa dificuldade. A atuação preparatória dos pibidianos e pibidianas na montagem da Sala Temática pode ser visualizada em vídeo através do link da página do PIBID História Unespar Campo Mourão: https://www.facebook.com/PIBIDhistoriacm/videos/vb.476604442515993/491344247708679/?type=3&video_source=pages_video_set.

Aconteceu um contratempo no processo de utilização da Sala Temática.

O grupo de pibidianos deixara a sala organizada para o dia da aplicação. Dois dias após a montagem e, um dia antes, o grupo voltou à sala para conferir se ela estava em ordem – e não estava. Para surpresa geral, a sala estava um

4. O aplicativo é gratuito, chama-se *Aging Booth*, e é exclusivo para celulares com sistema operacional Android.

caos, não se sabe ao certo o que acontecera, cartazes e imagens ao chão, cortinas de TNT caídas e outras mal colocadas, e a sala se encontrava molhada devido a infiltrações de chuva. Novamente reorganizamos a sala para a aplicação no dia seguinte.



Flagrantes da montagem da Sala Temática

A aplicação da Sala Temática sobre o envelhecimento humano se iniciou com o 1º ano. Depois de uns 10 minutos após o início da aplicação, houve intervenção da diretoria do colégio para que todos os alunos se encaminhassem para o ginásio, onde haveria uma peça teatral a respeito do bullying no ambiente escolar, sendo que não foi possível o início da Sala Temática – que estava decidida naquele dia para o 1º e 2º anos. Neste momento também houve o descontentamento do professor supervisor pelo fato de a diretoria não lhe ter avisado sobre o dia e horário da peça teatral com antecedência, obrigando-lhe a retirar a turma da Sala Temática para participarem do teatro. Logo após o fim da peça teatral, seguindo o cronograma de aulas do professor supervisor, foi sugerida a aplicação da Sala Temática para o 1º ano B, onde a aplicação seguiu sua ordem, e foi de grande satisfação – com a atenção e interação dos alunos nas atividades desempenhadas.

31



Caixa da Conscientização

A Sala Temática, como se pode ver, era espaço onde os pibidianos bolsistas propuseram dinâmicas para interação de todos, tais como: a Caixa de Conscientização – situação em que o aluno pegaria, aleatoriamente, em uma caixa fechada, pequenos papéis em forma de instruções, onde estava escrita uma pequena tarefa a fazer e indicando informações sobre o idoso. Logo após essa leitura, verificando o que tinha de fazer, o aluno se colocaria no lugar do idoso. Exemplo: colocando uns óculos com um grau mais forte, para ver como o idoso se

sente quando sua visão começa a se prejudicar com o passar do tempo; também pequenos pedaços de algodão nos ouvidos para simular a surdez.

Havia também, na Sala Temática, a dinâmica da Cabine do Envelhecimento, que, a partir de um aplicativo de celular, tiravam-se fotos dos alunos e, numa transformação propiciada pelo software, instantaneamente os alunos se viam mais velhos.



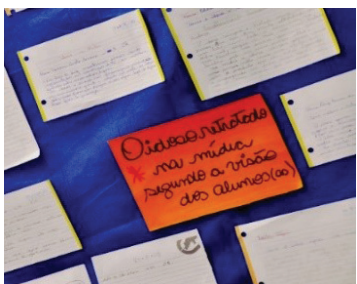
Aspectos de rostos envelhecidos após passarem pelo envelhecimento do aplicativo Aging Booth.



Dentro da Sala Temática, ocorreu também a exposição de fotos que retratavam a diversidade humana do universo idoso, onde os alunos puderam observar desde a imagem do idoso atleta até a do idoso skatista. Ainda na Sala Temática houve um mural em que foram fixados os textos dos alunos, resultados da atividade que havia sido proposta a eles no primeiro encontro com os bolsistas pibidianos em sala de aula: a atividade sobre como o idoso era retratado pela mídia.



Flagrantes do desenvolvimento das atividades na Sala Temática. À direita, bolsista pibidiana registra fotografia do aluno, que será colocada no software do envelhecimento. O aluno poderá se ver envelhecido.



À esquerda, painel da Sala Temática com fotos diversas demonstrando o universo heterogêneo de pessoas idosas no convívio social. Ao lado, painel com texto produzido pelos alunos na primeira atividade coordenada sobre a representação dos idosos

Ainda dentro da Sala Temática, foi planejado pelos pibidianos um momento musical, com algumas músicas que retratavam o universo idoso. Com a ajuda do professor supervisor, ocorreu um momento de canto e músicas que abordavam o tema do envelhecimento humano. Na ocasião, todos tentaram cantar juntos a música *Envelhecer* de Arnaldo Antunes.

Atividade musical dentro da Sala Temática, com canção sobre o envelhecimento humano pelo professor supervisor.



Mesmo a primeira aplicação da Sala Temática prejudicada pela apresentação imprevista da peça teatral na escola, apesar disso, alguns dias depois, a intervenção na Sala Temática foi retomada, ocasião em que as atividades propostas foram apresentadas e houve interação com e entre os alunos. Todas as atividades foram aplicadas e, o mais importante, os alunos parecem ter conseguido vivenciar – por alguns momentos que sejam – uma nova maneira de enxergar o idoso, uma maneira menos preconceituosa e mais compreensiva em todos os aspectos.

No dia 25 de agosto, os pibidianos se reuniram novamente na escola e foram até a sala de aula para conversar com os alunos acerca da intervenção e para fazerem uma reflexão de tudo o que foi apresentado até aquele momento. E saber se a visão deles sobre o idoso havia mudado, e em quais aspectos. Nesse instante, o objetivo era apenas ouvi-los.

33



Alunos do colégio “tiram onda” com as atividades, manifestando seu envolvimento e interação ao final da Sala Temática.

Nesses depoimentos, foi solicitado que eles falassem sobre as experiências com o trabalho sobre o tema do Envelhecimento Humano, quanto os fez refletir sobre a questão, quais os benefícios e o que mudou em relação a maneira de

enxergar uma pessoa idosa. Em exemplo, um dos depoimentos:

“Ah, pra falar a verdade, o que aprendi foi legal, você entendeu?, porque eu tive novas experiências, eu também não tinha esse lado com os idosos entendeu? Esses dias que a gente teve que fazer esses trabalhos, eu tive muita... como eu posso dizer ... muito mais experiência, também eu nunca gostei assim de idoso, nunca fui ... tinha medo de envelhecer, mas agora que eu vi que envelhecer é uma coisa normal, e, também, sei lá, achei legal o trabalho, e queria que vocês continuassem levando para outros colégios também, pra gente conhecer um pouco mais dos idosos, pra não falar, assim ... que idoso é aquela pessoa que fica sentada lá o dia inteiro ... assim porque a única pessoa que eu amava na minha vida era a minha avó, ai ela morreu! É só o que eu tenho pra falar”.

34

Após ouvi-los, foi realizada uma gravação com depoimentos de 3 (três) alunos. Os depoimentos foram marcantes, pois no momento da realização os alunos se emocionaram ao relatar suas experiências com os idosos e como a intervenção havia modificado seus olhares para esse universo populacional. Com isso, ficou claro o quanto havia sido importante abordar essa temática e gratificante pelo fato de realmente eles compreenderem a diversidade que marca a população idosa junto com seus problemas, dificuldades e preconceitos.

Aspecto da tela com a resposta do questionário executado on line pelos colegiais.



Para finalização da intervenção educativa como um todo, houve a aplicação de outro questionário em sala de aula para os alunos relatarem suas novas visões sobre uma pessoa idosa, mesmo depois de haver conversas com eles em sala de aula e os ouvido falar.

Durante todo o processo de planejamento, preparação, estudo na escola, várias pessoas ligadas a mesma sempre se mostravam curiosas e achavam interessante os bolsistas do PIBID-História trabalharem um tema tão importante, que é, porém, pouco falado e discutido, tanto na escola, quanto na sociedade. Foram várias as oportunidades onde professores de outras matérias interpelavam o grupo de pibidianos, trocando ideias sobre o que trabalhar com os alunos, sempre se mostrando muito interessados com o trabalho.



Esclarecimento sobre o questionário e sua função na Sala de Informática

Com esta intervenção educativa, esperou-se, a partir da prática pedagógica, fomentar a reflexão dos alunos sobre o “envelhecer”, dos idosos enquanto atores sociais, do modo de encarar a velhice e o “ser velho”, objetivando a reflexão dos estudantes sobre o envelhecimento como uma fase da vida singular e heterogênea, fase que engendra demandas específicas em âmbito social, político e de caráter individual/familiar, não raro incipientes.

BALANÇO FINAL

Após as aplicações das intervenções e atividades desenvolvidas em torno do tema Envelhecimento Humano no Colégio Estadual Osvaldo Cruz de Campo Mourão (PR), com as turmas dos 1º e 2º anos matutino, e 8º ano vespertino, o grupo levantou os resultados obtidos, os pontos positivos e os negativos.

35

Aplicação do questionário no Laboratório de Informática.



A aplicação dos questionários no Laboratório de Informática revelou logo no início algumas dificuldades que parecem ser frequentes nos colégios estaduais, como por exemplo: computadores com problema de funcionamento e falta de apoio técnico.

A aplicação do questionário no laboratório de informática foi bem aceita pelos alunos. Nas turmas do 1º e 2º anos, o questionário foi aplicado em duplas, devido a poucos computadores em funcionamento, enquanto, na 8ª série, foi possível um computador para cada aluno — sendo que esta é uma turma com menor número de alunos. Não houve transtornos ou falta de atenção, o que houve de negativo foi apenas a falta de interesse de uma pequena minoria em

responder o questionário, mas os mesmos também não interferiram na condução da aplicação, permanecendo em seus lugares até o fim. Logo após a aplicação, houve a apuração dos resultados dos questionários referentes ao tema em pauta, o Envelhecimento Humano.

Através da apuração dos resultados do questionário, ficou claro o quanto os estereótipos a respeito do “ser velho” estão em circulação, onde a imagem do idoso foi representada nas respostas da grande maioria dos alunos girando em torno da incapacidade e exclusão do meio social. Segue o link do modelo do questionário aplicado com a utilização da plataforma Google Docs: <https://docs.google.com/forms/d/1Hve6myQ-28afHA2ZaZWVpxz1STeFx2q5aKAFQHIWLx0/viewform?c=0&w=1>.

Como recursos pedagógicos para o desenvolvimento da Sala Temática sobre o Envelhecimento Humano, havia a Caixa da Conscientização e a Cabine do Envelhecimento, que foram satisfatórios. Já o Painel da Diversidade do Universo Idoso e o Painel da Visão do Aluno, onde foram expostos o resultado das atividades desempenhadas por eles nas intervenções em sala, deixaram um pouco a desejar, talvez por inexperiência do grupo de pibidianos com a metodologia adotada, a qual consistia deixar os alunos interagirem, coordenadamente, de forma livre e espontânea no interior da sala sob supervisão dos bolsistas.



À esquerda, painéis para o desenvolvimento das atividades na Sala Temática.
À direita, materiais utilizados para o desenvolvimento das atividades na sala.



Este momento, ao ver do grupo, foi um dos pontos negativos, mas com isso o grupo aprendeu sobre a condução que se deve executar a respeito dessa metodologia, devido à idade dos alunos dos Ensinos Fundamental e Médio. É preciso ir buscar o aluno, chamá-lo até o painel e ter uma rápida conversa a respeito do que está exposto. Devido a possível inexperiência, imagina-se que se os pibidianos organizassem as interatividades previstas e possíveis pela Sala Temática de forma mais centrada, buscando a atenção de todos os alunos em momentos específicos a cada exposição representada, com o que a aplicação poderia ter sido mais absorvida pelos alunos. Essa é uma impressão.

Isso, contudo, não demonstra que a aplicação no 1º ano B não tenha sido satisfatória, pois a aplicação foi, até mesmo, surpreendente.

Houve música com o professor supervisor tocando violão e todos os

alunos cantando músicas referentes ao envelhecimento humano. Também houve comentários dos alunos sobre a diversidade presente no universo idoso, onde muitos se identificaram através do painel da diversidade com imagens dos idosos andando de *skate*, pulando de *bungee jumping*, praticando esportes, dançando, trabalhando, e neste momento houve comentários como: “*Oh, quando ficar velho vou fazer igual a tiazinha ali, pulando de bungee jumping!*”. No momento, o que houve foi apenas um desnível nas atividades, em que a maior parte do tempo e da interação foram para as atividades práticas.

No turno vespertino, houve a aplicação da Sala Temática junto ao 8º ano.

Neste ano, os pibidianos buscaram nivelar a organização das atividades, deixando a metodologia de deixarem os alunos interagir de forma mais espontânea, e buscando a atenção de todos por um tempo relativo a cada atividade. Isto acabou proporcionando uma aplicação mais satisfatória, quando foi presenciada maior atenção e interação de todos com as exposições e atividades aplicadas na Sala Temática.



As atividades didáticas desenvolvidas conceberam o professor menos como um detentor exclusivo do saber a quem os alunos escutam atenciosos. O professor é mais um mediador que ajusta o interesse do aluno ao conhecimento valorizando seu conhecimento prévio do mundo e das coisas.

Após as aplicações das atividades, em dia específico, seguindo o cronograma de aulas do professor supervisor, o grupo foi à sala de aula do 8º ano vespertino, em um diálogo com os alunos a respeito das intervenções e aplicações das atividades, buscando saber o que realmente eles haviam aprendido com tudo aquilo.

Na ocasião pôde-se perceber os resultados das aplicações.

Os alunos gostaram muito, demonstraram ter adquirido maior conhecimento a respeito do tema apresentado e até pediram que continuassem as atividades para outras turmas e em outros colégios, demonstrando consciência maior sobre a importância do tema. Alunos comentaram: “*O que aprendemos é que*

o idoso tem o seu lugar na sociedade e que devemos respeitar isso” e “Devemos respeitar os idosos e seus direitos, mesmo com as limitações físicas eles fazem parte do nosso meio” (social). Logo, foram selecionados 3 (três) alunos para uma breve entrevista em vídeo a fim de manter registrado os resultados das aplicações referentes aos alunos. Na gravação, os alunos selecionados, a princípio, demonstraram-se tímidos, mas isso não interferiu para que pudessem se expressar a respeito do assunto.

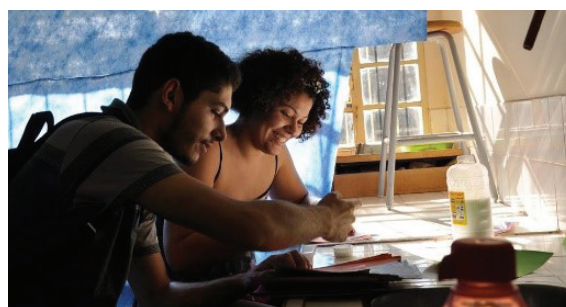
Do início ao fim das aplicações, houve total apoio do colégio, mas também houve algumas desorganizações referentes aos dias de aplicação, quando houve conflito de horários com outros eventos no colégio, o que acabou sendo limitador, como o caso do início da aplicação da Sala Temática.



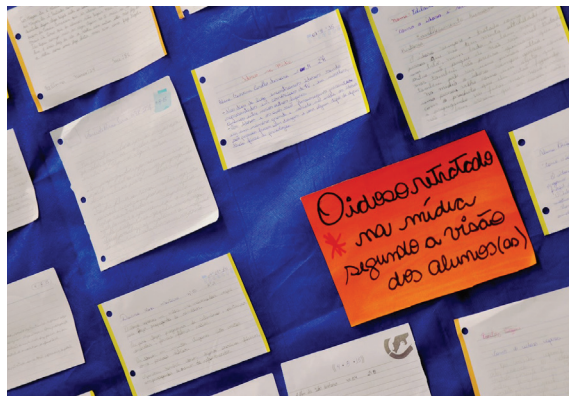
Conversa de esclarecimentos com os colegas em sala de aula

O apoio e participação direta, tanto dos professores supervisor e coordenadores, foram de total importância e relevância para o sucesso das aplicações do tema no colégio referente. Os mesmos sempre estiveram à disposição com ideias e sugestões metodológicas e participação nas aplicações das atividades. Assim como houve bom entrosamento entre os integrantes do grupo de pibidianos responsável pelo desenvolvimento e aplicação das atividades com divisão das tarefas e comprometimento de todos.

“Queria que vocês continuassem levando as atividades para outros colégios também”, disse um dos alunos da escola



O PIBID, conforme entendido pelos integrantes do grupo, não forma futuros professores para treinar alunos e alunas a fazerem provas e tirar notas. Forma para o bolsista futuro professor favorecer a vivência do processo educativo permeado pelo diálogo e o trabalho conjunto, valores da instituição escolar há muito abandonados pelo imediatismo de fins que marca uma cultura abundante de individualismo meritocrático utilitarista prático mas não reflexivo.



COLÉGIO ESTADUAL DARCY JOSÉ COSTA

RUA BICUDO, Nº 100, CONJUNTO PARIGOT SOUZA
CAMPO MOURÃO-PR



40

O COLÉGIO CARACTERIZAÇÃO GERAL

Autorizada a funcionar como colégio de Ensino Fundamental em 07 de dezembro de 1990, a escola hoje também atende alunos do Ensino Médio, funcionando nos períodos matutino, vespertino e noturno. Conta atualmente com cerca de 730 alunos matriculados.

O colégio atende a toda a Asa Leste do município de Campo Mourão. A história da comunidade escolar onde o colégio está localizado se funde com a própria construção do prédio e a história deste estabelecimento de ensino.

O espaço educacional se expandiu com o crescimento dos bairros, através de solicitações e de reivindicações junto às autoridades competentes, visto que as famílias, em sua maioria pertencentes à classe baixa, tinham dificuldades para que seus filhos se locomovessem para outras escolas centrais do município. Um dos fatores que influenciou a comunidade escolar, na década de 1990, foi o constante vai e vem das famílias que migravam e emigravam de outros bairros e municípios circunvizinhos, na busca de moradias habitacionais e melhores empregos.

Alunos/Alunas bolsistas:

Aline de Oliveira Silva
Aline Moura
Luciana Vargas Jardim
Paula Évile Cardoso
Josmar Antunes
Nágila Barbiero

Professor-supervisor:

Evandro Ritt é professor-supervisor do PIBID-História no colégio desde 2012. Mestre em História pela Universidade Estadual de Londrina (UEL), atua há 10 anos no Ensino Básico.

ATIVIDADES PREPARATÓRIAS E A INTERVENÇÃO EDUCATIVA PROPRIAMENTE DITA



Grupo de bolsistas reunidos no Colégio planejam as atividades a serem aplicadas

Como estão previstas nos termos que organizam as atividades no PIBID, as reuniões de preparação das atividades foram necessárias para a elaboração do projeto sobre “envelhecimento humano” e seu aperfeiçoamento por meio de conversas realizadas durante o período de março a julho de 2015, quando as intervenções no Colégio Estadual Professor Darcy José Costa começaram a ser efetivadas.

Os encontros em separado do grupo do colégio Professor Darcy José Costa ocorriam no Laboratório de Ensino de História (LEHIS) da própria universidade em pelo menos 2 (duas) vezes por semana, cumprindo as 8 (oito) horas semanais.

Durante esse período, o grupo do Colégio Darcy Costa concebeu o projeto sob o título de “Envelhecimento em foco: Dificuldades e Prazeres da Terceira Idade”.

A proposta foi baseada nas leituras direcionadas pelos coordenadores nos encontros preparatórios e nas pesquisas dos pibidianos a respeito do tema, de forma que se pudessem pensar possíveis atividades fundamentadas a serem levadas para a sala de aula com alunos e alunas.



Reunião de bolsistas na escola e o grupo de bolsistas



As ideias iniciais se basearam no que foi priorizado nos encontros com os coordenadores do subprojeto, em que as intervenções fossem ministradas com alternância entre conteúdos teóricos e atividades práticas.

Com base nessas instruções, pensou-se primeiramente em realizar intervenções que abrangessem turmas do Ensino Fundamental e Ensino Médio para que o tema tivesse maior alcance na comunidade escolar, assim como em várias faixas etárias. Essa ideia partiu de algumas leituras feitas baseadas na visão de que os jovens têm – ou se supunha que tinham – dos idosos, bem como na visão das crianças. Porém, o grupo ainda não havia analisado o espaço escolar e suas implicações quando formulara a proposta do “Envelhecimento em Foco”.

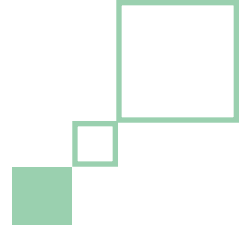
Em meio a essa procura por atividades práticas que complementassem as aulas expositivas sobre políticas públicas e envelhecimento populacional do país projetadas num primeiro momento pelo grupo, pensou-se, primeiramente, em utilizar como chamada para o projeto um renomado professor da instituição, que, a cada ano, pratica a ação de “doar abraços” a acadêmicos-bolsistas para recepcioná-los. O que chamou a atenção do grupo, de início, foi o fato desse professor ser um idoso, e sua personalidade – a qual refutaria qualquer estereótipo de que todos os indivíduos que se encontram nessa faixa etária sejam tristes e acomodados.

Outra atividade considerada para divulgar o projeto que seria iniciado foi a de utilização de recursos visuais como charges, imagens de heróis idosos – e usar as imagens do Instagram “Meus Velhos” – onde são retratadas pessoas idosas no cotidiano de São Paulo, e sobre essas imagens foram escritas poesias sobre o tempo, a vida e a velhice (<https://instagram.com/meusvelhos/>).



Imagens afixadas nas paredes da escola para sugerir a atividade sobre o idoso e a velhice.
Imagens retiradas da esquerda para direita, na sequência: www.humortadela.com.br/;
anaamigamaravilhosablogspot.com; www.piada.com.

O grupo planejara, também, aproveitar a rádio da escola, que funciona no intervalo das aulas, para compor uma playlist com o tema do “envelhecimento”. Porém, o grupo acabou optando por utilizar esses recursos, na chamada do projeto, uma semana antes de aplicá-lo: o uso de charges que abordassem a temática, imagens de super-heróis idosos e a playlist de músicas – que foram tocadas no intervalo das aulas. Veja a seguir a lista das músicas tocadas:



Amigo velho - Falamansa

Envelheço na cidade - Ira

Envelhecer - Arnaldo Antunes

O velho e o moço - Los Hermanos

Velha e louca - Malu Magalhães

As atividades práticas foram desenvolvidas inicialmente com a ideia de intervenções nos Ensinos Fundamental e Médio.

Para a aplicação do projeto em uma turma do Ensino Fundamental, foi considerada a realização de desenhos em que fossem representados avós, conhecidos e artistas idosos, no que o aluno poderia expressar, ao término do projeto, suas aprendizagens e novas perspectivas sobre a faixa etária idosa. Uma conversa sobre os idosos do convívio desses alunos, relatos de histórias e uma possível visita dessas pessoas na comunidade escolar para uma dinâmica também foi cogitada. Contudo, essa proposta acabou sendo refutada após conversas com o professor-supervisor do PIBID-História no colégio em que o grupo iria aplicar as atividades, quando seus membros foram orientados então a se restringirem ao público do Ensino Médio, especificamente 1º, 2º e 3º anos.

Para o Ensino Médio, muitas possibilidades de atividades práticas foram pensadas: questionários embaralhados que seriam respondidos com auxílio de luvas de borracha grossa para simular o tato modificado dos idosos; retratar o cotidiano dos idosos por meio de fotografias e *selfies*; produzir 2 (duas) fotografias com o tema “Dificuldades e Prazeres da Terceira Idade”; criar um circuito que representasse as dificuldades físicas dos idosos. Foram selecionados filmes sobre envelhecimento que pudessem complementar aulas expositivas (*A incrível história de Adaline* e *o Exótico hotel Marigold*) e, ainda, cogitou-se de uma apresentação de uma peça teatral a fim de finalizar o projeto “Envelhecimento em Foco” – com uma adaptação da peça do *Rei Lear*.

Houve a necessidade de adaptar o projeto segundo a estrutura do colégio, uma vez que, por parte da direção, existia a preferência de que as atividades desenvolvidas ali fossem executadas em sala de aula ou no laboratório de informática. Diante disso, o grupo mudou o local em que o projeto seria aplicado para o laboratório de informática, que dispunha de um espaço bem amplo com equipamentos que seriam úteis ao longo das aulas – como o data show, por exemplo.

As turmas foram escolhidas de acordo com as indicações do professor supervisor – o que possibilitou o acompanhamento de algumas aulas para que o grupo pudesse observar a característica de cada uma delas e o aperfeiçoamento do projeto.

Com base em alguns aspectos observados, o cronograma foi adaptado em 5 (cinco) aulas para cada turma, sendo a primeira aula uma exposição do tema, sobre as notas atribuídas a cada atividade – em que tivemos total liberdade do professor para adequá-las – e também um debate/reflexão sobre as imagens expostas no pátio do colégio.

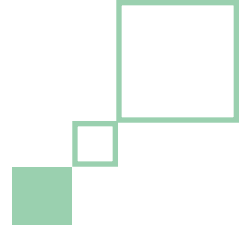
Depois de ser analisada a realidade do subprojeto de História quanto ao custeio de materiais e à estrutura do colégio envolvido, as atividades práticas escolhidas para serem executadas nesse primeiro momento restringiram-se ao preenchimento de questionários embaralhados e a utilização de luvas para preencher os questionários-padrão. Os questionários foram compostos por questões em que os educandos deveriam expressar seu conhecimento prévio sobre a temática da velhice, respondendo se havia algum tipo de convivência com pessoas idosas e que importância essa relação intergeracional tinha na vida deles. Foram ainda indagados sobre seu próprio envelhecimento e sobre os estereótipos acerca da velhice no sentido da generalização da figura do idoso.



Bolsistas acompanham, esclarecem e supervisionam a produção dos cartazes pelos alunos e alunas.

Para a realização das aulas expositivas, o grupo estudou a possibilidade de que houvesse conteúdos informativos sobre políticas públicas, envelhecimento populacional e uma amostra sobre as maiores dificuldades encontradas pelos idosos, porém de uma maneira com que os educandos pudessem entender esse processo e relacioná-lo com questões do seu cotidiano.

Os materiais de apoio foram consultados em dados do IBGE Teen, (<http://teen.ibge.gov.br/>) – a página do IBGE para o público jovem – em que se encontram informações estatísticas e geográficas sobre o país e a população, numa linguagem simples e direta, e aos estudos do médico Alexandre Kalache, presidente do Centro Internacional de Longevidade no Brasil – considerado o mais importante especialista em envelhecimento no país e um dos principais no mundo – e que dispõe de produções bem amplas disponíveis em vídeos de conferências e artigos



publicados na Web.

Encontramos um artigo que auxiliou o grupo, cujo tema era “O risco do idoso pedestre nas vias urbanas”⁵.

Essa questão foi exposta para os alunos com o objetivo de se estabelecer um debate e demonstrar que os problemas de políticas públicas não estão distantes da realidade do município em que vivemos. A atividade prática que envolvia 2 (duas) fotografias foi modificada devido aos custos com a revelação das mesmas.

Sendo assim, essa etapa das atividades práticas se fez com um roteiro de entrevista que os alunos deveriam realizar com uma pessoa idosa juntamente com o registro fotográfico desse momento, ou de situações que envolvessem essa faixa etária com o subtema “Dificuldades e Prazeres da Terceira Idade”.

Após a visita de um dos coordenadores do subprojeto PIBID de História em uma das aulas de aplicação do projeto “Envelhecimento em Foco”, e de algumas sugestões feitas por ele, foi incluída mais uma aula no cronograma de atividades.

As reuniões com o supervisor estão previstas no PIBID com o objetivo de inserir os acadêmicos no cotidiano escolar da rede pública de ensino, promovendo uma visão mais ampla sobre as realidades dessas instituições. A troca de experiência entre professor supervisor na escola e acadêmicos bolsistas pibidianos também é relevante durante essas reuniões, pois o encaminhamento do projeto se faz por meio de indicações de turmas trabalhadas por aquele. Tornando-se necessário um diálogo sobre as características dessas turmas, já conhecidas por parte do supervisor, que interage há mais tempo com os alunos e, se for o caso, seja repensado o projeto e a melhor maneira de tratar do tema proposto dentro dos aspectos observados.

45

O objetivo geral então das reuniões de preparação da intervenção foi o planejamento das atividades que seriam desenvolvidas, a análise sobre em que faixa etária nosso projeto poderia ser mais bem desenvolvido, conhecer o cotidiano da escola e as turmas em que o professor supervisor lecionava, e desenvolver o projeto sobre envelhecimento humano de acordo com as características percebidas nas turmas escolhidas. As reuniões entre o supervisor e bolsistas no Colégio Estadual Darcy José Costa iniciaram em abril e se estenderam até setembro, sendo que houve a greve dos professores em meados de abril até junho, tempo aproveitado para desenvolvimento do projeto na universidade.

Nas reuniões foi possível interação com o supervisor, de forma que nosso projeto fosse planejado e executado de acordo com a experiência passada por

5. Ver nas referências bibliográficas

esse com as turmas em que o grupo iria aplicar a intervenção educativa. Ao longo desse período, o grupo assistiu às aulas de História ministradas pelo professor, o que possibilitou a observação das características de cada turma, com o que o grupo pode colher dados a serem utilizados para a construção de atividades mais adequadas à intervenção pensada.

CRONOGRAMA DAS ATIVIDADES

DATAS	ATIVIDADES DESENVOLVIDAS
03/08 - 07/08	Apresentação da proposta para o Colégio Estadual Darcy José Costa. Exposição das charges pelo colégio.
10/08	Conversa direcionada com os alunos sobre as charges expostas pelo pátio do colégio.
12/08 - 13/08	Trabalho com dados da população brasileira sobre o envelhecimento humano trazendo um panorama geral. A proposta de atividade <i>Envelhecimento em Foco: Dificuldades e prazeres da Terceira Idade</i> , em que os alunos foram estimulados a realizar uma entrevista e registrar com uma fotografia que abordasse o tema trabalhado.
17/08	Aula reservada para a conversa com os alunos sobre as entrevistas realizadas, momento de interação entre os acadêmicos e os alunos do colégio.
19/08 e 20/08	Momento de elaboração das apresentações utilizando como fontes a entrevista e a fotografia.
24/08	Última intervenção em que os alunos apresentaram suas pesquisas relacionadas a entrevista e a fotografia, demonstrando a vivência que tiveram com o idoso.

SEMANA DO DIA 3 DE AGOSTO A 7 DE AGOSTO DE 2015

Em contato com a equipe pedagógica do Colégio Estadual Darcy José Costa, e juntamente com o professor supervisor de História, os setores administrativo e didático-pedagógico se mostraram receptivos à proposta do trabalho do PIBID História intitulada “Envelhecimento em Foco”.

Pedimos a autorização para colocar charges em todo o colégio a fim de que todos pudessem visualizar a temática a ser trabalhada, que buscava discutir o envelhecimento humano e seus estereótipos. Na reunião com professor, ele mostrou seus horários e turmas em que trabalhava, com o que o grupo teve, então, a oportunidade de escolher turmas de Ensino Médio, como o 1º ano A, 2º ano A e 3º ano A.

IMAGENS

O início do projeto se deu com a colagem de charges e outras imagens referentes ao envelhecimento na entrada do colégio distribuídas pelo corredor, sendo um local de fácil visualização. A intenção nesse primeiro momento foi chamar a atenção dos alunos para uma primeira reflexão, estimulando sua curiosidade para o motivo daquelas imagens estarem ali, e isso provavelmente se fez no colégio inteiro.

O grupo selecionou charges e imagens de super-heróis idosos que foram distribuídas no corredor de entrada do colégio, e também utilizadas na primeira aula para gerar um debate sobre o tema envelhecimento humano. Aqui o idoso foi apresentado de forma ativa, dentro de suas limitações. Mostrando a realidade no contexto de acessibilidade e políticas públicas, ou seja, em suas lutas diárias.

De início, a proposta do grupo era colar cartazes em forma de mural no colégio, porém verificou-se que chamaria mais a atenção a colagem das imagens no corredor de entrada. A intenção, aqui, foi produzir uma reflexão, estimulando a curiosidade do porquê aquelas imagens estarem ali. Nesta fase, foi tomado todo cuidado para não enfatizar os estereótipos relacionados à faixa etária. O interessante foi ver que as imagens permaneceram lá até o fim da aplicação do projeto.

47



Exposição de charges nas paredes e pilastras do Colégio Estadual Darcy Costa

MÚSICAS

Nesse momento, o grupo utilizou de recursos de mídia existentes no colégio. Lá existe uma rádio interna, onde foi selecionada uma lista de músicas sobre o envelhecimento, músicas que foram tocadas no intervalo do recreio, para chamar ainda mais a atenção sobre o tema.

SEGUNDA-FEIRA, DIA 10 DE AGOSTO DE 2015

A atividade referente ao primeiro dia presencial com a turma do projeto aconteceu no laboratório de informática do colégio.

Após a semana de chamada inicial, era hora de aplicar o projeto em sala, ou seja, a primeira aula, que, aliás, foi realizada no laboratório de informática, o qual o grupo reservou antecipadamente, uma vez que utilizaria o datashow. E também por ser um espaço amplo em que, provavelmente, os alunos iriam se sentir à vontade, além de tirá-los um pouco da rotina diária de sala de aula. Neste momento, o grupo utilizou slides e questionários.

O conteúdo do slide tinha como intenção, por ser a aula inicial, apresentar o tema do subprojeto intitulado “Envelhecimento em foco”. Mostrar a intenção do grupo em relação ao projeto e o porquê trabalhar esse tema, de apresentar o plano de atividades e de conversar sobre as charges com os alunos. Veja o slide a seguir, que abria a conversa, apresentando a atividade.



QUESTIONÁRIO I – Aplicado para os alunos e alunas na intenção de compreender o que os jovens pensam a respeito do tema. Com letras embaralhadas, alunos respondiam utilizando luvas de borracha, quando o grupo simulou a diminuição da coordenação motora e da visão, comuns no processo de envelhecimento.

QUESTIONÁRIO II - Deveria ser respondido por um idoso que o aluno conhecesse, para o que o aluno pudesse desempenhar a função de mediador da entrevista.

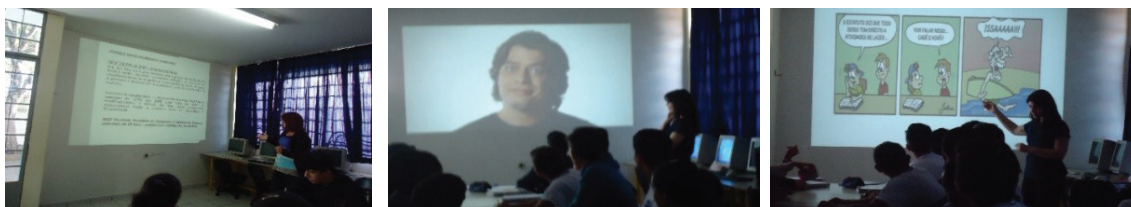
No **QUESTIONÁRIO I**, o grupo observou os estereótipos que carregavam os alunos e as alunas sobre a velhice. Alguns tentavam mostrar os idosos com muitas qualidades, como se não houvesse limitações, e outros já abordavam a

velhice como sendo o fim, com muita negatividade em relação a esta etapa da vida.

Sobre o **QUESTIONARIO II**, os alunos estranharam a proposta, alguns diziam que não conheciam nenhum idoso. Daí, o grupo propôs que poderia ser qualquer idoso que aceitasse responder as questões. Até que foi a hora de se pedir para que os alunos fizessem em dupla, quando então eles aparentaram aceitar a proposta de atividade.

O propósito dos questionários, tanto o aplicado aos alunos quanto o aplicado aos idosos, foi o de verificar em que as representações de uns e outros variavam. Para então trabalhar as aulas a seguir, guiadas pelas informações coletadas. Veja os slides com os arquivos a seguir em pdf.

Nessa aula, foi apresentado para a turma o programa do projeto “Envelhecimento em foco”, suas intenções, de modo que eles pudessem compreender todo o processo na construção das atividades que o grupo iria aplicar. Houve uma conversa direcionada pelas charges sobre representação do idoso pelos alunos afixadas antes, a convivência e o que achavam do tratamento da sociedade para com essa faixa etária. Nesse momento pudemos perceber que estudantes estavam confortáveis com o tema e houve um diálogo das experiências deles e as dos bolsistas PIBIDIANOS.

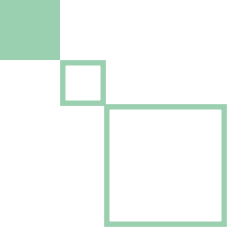


Flagrantes da exposição das atividades a serem desenvolvidas e os fundamentos do tema do projeto.

Logo após a conversa foram distribuídos questionários referentes ao processo de envelhecimento, juntamente com a simulação de algumas dificuldades motoras de pessoas velhas. As respostas dissertativas surpreenderam, devido à sinceridade dos alunos sobre as relações intergeracionais: ora mencionavam a relevância dessas, ora manifestavam impaciência com algumas atitudes daquele “velho” que mencionavam.

QUARTA-FEIRA, DIA 12 E 13 DE AGOSTO DE 2015

Na segunda intervenção, o grupo apresentou o artigo 22º da Lei 10.741 de 2003, o Estatuto do Idoso, que preconiza: “Nos currículos mínimos dos diversos níveis de ensino formal serão inseridos conteúdos voltados ao processo de envelhecimento, ao respeito e à valorização do idoso, de forma a eliminar o preconceito e a produzir conhecimentos sobre a matéria”.



Na intenção de trabalhar o tema envelhecimento humano, buscou-se entender a questão social e desmistificar estereótipos relacionados à velhice, foi explicado o motivo de o tema estar em discussão: aumento da longevidade da população brasileira, com dados, por exemplo, sobre a faixa etária com mais de 65 anos. Essa avançou de 5,9% em 2000 para 7,4% em 2010. O envelhecimento é reflexo do mais baixo crescimento populacional aliado a menores taxas de natalidade e fecundidade, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Pessoas com mais de 60 anos somam 23,5 milhões dos brasileiros.

O grupo apresentou as atividades a serem realizadas, como Questionário em sala de aula, Roteiro para Entrevista – que foi aplicado pelos alunos a idosos (em dupla). O grupo propôs uma atividade com fotografia, quando os alunos deveriam retratar os “prazeres ou dificuldades da terceira idade”, com elaboração da apresentação e debate com os acadêmicos bolsistas em sala de aula, até o momento de finalização da apresentação do tema.

SEGUNDA-FEIRA, DIA 17 DE AGOSTO DE 2015

Em sala de aula, o grupo conversou com os alunos sobre o desenvolvimento das atividades das entrevistas com um idoso e sobre o registro fotográfico.

Na segunda aula, foram utilizados slides novamente, e aqui o grupo trabalhou dados sobre o aumento da expectativa de vida, com projeções do IBGE, gráficos sobre políticas públicas voltadas ao atendimento de necessidades e direito do idoso, e também foram mostradas as possibilidades na velhice para desconstruir estereótipos voltados a ela.



Flagrantes da exposição das atividades a serem desenvolvidas e os fundamentos do tema do projeto.

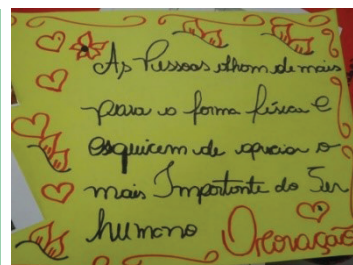
Na terceira aula, foi utilizada a fotografia para a confecção de cartazes com o tema “Prazeres ou dificuldades da terceira idade”.

Essa foto deveria ser tirada pelos alunos sobre o tema acima e, após o registro, eles teriam que mandá-lo para os integrantes do grupo pelas opções *whatsapp* ou *e-mail*, para que o grupo pudesse revelar e trazer para eles colarem nos cartazes na aula seguinte. Para a fabricação dos cartazes, os alunos tiveram

que elaborar uma frase relacionada à imagem que escolheram fazer a fim de apresentarem para a sala na aula seguinte. Veja, abaixo, o exemplo de 2 (dois) cartazes de diferentes alunos. O primeiro foi de um aluno que não fez a foto, mas surpreendeu com desenho. E, no segundo, uma frase muito bem elaborada por outro aluno.



Material produzido pelos alunos.
À esquerda, o uso do desenho,
à direita frase feita sobre uma
fotografia registrada.



O diálogo com eles foi produtivo, pois o grupo conheceu melhor quem fora entrevistado — e o que chamou mais atenção no aluno, no decorrer das perguntas, foi que alguns mencionaram informações na entrevista que desconheciam, como, por exemplo, a idade da avó.

Foi possível notar que alguns entrevistados se sentiam incomodados com o fato de não aceitarem pertencer a esse grupo geracional e de idade, porém houve aqueles que foram bem receptivos, pois alguns alunos registraram as falas dos próprios familiares, o que facilitou no direcionamento da entrevista.

Foram levadas para os alunos as fotografias enviadas por eles, que foram reveladas, e inclusive algumas alunas faziam perguntas como “*posso tirar mais fotos?*”, “*agora tive outras ideias*”.

QUARTA-FEIRA, DIA 19 DE AGOSTO DE 2015

51

Na penúltima atividade, o grupo realizou uma reflexão sobre um vídeo de uma profissional geriatra que discorria sobre a relação que temos com o tempo, a vida e a morte.

A última atividade teve como abertura o vídeo “A morte ensina a viver” da especialista em cuidados paliativos Ana Claudia Quintana Arantes, em que fala sobre vida e o tempo. (ver: <https://www.youtube.com/watch?v=MWwbYmGaDml>).

Atividades de confecção
dos cartazes.



Após uma conversa sobre o vídeo, foi desenvolvida a atividade de produção de cartazes para que as entrevistas e as fotografias fossem utilizadas pelos alunos como maneira de demonstrar de que forma a atividade “Dificuldades e Prazeres da Terceira Idade” havia sido conduzida por eles. Nesse momento, foram mostrados para a turma o perfil dos entrevistados, a descrição das fotografias dispostas no cartaz – as quais, em muitos casos, as frases entoadas promoviam reflexões sobre o envelhecimento humano gerando um debate no decorrer da aula de apresentação desses materiais produzidos pelos educandos.



Nas atividades de confecção dos cartazes.

52

Aqui o grupo pôde fazer uma fala mais subjetiva acerca da intervenção do PIBID-História na escola com o projeto sobre o “Envelhecimento humano”, sobre a importância em reconhecermos que não somos os únicos que temos dificuldades e que olhar para o outro pode contribuir muito para a maneira com que lidamos com a vida. Após essa ocasião, os alunos iniciaram a confecção de cartazes com as fotos que trouxeram, ou desenhos, com o tema “Dificuldades e prazeres da terceira idade”.

O grupo dividiu os materiais para confecção da apresentação – que poderia ser por meio de cartazes.

O grupo deixou tocar algumas músicas para que talvez pudessem inspirar algumas ideias, músicas como: Envelhecer – Arnaldo Antunes, Capitão Gancho – Clarice Falcão, Eu nasci há 10 mil anos atrás – Raul Seixas, Envelheço na cidade – Ira, O velho e o moço – Los Hermanos, Velha e louca – Mallu Magalhães, Paciência – Lenine.

Notou-se que a maioria das fotos usadas pelos alunos se dividiam em dois grandes temas: idosos com os quais os alunos tinham vínculo afetivo – como os avós – e os problemas de acessibilidade da cidade – ocasionados por buracos nas calçadas e nas ruas, assunto que havia sido tratado durante as discussões nas aulas anteriores. Foi notado, ainda, também o capricho com que se dedicaram a esta atividade, tanto que o tempo desta aula não foi suficiente para a conclusão dos cartazes, que só acabou acontecendo na aula seguinte.

SEGUNDA-FEIRA, DIA 24 DE AGOSTO DE 2015



Fotografias de colegas na realização da entrevista com idosos.

Na última ação da intervenção, foram realizados os últimos ajustes dos alunos nos cartazes e uma breve apresentação destes.

Nessa aula, estabelecemos um contato maior com os educandos, quando houve uma conversa sobre as perspectivas encontradas nas entrevistas realizadas, as constatações diante das falas dos idosos sobre suas vivências e sobre a velhice e as observações feitas nos espaços públicos registrados pelas fotografias quanto à qualidade das calçadas, altura dos veículos de transporte público etc. Houve dois relatos nesse aspecto, como quando um aluno relata que seu avô gostava de carros e não se importava que seus familiares implicassem com ele por causa disso. Comenta que ele curte a

vida; e houve, ainda, a observação de muitos sobre a condição das calçadas e a acessibilidade — fato relevante devido a presença de uma aluna com deficiência física na turma do 1º ano do Ensino Médio em que o projeto foi executado.



Bolsista instrui colegas para a realização das atividades.

O grupo ficou muito satisfeito com a qualidade dos materiais produzidos: o uso de imagens para compor pensamentos sobre a velhice, as fotos, foram utilizadas com o objetivo de demonstrar as relações intergeracionais com relatos sobre a vida do idoso registrado ou daquele com quem conviviam, embora se pôde constatar, em alguns casos, um tom, ainda, de preconceito na fala de alguns alunos quanto aos hábitos dessa faixa etária.

O grupo notou que grande parte da turma tem contato com, pelo menos, um idoso e que a relação influencia na maneira como eles enxergam o velho na sociedade. De certa forma há uma generalização na figura do velho. O grupo tinha como objetivo realizar reflexão sobre os estereótipos acerca da velhice, de fazer com que os alunos pensassem na própria velhice e também nas dificuldades e nos prazeres desta, reconhecendo que aquela Terceira Idade a que se referiam não é homogênea, pois cada indivíduo desse grupo apresenta características próprias.

O discurso predominante em relação ao idoso foi aquele relacionado ao “respeito”.

O objetivo do projeto realmente era esse, fazer com que houvesse uma maneira diferente de pensar as pessoas que possuam uma idade mais avançada e, como consequência, maior limitação nas suas atividades. Mas é importante perceber que esse discurso não é apenas uma repetição daquilo que, falado na mídia ou até mesmo na escola, realmente é verdadeiro. Enfim, esse é um ponto a considerar, embora não seja tão simples encontrar a repostagem.

Esta aula foi uma das mais importantes, pois foi nela que o grupo pôde observar o fruto do trabalho.

No fim, percebia-se que aqueles alunos os quais, no primeiro contato, disseram que nunca haviam pensado sobre seu próprio envelhecimento, agora estavam refletindo sobre o tema, inclusive pensando sobre seu futuro, sobre como queriam estar na velhice e o que teriam de fazer para que esses planos se concretizassem.



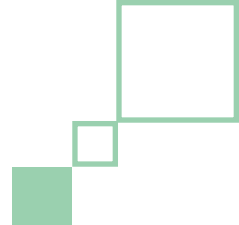
Fotografias de colegas na realização da entrevista com idosos.

BALANÇO FINAL

Quando o grupo fez os primeiros contatos com o Colégio Estadual Darcy Costa, com os bolsistas se reunindo com o supervisor, não havia ideia de como seria a recepção dos alunos, por isso o grupo decidiu assistir a algumas aulas antes de começar a intervenção. O grupo foi se aproximando e conhecendo melhor as turmas com as quais iria trabalhar e percebeu-se que não seria uma tarefa fácil.

Como as turmas escolhidas eram as do Ensino Médio, que contemplavam uma faixa etária de 14 a 18 anos, ou seja, a juventude, obviamente o grupo se preocupou em como iria lidar com as características próprias dessa idade, com a necessidade da socialização, os hormônios a florados, a impaciência — enfim, com aquilo que é normal nessa fase da vida.

Notou-se que os alunos conversavam muito durante as aulas e não



conseguiram se manter concentrados no conteúdo, sendo facilmente dispersados por conversas paralelas com os colegas e isso trouxe algumas preocupações. O tema que o grupo trabalharia, o do Envelhecimento Humano, não era comumente discutido entre eles e poderia, inclusive, ser rejeitado. Então, o grupo focou muito em utilizar métodos que despertassem e prendessem a atenção dos alunos.

Nesse sentido, espalhar as charges pelo colégio foi uma decisão acertada, pois o grupo conseguiu fazer com que alunos e alunas refletissem um pouquinho sobre o tema mesmo antes de saber que ele seria o motivo da intervenção. Posteriormente, já em contato como membros do grupo, muitos alunos vieram comentar sobre as charges, o professor supervisor também nos disse que os alunos estavam se questionando sobre o motivo de as charges estarem espalhadas pelas paredes do colégio.

Quando as intervenções começaram, o grupo viu o esforço trazendo retorno.

A aplicação do primeiro questionário, o qual foi produzido com o intuito de conhecer melhor a visão que os colegiais tinham da terceira idade e os possíveis estereótipos reproduzidos por eles, deu um norte para a condução das atividades posteriores.

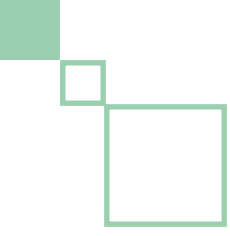
A invisibilidade dos idosos perante os adolescentes jovens pôde ser evidenciada quando a maioria dos alunos e alunas estava respondendo que não convivia com nenhum idoso. Então, o grupo explicou-lhes que esse idoso não precisava ser necessariamente “da família”, mas também um funcionário do colégio, um vizinho etc. Ou seja, alguém com quem ele tivesse uma proximidade mínima. Depois de alguns minutos refletindo, muitos alunos mudaram sua resposta.

55

Quanto a seu próprio envelhecimento, quase metade dos alunos declarou nunca ter pensado sobre o próprio envelhecimento, e os que pensaram renderam respostas curiosas, como, por exemplo, um aluno que disse se imaginar em seu sítio, com sua esposa e filhos pescando. Outro disse que queria frequentar os bailes da terceira idade e muitos disseram que se imaginavam chatos e implicantes.

Na questão em que deveriam marcar as características que, na opinião deles, correspondiam aos idosos, houve uma surpresa.

Muitos deles marcaram quase todas, tanto as positivas quanto as negativas, justificando que *“assim como um adolescente ou um adulto, o idoso pode ser de qualquer forma, não tem um padrão”*, ou seja, quebrando estereótipos. Isso deixou o grupo todo muito feliz, já que mostrar a pluralidade do idoso era um dos objetivos traçados.



Outro ponto interessante sobre o questionário foi a respeito da forma com que o grupo o aplicou. A ideia de embaralhar algumas letras e utilizar luvas de borracha funcionou muito bem, todos queriam usar as luvas para sentirem-se um pouco como é a sensibilidade de uma pessoa idosa. Porém, devido à falta de recursos financeiros para comprar as luvas, intercalamos os questionários em que elas seriam usadas e os questionários embaralhados, ficando metade da turma com um, e o restante com outro.

Nessa primeira aula, o grupo teve também a preocupação de saber de que forma poderiam delimitar a atividade da fotografia, que seria feita bem mais para frente. A ideia, a princípio, era que elas fossem enviadas por e-mail, mas, quando aos alunos foi perguntado quem sabia mexer na ferramenta, todos disseram que não tinham quase nenhum ou nenhum contato com ela. Nesse momento, percebeu-se uma diferença geracional bem simbólica entre nós e eles, já que o e-mail ainda é uma ferramenta utilizada por nós quase que diariamente. Por fim, ficou decidido que seria por um aplicativo de conversas instantâneas de celular.

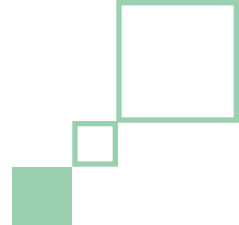
Infortunadamente, na segunda aula, quando o grupo trabalhava com alguns gráficos, ficou clara a dificuldade de interpretação dos gráficos por parte dos alunos. Mesmo os mais simples não eram facilmente entendidos por eles, inclusive pelos colegas do 3º ano do Ensino Médio. O grupo forçou sua didática para que os estudantes pudessem compreender as informações que os gráficos continham.



Atividade com luvas de plástico para simular o tato dos idosos.

O fato de o grupo, ainda nessa aula, ter trazido a questão da falta de preparo do trânsito para com os idosos foi muito importante para que os alunos se sentissem mais íntimos à temática do envelhecimento humano, pois os problemas levantados sobre acessibilidade são muito recorrentes na cidade em que moram. Não à toa, foi um dos temas mais abordados nos cartazes produzidos ao fim da intervenção. A todo o momento, alguém contava uma história sobre uma avó, um vizinho, ou até mesmo um conhecido, que sofrera uma queda devido a algum buraco na calçada ou teve um atropelamento ocasionado pela falta de sinalização nas ruas.

Quando, com a intenção de promover a aproximação entre os jovens e os



idosos, foi proposta a atividade da entrevista em dupla, muitos alunos expuseram novamente o seu pouco contato com pessoas dessa faixa etária. Porém, aos poucos foram pensando em possibilidades e as entrevistas acabaram sendo feitas com algum parente próximo de um dos alunos.

A aula seguinte não foi programada, mas fez-se necessário encaixá-la no cronograma.

Era o dia da entrega da entrevista e o grupo não queria que essas histórias coletadas ficassem perdidas apenas como mais uma atividade, então veio a ideia de sentar e conversar com todas as duplas, falando não só sobre a atividade, mas do projeto como um todo. Essa ação foi fundamental para aprofundar a relação que o grupo havia começado há poucos dias com os estudantes, quando o grupo sentiu o resultado positivo dela nos últimos dias de sua atuação no colégio.

Uma das formas que o grupo encontrou para tentar prender a atenção dos alunos foi exibindo alguns vídeos. A decisão foi acertada.

Um dos vídeos era o trecho de uma palestra e dialogava diretamente com o ouvinte. Quando o palestrante, no vídeo, propõe aos convidados que eles fechem os olhos, todos os alunos fecharam também, espontaneamente, sem que o grupo pedisse. Em seguida, o palestrante pergunta “onde você quer estar na noite do seu aniversário de 80 anos?”. Vários alunos responderam em voz alta e as respostas foram diversas. Um brinca que “*quero estar em um ‘bailão’*”, outro que quer estar com a família, e muitos disseram que “*enterrados*”, pois não acreditavam viver até essa idade. Ao longo do projeto esta última visão foi sendo desconstruída⁶.

57

A quarta aula foi a mais descontraída, pois foi nela que os alunos puderam usar de toda sua criatividade para criar os cartazes com as fotografias que eles mesmos haviam produzido. Porém, existia um problema: alguns alunos alegaram que não conseguiram cumprir a atividade da fotografia por falta de tempo. Naquele momento, o grupo é que teve de lidar com realidades diferentes.

Alguns dias antes, uma das integrantes da equipe de bolsistas relatou ao grupo que vira um dos estudantes na rua, com graxa nas mãos, provavelmente voltando do trabalho. Também disse que encontrou outro no mercado, uniformizado, também trabalhando. Essa era a realidade de muitos alunos, inclusive menores de idade, que precisavam da dupla jornada para ajudar nas despesas de casa.

Com essa problemática, o grupo abriu a possibilidade dos estudantes que não haviam trazido a fotografia poder desenhar ou escrever um poema sobre o tema para apresentar. Essa ideia rendeu ótimos frutos, desenhos incríveis

6. Link para o vídeo: https://www.youtube.com/watch?v=grq_dTt23CYA

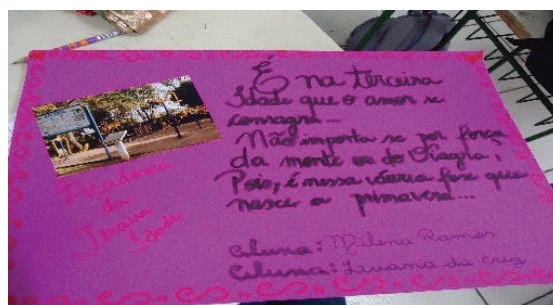
foram produzidos. Alguns remetiam às charges apresentadas na primeira aula, outros retratavam o problema da acessibilidade e outros eram mais simples, mas completados por frases de efeito que focavam quase sempre no respeito.



Bolsista pibidiana esclarece, supervisiona e instrui a produção dos cartazes.

A última aula foi uma das mais importantes, pois foi nela que o grupo pôde observar o fruto do trabalho. A apresentação dos cartazes foi durante a quarta aula.

58

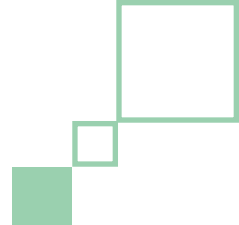


Durante as atividades de apresentação dos cartazes confeccionados

Nesse momento, a intenção da apresentação era apenas que contassem para a turma a frase que escolheram, a foto que tiraram e o porquê escolheram.

Infelizmente alguns alunos resistiram à apresentação, porém todos produziram o cartaz, cada um a sua maneira. Nesta fase, o grupo percebeu o quanto conseguira atingir aos alunos com o projeto, principalmente sobre a mudança no olhar do adolescente jovem em relação ao idoso. Já que estar ali propondo formas diferentes de abordagem para se trabalhar novos temas, fez os integrantes bolsistas do grupo compreenderem a importância de estar em constante contato com a academia e com a pesquisa, tanto pelas atualizações das perspectivas de ensino, quanto por se produzirem novos métodos que aprimorem o aprendizado e interesse do aluno.

Os primeiros dez minutos foram reservados para que os alunos pudessem terminar seus cartazes, depois disso as duplas começaram as apresentações. A primeira dupla já começou com um depoimento que deixou todo mundo muito feliz, uma vez que falou sobre como o projeto mudara seu olhar sobre a questão do envelhecimento, com o que agradecia o grupo por isso.



As apresentações seguintes também foram bem interessantes, muitos alunos abordaram as questões sobre a dificuldade no âmbito da saúde no envelhecimento, porém sempre falando sobre como é possível ser feliz mesmo com esses problemas. Houve também duplas que falaram sobre a entrevista que fizeram com os idosos, muitos disseram que estes relataram não sofrer nenhuma dificuldade atualmente e que estão vivendo a melhor fase de suas vidas, principalmente as idosas.

A história mais curiosa relatada nesse momento, talvez, tenha sido a de um avô de um dos estudantes, que estampava seu cartaz. Ao fim de sua apresentação, ele comunica ao grupo que aquele senhor da foto iria se casar novamente, aos quase 70 anos, nos próximos dias. Houve vários comentários positivos por parte do restante da turma, alguns em tom de brincadeira, mas muitos em tom de admiração.

Houve também histórias tristes, como a de uma aluna que trouxe a foto de uma avó que já havia falecido, e explicou que a convivência com ela nos seus últimos anos de vida havia sido bem complicada, pois ela tinha Alzheimer e dependia de cuidados constantes. Deu pra sentir que toda a turma se comoveu com a história e muitos comentaram sobre a importância de preservar sua saúde ainda na juventude a fim de que pudessem aproveitá-la na velhice.

Um dos últimos cartazes apresentados trouxe uma reflexão superinteressante para toda a turma.

A dupla que não havia levado a fotografia fez um desenho de idosos na fila do banco. Na apresentação, explicou que é muito importante respeitar essas filas, mas que se nós realmente fôssemos educados, elas nem precisariam existir, pois, fazendo uso do nosso bom senso, nós deveríamos ceder nosso lugar aos idosos de forma espontânea. Precisar de leis para garantir isso mostra o quanto ainda somos mal-educados e o quanto não conseguimos ter noção das limitações físicas da velhice.

Para quase todos do grupo do PIBID História no Colégio Darcy Costa, o projeto foi o primeiro contato com uma sala de aula na função de professor. Os medos que os integrantes tinham antes do início, e até durante a intervenção, eram inumeráveis, mas a vontade de desenvolver uma reflexão por parte dos alunos sobre o tema do envelhecimento humano também não era quantificável.

Foi notável a surpresa pela escolha da temática, não só da parte dos alunos, como também da parte dos professores do colégio.

A princípio, a reação foi de estranhamento, mas depois percebiam a

importância em abordar o assunto nas escolas. Também o grupo ouviu alguns comentários de professores que não simpatizavam muito com o programa PIBID, dizendo frases como “você acreditam mesmo nisso?” “você acham que isso funciona?”, às quais sempre os integrantes do grupo respondiam com educação, uma vez que compreendiam a descrença dos professores, até pela pressão do dia a dia da educação pública, a qual impede, muitas vezes, que o professor tenha tempo de se dedicar a desenvolver e aplicar novas metodologias. Mas a resposta era que “sim”, os integrantes do grupo acreditavam no que estavam fazendo.



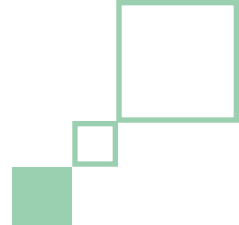
Colegiais durante a atividade de produção dos cartazes.

Algumas coisas deram certo, outras poderiam ser lapidadas, outras acrescentadas, mas, de modo geral, o grupo acreditou, e as apresentações finais dos alunos deram suporte para crer nisso, o de ter cumprido o objetivo inicial e, ainda, de forma quase pioneira — já que todos os estudantes disseram nunca terem tido qualquer contato com o tema do Envelhecimento Humano dentro da sala de aula.

Trabalhar o tema do Envelhecimento Humano no Colégio Estadual Darcy José Costa foi muito gratificante, tanto pela receptividade da equipe pedagógica, funcionários, professores e, principalmente, pelos alunos, que aceitaram muito bem a proposta temática. De início houve estranhamento por parte de alguns, que diziam: “*Nossa que tema diferente*”, ao que o grupo dizia: “Diferente e necessário”.

Acredita-se que esse estranhamento se deu em forma de estereótipos que são socialmente atribuídos em relação à velhice, além do fato de ser um tema fora do que os alunos estavam acostumados a ver em outros anos de PIBID no colégio. Mas isso não desanimou os pibidianos bolsistas, ao contrário mostrou a necessidade e a responsabilidade de trabalhar o envelhecimento em sala de aula, trazendo a preocupação de desenvolver questões favoráveis ao envelhecimento como um desafio a ser superado.

No desenvolvimento das atividades, juntamente com a supervisão e coordenação do subprojeto, foi pensado qual teoria e prática melhor se enquadrariam com as características do colégio, com as turmas, com o espaço e com o tempo que o grupo teria para aplicação da intervenção educativa. O que foi um ponto a mais na formação dos futuros docentes, tanto pelo pesquisar, planejar,



rever, ajustar, aplicar, mas, principalmente, por se tratar de um tema importante e ainda pouco explorado pelas instituições escolares.

No fim, o grupo percebeu que aqueles que, no primeiro contato, disseram que nunca haviam pensado sobre seu próprio envelhecimento, agora estavam refletindo sobre o tema, inclusive pensando sobre seu futuro, sobre como queriam estar na velhice e o que teriam que fazer para que esses planos se concretizassem.

Durante o encaminhamento das atividades, o grupo procurou expor o tema e o plano de atividades ao professor supervisor, para o bom funcionamento da intervenção. Foram passadas ao grupo as normas internas e a burocracia necessária para se providenciar com antecedência, como usar aparelhos e as salas de uso comum. Após isso, o grupo conheceu os horários e as turmas nas quais iria trabalhar. Assistiram algumas aulas como um contato inicial com alunos e alunas a fim de adaptar o projeto a cada turma a ser trabalhada. Para aplicação das atividades, ficou decidido que o foco era desenvolver com alunos dos 1º, 2º e 3º anos A, já que o tempo não permitia expandir para mais turmas além dessas.

A partir dos materiais utilizados e da preparação das atividades, o grupo seguiu, de forma geral, 2 (duas) etapas iniciais, sendo chamadas com duração de 1 (uma) semana, ainda sem intervenção em sala de aula.

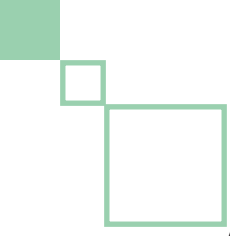
ANEXOS

Anexo I⁷

61

1. Qual o termo que você usaria para designar uma pessoa com mais de 60 anos?
2. Você convive ou já conviveu com pessoas idosas? Comente como foi a experiência.
3. Esse convívio entre gerações pode ser considerado positivo? Por quê?
4. Você já pensou sobre o seu próprio envelhecimento?
5. Entre as alternativas, marque as que correspondem ao idoso:

7. Perguntas dos questionários realizados com os alunos com luvas ou com letras embaralhadas. O questionário com luvas ou letras embaralhadas visava simular situações vividas pelo avançar da idade relacionadas à perda de funções motoras e à perda progressiva da visão, comumente.

- 
- () Alegre () Doente
() Progressivo () Arrogante
() Valorizado () Dependente
() Saudável () Sedentário
() Interessante () Triste

Anexo II⁸

Nome:

Idade:

Cidade onde nasceu:

Desde que ano mora em Campo Mourão:

1. Que profissão exerce (exerceu)?
2. Na sua juventude, como você imaginava que seria sua velhice?
3. O que você imaginava sobre a velhice quando era jovem se confirmou hoje ou não?
4. Como é essa fase da sua vida para você?
5. O tratamento que as pessoas tinham com os idosos antigamente, a seu ver, modificou muito comparado aos dias atuais?
6. No que diz respeito à acessibilidade na cidade. Você acha que melhorou nos últimos anos? O que você acha que poderia melhorar?

8. Roteiro da entrevista entregue aos alunos para fazerem com pessoas idosas.

Ao favorecer a realização de atividades educativas com grande dose de auto-planejamento sem a obrigação imposta pelos componentes regulatórios instituídos pelo sistema de ensino e pela dinâmica da instituição escolar, o PIBID aciona a pesquisa e a observação da escola e de suas dinâmicas humanas por outros olhares, facilitando, da parte do futuro professor, o gesto de criação e de inventividade existente em todo ato educativo original e renovador.



O PIBID favorece a relação estreita entre professores, e entre alunos e professores, rompendo com a tradição de organização escolar que centraliza em um sujeito todo o conhecimento e desdenha o saber que os demais, alunos e alunas, trazem de suas vidas para debatê-lo, criticá-lo e avaliá-lo na escola. Não há quem não saiba algo em matéria de envelhecimento humano e a velhice como fase da vida.

COLÉGIO ESTADUAL DE CAMPO MOURÃO

RUA AV. GUILHERME DE PAULA XAVIER, Nº 795, CENTRO
CAMPO MOURÃO-PR



64

O COLÉGIO CARACTERIZAÇÃO GERAL

Fundado em 29 de julho de 1955, o colégio conta com aulas nos períodos matutino, vespertino e noturno e atende cerca de 1410 alunos matriculados, sendo que, além dos ensinamentos Fundamental e Médio, a escola oferece os seguintes cursos profissionalizantes: técnico em informática, técnico em administração e curso de formação de docentes (antigo magistério). Seu público é bastante diversificado, oriundos da zona urbana, tanto da área central como dos bairros Jardim Copacabana, Lar Paraná, entre outros, e ainda alunos vindos da zona rural.

Segundo o Projeto Político Pedagógico de 2012, os alunos são filhos de pais que trabalham no comércio, na educação, na agricultura familiar, profissionais autônomos entre outras profissões. A maioria dos alunos mora com pai e mãe cuja escolaridade, hoje, é o Ensino Médio. Moram em casas com saneamento básico e o número de membros por família é de, aproximadamente, 4 (quatro) pessoas. A religião predominante é a católica, seguida da evangélica. Pelo fato dos pais trabalharem fora, apresentam dificuldades para acompanhar a vida escolar dos filhos.

O colégio possui grande quadro de funcionários. De acordo com o Projeto Político Pedagógico são 174 professores, em sua maioria pós-graduados e alguns com mestrado; 8 professores pedagogos com a função de coordenar e implementar as Diretrizes e o Regimento Escolar; 18 agentes educacionais I e II; agentes educacionais II que possuem as funções relacionadas ao suporte, preservação e preparação da merenda; 2 diretores auxiliares e 1 diretor geral.

Alunos/Alunas bolsistas:

Guilherme Faoli
Sandro Alves
Pedro Pettersen
Lucas Zukovski de Oliveira
Renan Lourenço da Fonseca
Rodolfo de Carvalho Singer

Professor-supervisor:

André Aparecido Afllen é o professor supervisor do PIBID-História no colégio desde abril de 2014. Formado em Geografia, com Licenciatura Curta em História, especialista em Planejamento Geoambiental pela UNESPAR, em 1990. Atua desde 1992 na Educação Básica.

ATIVIDADES PREPARATÓRIAS E A INTERVENÇÃO EDUCATIVA PROPRIAMENTE DITA



Integrantes do grupo de bolsistas reunidos para planejamento das atividades.

65

No que diz respeito às reuniões coletivas, estas foram realizadas inicialmente no interior da universidade (por conta do contexto da greve), abrangendo um período médio de 4 (quatro) horas de duração semanal. Não foi traçado um objetivo específico durante as primeiras reuniões: apenas foi discutido o tema do envelhecimento humano, expondo o que o grupo já sabia em relação a este assunto. A partir da terceira reunião, o grupo começou a pensar o tema dentro do contexto da sala de aula e projetou alguns esboços de atividades, analisando quais procedimentos seriam viáveis ou não.

Inicialmente pensou-se aplicar três atividades distintas, uma em cada turma: um **web exercício**, que consistiria em uma atividade realizada através da utilização da internet, onde os alunos pesquisariam a relação idoso - história, para uma posterior discussão com os pibidianos. Uma segunda atividade pensada foi uma oficina de cartazes composta de trabalhos realizados pelos alunos que

trouxessem como tema os distintos tratamentos dispensados ao idoso durante a história e sua importância, dentre as mais variadas culturas, mostrando o que foi “herdado” de positivo e negativo do tempo passado. Na terceira atividade o grupo planejou trabalhar com os alunos as representações de idosos na música, na literatura, em gibis, artes plásticas etc., buscando mostrar como os estereótipos são repassados através dessas ferramentas e absorvidos pela sociedade.

O grupo decidiu, no entanto, modificar as ideias pré-estabelecidas, por causa das seguintes questões: foi constatado que a internet da escola e seus computadores não estavam funcionando, e uma grande parte dos alunos não tinha acesso à internet fora do ambiente escolar, o que contrariava certo discurso de que a internet é algo de acesso praticamente universal no Brasil. A atividade relativa à oficina de cartazes poderia, para se obter um maior proveito, ser modificada e ampliada. O grupo modificou, também, a atividade sobre as representações de idosos, escolhendo por trabalhar paródias.



Integrantes do grupo de pibidianos reunidos na biblioteca da escola para tomada de decisões.

Após um encontro com os professores coordenadores e o professor supervisor, o grupo decidiu transformar estas três atividades em uma atividade só, composta por três momentos e aplicada da mesma forma em 2 (duas) turmas: uma investigação inicial, objetivando compreender o que os alunos pensam sobre o tema; uma atividade de cartazes que expusesse a situação do idoso nos sucessivos períodos da história. Para elaborar a *atividade da linha do tempo*, foi definido que esta seria montada através da utilização de cartazes, pincéis atômicos, canetinhas, régua, tesouras, recortes de revistas e gravuras fornecidas pelos pibidianos. Com relação aos cartazes, calculou-se que seriam utilizados 10 (dez) em cada turma, porém foram requisitados 12 (doze) cartazes por motivo de prevenção. Como a linha do tempo foi composta para 5 (cinco) períodos históricos em sequência, utilizamos cinco cores diferentes de cartazes.

E em um momento final, onde os alunos confeccionariam paródias de letras de músicas e de poemas, para, posteriormente, apresentá-las no salão nobre do colégio para seus colegas e para o grupo de música do Centro de Convivência dos Idosos (CCI) *Seresteiros do CCI*, de Campo Mourão. Este momento final foi planejado

no sentido de socializar alunos e idosos, propiciando a relação intergeracional.

Na escola, a recepção inicial do professor supervisor André Alflen ao tema foi de bastante adesão.

Após ser apresentado ao professor durante o dia 01/04, o grupo reuniu-se com ele na biblioteca do colégio, quando expôs o tema da atividade pretendida, que se inseria no subprojeto “Ensino de História: práticas, metodologias e espaços de formação” do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID, subárea de História. Foi conversado e comunicado ao professor que o grupo idealizador da atividade buscava, através de pesquisas, leituras e discussões, conhecer mais profundamente o tema do Envelhecimento Humano, para, assim, compartilhar com os alunos o conhecimento obtido. O professor supervisor se mostrou de acordo em relação a todos os objetivos concernentes a intervenção do grupo, estando disposto a auxiliá-lo, dentro do possível, em sua elaboração e aplicação.

As reuniões preparatórias com o professor supervisor foram realizadas na biblioteca do colégio, 1 (uma) vez por semana (durante as sextas-feiras), de abril até julho de 2015 e, durante estes encontros, o foco das discussões girava em torno da *construção e da aplicação da nossa intervenção*, situação em que o grupo procurava projetar os resultados que ela poderia trazer aos integrantes do grupo e aos alunos e alunas da escola, as possibilidades e impossibilidades referentes a seus limites e o cumprimento de sua função dentro dos objetivos estabelecidos pelo PIBID.

Neste contexto, o grupo buscou sempre deixar o professor-supervisor a par de suas intenções. É de se destacar importância do professor supervisor no período de construção da parte teórica da intervenção dos pibidianos, pois o professor sempre esteve interagindo com todos os eles ajudando na definição da intervenção que fariam na escola, fazendo sugestões e realizando apontamentos durante esta importante etapa.



Integrantes do grupo com o professor supervisor na escola.

Durante as reuniões, o professor André Alflen procurou sempre deixar o grupo a par da realidade do colégio e, como foi proposta inicialmente uma atividade que seria realizada utilizando o laboratório de informática, o mesmo sugeriu repensar a respeito, pois, através dele, o grupo tomava conhecimento de que a internet utilizada pelo colégio era consideravelmente instável, e assim a

atividade poderia acabar sendo prejudicada por este motivo. O grupo decidiu, então, abandonar o **web exercício** que havia planejado. E resolveu substituí-lo por um questionário de caráter investigativo que fosse aplicado em sala de aula, sendo esta proposta levada até o fim. No que diz respeito a outras duas propostas de atividade que foram desenvolvidas, não surgiu praticamente nenhuma espécie de empecilho que pudesse a vir atrapalhar.

Quanto aos setores administrativo-pedagógicos do colégio, logo na primeira visita às instalações da escola, foram apresentados aos pibidianos o diretor, o vice-diretor, o coordenador pedagógico etc., buscando expor aos mesmos os objetivos do PIBID e o tema da intervenção educacional, demonstrando as intenções e os resultados esperados. Os integrantes do grupo testemunharam que foram muito bem recebidos por todos e a proposta acolhida com entusiasmo.

Ficou definida e decidida, através de regulares discussões e análises, a atividade composta de 3 (três) etapas.

A partir do primeiro esboço de atividade, desenvolvido no mês de abril de 2015, o grupo começou a analisar os espaços físicos a serem utilizados para o projeto de intervenção concebido: entrou em sala de aula, foi apresentado aos alunos e os integrantes expuseram brevemente o PIBID e seus propósitos dentro do ambiente escolar. Os integrantes pibidianos assistiram algumas aulas do professor supervisor, realizaram algumas observações em relação ao espaço físico da sala de aula e o perfil da turma a ser trabalhada. Como a proposta da intervenção era a de trabalhar com 2 (duas) turmas, foram utilizados 2 (dois) dias de cada semana para analisá-las. Ficou constatado o quanto as 2 (duas) turmas eram divergentes entre si e o quanto eram heterogêneas, ressaltando que esta etapa foi de grande proveito, uma vez que estas observações serviram de guia para elaborar os retoques finais das atividades planejadas.



Apresentação do tema aos alunos e dos objetivos da atividade.

Vamos tentar compreender um pouco melhor como cada uma destas etapas foram realizadas na prática, discutindo-as em sub-tópicos, buscando pensar se todos, ou quais, objetivos da intervenção foram atingidos.

Na primeira etapa da intervenção, o grupo realizou investigação a fim de

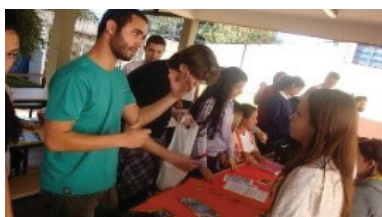
captar as visões dos alunos sobre o idoso, bem como suas condições sociais e econômicas. Para isso, elaborou-se um questionário com 11 questões, 6 delas relacionadas às questões socioeconômicas e 5 sobre o envelhecimento humano. O grupo realizou sua primeira etapa da intervenção nos dias 20 e 23 de julho de 2015, que consistiu na aplicação do questionário investigativo.

Procurou, nesses dois momentos, adentrar em sala de aula o quanto antes possível, a fim de apresentar o tema da intervenção aos alunos de maneira mais formal e ampla, distribuir os questionários e sanar possíveis dúvidas. No que diz respeito ao tempo, o grupo conseguiu administrá-lo com eficácia e dentro do que havia sido estipulado.

Na segunda etapa, aplicou-se uma atividade que tinha como objetivo, mediante exposição de slides e debates, levantar questões como: qual é a importância do idoso na sociedade atual? Como ele vem sendo tratado? Como, e por que, surgiu a necessidade de criar o Estatuto do Idoso? Os idosos/velhos sempre foram respeitados com dignidade ao longo da história? Qual era o papel dos idosos nas diferentes sociedades? Existiram, ou ainda existem, outros grupos marginalizados pela nossa sociedade? Estas, entre outras questões, foram pensadas dentro da sala de aula pelos alunos e, em seguida, foi proposta a realização de um exercício em grupos, levando-os a representar a forma como os idosos foram vistos em outros períodos da história, confeccionando uma *linha do tempo*.

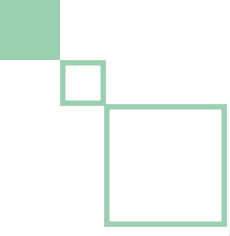
A terceira etapa foi um momento no qual o grupo buscou captar os conhecimentos obtidos pelos alunos durante a realização das atividades. Para isso, os alunos, organizados em grupos e utilizando o período do contraturno escolar, auxiliados/supervisionados pelos pibidianos, fizeram paródias com o objetivo de sensibilizar outras pessoas em relação ao envelhecimento humano e sua diversidade.

Por fim, a última etapa foi o momento no qual as duas gerações, idosos e adolescentes, puderam trocar experiências, onde foi possível notar, a partir da atitude dos alunos, se os conceitos trabalhados em sala de aula se aplicaram, na prática, a partir do contato intergeracional.



A supervisão e acompanhamento dos bolsistas pibidianos promovem o diálogo .

No primeiro dia reservado para a atividade da linha do tempo, o grupo fez uma apresentação de slides à turma com o intuito de fornecer um embasamento



teórico sobre o tema do envelhecimento humano, fomentando discussões e trocas de conhecimento entre alunos e estagiários bolsistas PIBIDIANOS. Para elaborar estes slides, foram usados 6 (seis) dias para construir, revisar, analisar, e reconstruir, se fosse necessário. O grupo procurou fazer com que o conteúdo contido nos slides pudesse ser trabalhado de maneira leve e interativa para com os alunos. Testou os aparelhos com uma semana de antecedência, para, caso houvesse algo errado, pudesse dispor de tempo para encontrar alguma solução. Também levou ao colégio, cerca de 5 (cinco) dias antes, os materiais que foram utilizados (revistas, cartazes, cola, tesouras, canetinhas, pincéis atômicos etc.) durante a atividade em questão.

No que diz respeito à elaboração das paródias, o grupo ofereceu aos alunos a escolha de utilizarem letras de canções sugeridas pelos PIBIDIANOS bolsistas, ou que ficassem livres para pesquisar e escolher a canção que desejassem. Um dos grupos optou por ficar com uma das canções levadas pelos integrantes do grupo, intitulada *Era um garoto que como eu amava os Beatles e os Rolling Stones* de Os Incríveis, e outro grupo optou pela música *Show das Poderosas* de Anitta. Para se conseguir a compreensão por parte dos alunos em relação ao objetivo proposto pela atividade, foram expostos, em sala de aula, exemplos de outras paródias, mostrando sua construção e apresentando melhor o gênero. Como os integrantes já haviam utilizado um número elevado de aulas para a realização das atividades anteriores, pareceu melhor a opção de trabalhar este momento com os alunos no período contraturno, para, assim, não ficarem atrelados ao curto período de tempo fornecido pelas aulas e poderem tentar desenvolver este momento de maneira menos formal. Nos encontros que se seguiram, o grupo se esforçou para trabalhar a proposta da atividade lado a lado com os alunos, efetuando correções gramaticais e ensaiando a apresentação artística, sempre que possível.

Para finalizar sua intervenção no colégio, o grupo escolheu realizar uma apresentação cultural que envolvesse, de forma mais próxima, jovens e idosos.

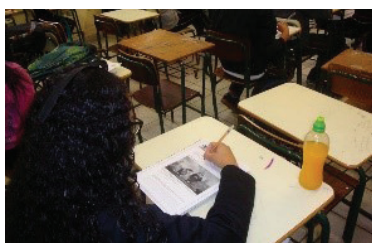
Este momento foi especialmente pensado para que os alunos pudessem apresentar de maneira criativa os resultados da atividade das paródias aos seus colegas e aos demais professores. Foi aí que, para tentar incrementar este último momento interativo, o grupo promoveu a participação do grupo de música do Centro de Convivência dos Idosos (CCI) “Seresteiros do CCI”, de Campo Mourão, como ficou dito acima. Imaginava-se que a atividade pudesse render bons resultados. O convite feito ao grupo de seresteiros felizmente foi aceito, conforme o esperado.

Foi reservado o Salão Nobre do Colégio Estadual para realizar esse momento.

Com antecedência, visitamos este espaço e analisamos seus componentes. O salão dispunha de um palco, aparelhos de sonoplastia (mesa de som, microfones, cabos para instrumentos e caixas de som) e assentos dobráveis fixos. Embora tenham sido testados os aparelhos de áudio em um momento anterior, durante a apresentação ocorreram alguns imprevistos, porém os mesmos não chegaram a afetar de maneira significativa o desenvolvimento da atividade.

BALANÇO FINAL

Sobre a primeira etapa, o questionário foi aplicado no dia 2 de julho, respectivamente, com as turmas de 9º anos A e B. Utilizou-se de uma hora aula (50 mim) para cada aplicação.



Respondendo o questionário.

A intenção de se fazer aplicação de um questionário para as turmas de 9º anos foi tentar compreender qual era a visão que os alunos traziam consigo a respeito da temática do envelhecimento humano e confirmar o pressuposto de que os pibidianos do grupo traziam – o de que os jovens do segundo ano do ensino médio do Colégio Estadual de Campo Mourão carregavam representações sobre os idosos baseadas em crenças, estereótipos, estigmas e informações fantasiosas, negativas ou positivas

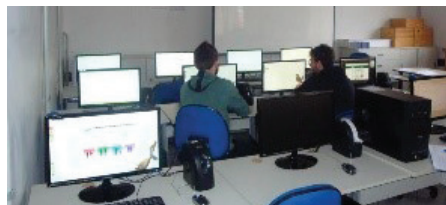
71

Em matéria de metodologia, em um primeiro momento o grupo pensou em fazer a aplicação do questionário através da plataforma do *Google Docs*, utilizando-se das planilhas de questionário *on-line*. Com isso, poderia testar a viabilidade de usar o laboratório de informática disponível no colégio em outros momentos da aplicação da atividade, e também de utilizar-se das novas tecnologias em sala de aula, chamando a atenção dos alunos, e até mesmo dos professores do colégio, para o uso destes instrumentos.

Porém, o grupo, aí, não teve muita sorte.

Na semana em que iriam ser aplicados os questionários, os equipamentos de rede do laboratório haviam se queimado com o mau tempo. A aplicação foi adiada para outra semana, mas os computadores ainda não estavam funcionando. O laboratório de Matemática, onde havia 10 (dez) computadores que haviam

... sido testados antes, porém, no dia de aplicação, apenas 2 (dois) computadores se conectaram com a internet, o que inviabilizou a utilização deste espaço. Desta forma, os questionários foram impressos e aplicados em sala de aula.



Verificando o laboratório de Informática.

Os alunos não apresentaram muitas dificuldades para responder o questionário, porém as perguntas de cunho socioeconômico, como renda, sexualidade e religião, acusaram algumas polêmicas, pelo fato de os alunos não conhecerem os termos técnicos utilizados. A princípio foi um pouco espantoso, por se tratar de turmas de nonos anos. Havia a ideia de que eles estariam, de certa forma, familiarizados com estes conceitos, que são, na maioria das vezes, abordados em aulas de Ensino Religioso, Biologia e Geografia. Diante disso, o grupo procurou esclarecer os conceitos presentes no questionário sem influenciar em suas respostas.

72

O questionário foi tabulado e os resultados serviram de embasamento para o desenvolvimento das atividades. Ficou bem claro, depois de analisar os dados do questionário, que os alunos em sua maioria têm contato com idosos, principalmente no âmbito familiar, e que a maioria tem uma visão positiva sobre os idosos. Estes resultados ajudaram os pibidianos a adequarem e abordarem o tema em sala de aula.

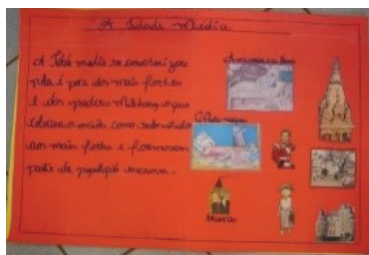
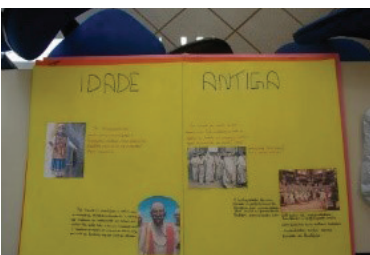
A etapa intermediária, a segunda da intervenção nas turmas A e B do 9º ano, consistiu no desenvolvimento de uma linha do tempo que expusesse características referentes ao papel do idoso nos sucessivos períodos da história linear. Para a elaboração dessa atividade, cada turma foi dividida em 5 (cinco) grupos, sendo que cada grupo seria responsável por um período histórico (Pré-História, Idade Antiga, Idade Média, Idade Moderna e Idade Contemporânea). Foram distribuídas 2 (duas) cartolinas para cada grupo, além de pincéis atômicos, régua, lápis de cor, cola etc., e gravuras que remetesse ao referido tema. Uma alternativa bem-sucedida para que os alunos ilustrassem seus cartazes foi a utilização de revistas como fonte de gravuras, da qual pôde-se constatar resultados muito interessantes.



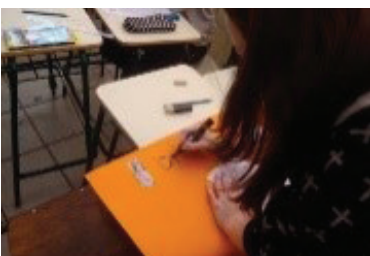
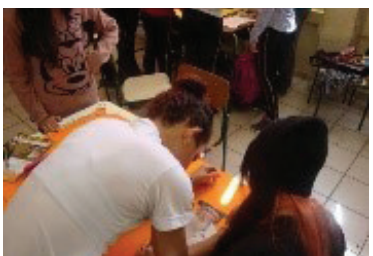
Produção da linha do tempo. Na sala de aula e no refeitório do colégio.



Como base teórica e de conteúdo, foi utilizado um conjunto composto de 2 (dois) pequenos textos que abordavam exatamente o tema da atividade e que foi lido e discutido pelos alunos com os pibidianos. Após cada grupo ter montado seu cartaz, eles foram reunidos, conforme seus temas, e acoplados um ao outro, tendo, assim, como resultado, uma linha do tempo que mostrava características, peculiaridades e curiosidades a respeito do idoso em cada período histórico. A atividade foi elaborada, de maneira geral, através de uma interação ampla e produtiva entre alunos e estagiários, o que suscitou uma reflexão profunda nos alunos a respeito da importância do idoso na nossa sociedade e de como os estereótipos são nocivos para a convivência social.



Os idosos no tempo. Pedço da linha do tempo confeccionada pelos colegiais.



A supervisão dos bolsistas promove o diálogo com os colegiais

Na parte final do projeto, o grupo trabalhou com a produção de paródias com os alunos.

O objetivo era que seu conteúdo expressasse os resultados do trabalho desenvolvido sobre o envelhecimento humano durante as intervenções, e também que essa expressão fosse formatada de maneira que pudesse “sensibilizar” outras pessoas sobre o tema do Envelhecimento Humano. Para realizar a tarefa, o grupo marcou com uma das turmas (9ª B) um encontro no período da tarde.

Inicialmente, um diálogo sobre os objetivos do projeto foi aberto, conversa sobre o que era uma paródia e o objetivo com a paródia na atividade. Em seguida, o grupo mostrou 2 (duas) canções (opcionais) para que os alunos pudessem ter um ponto de partida. Os participantes foram divididos em dois grupos e cada um deveria escolher a música a ser usada. Um dos grupos optou por ficar com *Era um garoto que como eu amava os Beatles e os Rolling Stones de Os Incríveis*, e outro grupo com a música *Show das Poderosas*, de *Anitta*. Os alunos tiveram dificuldades na realização da atividade, diante disso o grupo foi obrigado a marcar outro encontro, que ficou para a semana seguinte. No segundo dia à tarde, os grupos conseguiram concluir e obter resultados.



Reunião dos colegas com bolsista para produção de paródias.



O grupo aproveitou para respaldá-los a fazer correções gramaticais e ensaiar a apresentação artística, concluindo a atividade. O que não foi realizado, aqui, foi que uma das intenções do grupo com a paródia era fazer uma pequena oficina, mostrando alguns ritmos musicais para enriquecer ainda mais a atividade. Levando em conta a dificuldade dos alunos na atividade e o tempo que havia à disposição, o grupo foi forçado a deixar a ideia de lado.

Quem é o velho agora? O ultrapassado aqui?
Uma história ilustrativa⁹

Meu primeiro dia como integrante do PIBID fugiu um pouco das minhas expectativas.

9. Esse trecho dos próximos nove parágrafos foi deixado em primeira pessoa. Ele é um depoimento de Renan Fonseca, um dos pibidianos sobre sua primeira impressão das turmas, dos professores e da escola, dado em seu primeiro contato nos dias de preparação e da intervenção. O pibidiano substitui um colega já na fase preparatória quase imediatamente antes da intervenção propriamente. Seu depoimento vale deixar registrado pela auto-reflexão derivada do estreitamento do contato com o universo escolar.

Esperava chegar em uma sala de aula com alunos que, no mínimo, ficariam em silêncio enquanto o professor passava alguma informação importante para desenvolvimento do assunto. Mas, como disse, não foi bem assim.

O professor responsável pela supervisão dos pibidianos integrantes do grupo de História no Colégio Estadual combinou que o grupo utilizaria parte da sua aula para intervenção com as atividades do PIBID. Até lá apenas membros do grupo assistiriam sua aula. O assunto era Guerra Fria. Percebi um grande desinteresse e falta de atenção no que diz respeito ao comportamento dos alunos, durante a exposição de conteúdos propostos pelo professor, e logo após dar fim a sua fala, o professor determinou para a sala a resolução de questões do livro didático. Nesta altura da aula, percebi a agitação dos alunos para resolver as questões, que pareceu ser impulsionada por um breve comentário do docente: “vale nota”.

O grupo auxiliou o professor a tirar possíveis dúvidas dos alunos sobre o tema que o professor acabara de expor. Resultado: não deram atenção à fala do professor, e queriam as respostas sem nem ao menos se dar ao trabalho de ler o texto base contido em seus livros. Fiquei desapontado para um primeiro contato como um “não-aluno”. Tive vontade de chamar atenção de alguns deles, mas me contive, pois não queria interferir na autoridade do professor em sala de aula. Nas outras visitas, acabei percebendo certa aproximação com os alunos do Colégio Estadual.

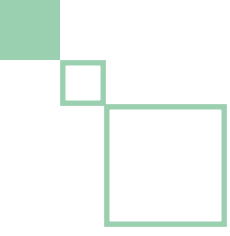


As atividades na escola promovem o diálogo entre os alunos.
Atividade da paródia.

75

Durante a exposição de informações sobre o estilo *paródia*, os alunos demonstraram um interesse que até então não havia percebido desde a minha chegada. Um dos integrantes do PIBID propôs uma apresentação com referenciais de paródias que são voltados para o público adolescente, com linguagem um tanto informal e de abordagem com assuntos cotidianos, presentes no repertório sociocultural de uma maioria dos alunos. Tudo sem deixar de passar o mínimo do estilo estrutural, bem como a criticidade contida no formato *paródia*. O integrante do grupo também tentou utilizar de um vocabulário mais típico da faixa etária, num formato de comunicação mais jovial, o que proporcionou uma aproximação mais “natural” entre aluno e pibidiano.

Com o decorrer dos dias, a partir do contato com professores de diferentes matérias, foi possível, pois os pibidianos visitamos o colégio várias vezes em horário de aula. O ambiente de encontro, a sala dos professores, renovaram meus conceitos sobre a personalidade do corpo docente.



Assim como os alunos, os professores têm muitas dúvidas sobre a própria matéria de ensino. Estão sempre lendo uma revista, fazendo alguma pesquisa, debatendo com outros colegas de trabalho dentro de um determinado assunto. O PIBID tem como uma de suas características a ideia de trabalho em equipe, com complementos a serem desenvolvidos com o coletivo, com o grande grupo pibidiano, e isso não deixou de acontecer dentro da instituição de ensino básico.

O trabalho em equipe me fez compreender como a interdisciplinaridade está presente no dia a dia das mais “distintas” disciplinas. A interdisciplinaridade está presente no PIBID, no que se refere à própria temática que foi proposta neste ano de 2015, a do envelhecimento humano.

Por meio de fontes legislativas, decretos em lei, a garantia dos direitos foi pauta na articulação de argumentos do projeto, que reforçam a presença da pessoa idosa em comunidades civis, ratificado na forma de intervenções educativas numa visão integradora, em relação ao que a Terceira Idade não se encontra fora.

A equipe do PIBID História, UNESPAR Campo Mourão, que, na ocasião, executou suas atividades no Colégio Estadual, encerrou as atividades referentes ao projeto do Envelhecimento Humano numa terça-feira, dia 25 de agosto de 2015.

Foi realizado um pequeno evento cultural que contou com a participação do grupo de idosos *Os seresteiros do CCI* (Centro de Convivência dos Idosos), reunindo-os com alunos dos 9º anos, as turmas de formação docente e a equipe pedagógica do colégio. O principal objetivo era colocar os alunos em contato com os idosos, possibilitando, destarte, que conceitos trabalhados na teoria em sala de aula, pudessem se efetivar na prática a partir das relações intergeracionais¹⁰.

Primeiramente, às 07h30min da manhã, os idosos foram recebidos no colégio pelos pibidianos, junto com o professor supervisor e, por volta das 08h00 horas, o evento foi oficialmente aberto. Os seresteiros iniciaram a atividade cantando “músicas de raiz”. Logo em seguida alunos e alunas iniciaram as apresentações das paródias que foram produzidas por eles com os pibidianos durante o mês de agosto em sala de aula e no contraturno escolar.

Os seresteiros do CCI (Centro de Convivência dos Idosos) – que já se apresentaram em várias instituições – se sentiram lisonjeados e se emocionaram por terem tido a oportunidade de apresentar um pouco de sua cultura para um público jovem, e destacaram que foi a primeira vez que este contato intergeracional estava ocorrendo. Cantaram algumas canções de raiz que fazem parte do seu

10. Vídeo da apresentação dos seresteiros: <https://www.facebook.com/rodolfo.singer.7/videos/616504925158559/>

repertório e o evento se encerrou por volta das 10h horas da manhã, quando houve agradecimento pela presença de todos, a equipe pedagógica do colégio e o grupo de seresteiros do CCI.

Foram trazidos pelo pessoal do grupo de seresteiros instrumentos musicais (violões, acordeon e pandeiro). O número de participantes e o número de assentos foram proporcionais, portanto não houve problema de superlotação do ambiente. O palco foi utilizado para as apresentações das atividades culturais. Mesmo com alguns problemas técnicos, eles foram resolvidos com ajuda da equipe pedagógica sem muitos transtornos.

A acessibilidade do local do palco onde os seresteiros iriam tocar não era a adequada. Um degrau de madeira do palco do Salão Nobre dificultou o acesso dos idosos no ato de subir nele. A instalação de rampas para o ambiente tornaria o local mais acessível às pessoas com limitações físicas. A sinalização, seja ela por meio de placas ou adesivos de parede, auxiliaria na informação contida no espaço necessária para adequação do público, como informativos de “silêncio”.

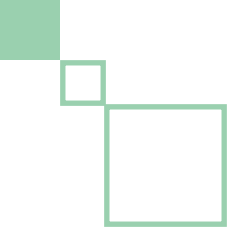


Detalhe do acesso ao palco do Salão Nobre do Colégio Estadual.

77 Acessibilidade não é um termo utilizado exclusivamente para se referir a estruturas arquitetônicas, mas também a outros aspectos: físicos, de transporte, informação e comunicação. O caso do degrau pode parecer simples, mas existe uma norma, segundo a ABNT (Associação Brasileira de Normas Técnicas), para o dimensionamento de degraus isolados, que, por falta de regularização, podem causar acidentes.

O Salão Nobre dispunha de uma aparelhagem adequada para a aplicação das atividades planejadas. A mesa de som necessitava de instalação de cabos para utilização de microfones e instrumentos musicais, com intuito de ampliação sonora. Porém, o assistente técnico responsável pela função não esteve presente no dia da execução da atividade cultural. Sendo assim, os próprios bolsistas encarregaram-se da instalação dos cabos, o que foi dificultoso. Apesar do atraso de alguns poucos minutos na abertura do evento, toda a aparelhagem foi instalada e o evento pôde começar.

Enquanto os bolsistas faziam a instalação da aparelhagem para a execução



da atividade cultural, os idosos chegaram com mais de 30 (trinta) minutos de antecedência. O ocorrido fez com que a recepção não fosse a mais adequada, mas o mínimo de hospitalidade foi possível nas atitudes dos pibidianos, bem como do professor supervisor, que foi responsável pelo convite ao grupo dos seresteiros.

A mudança de alguns hábitos é gradativamente aumentada, quanto maior é a longevidade atingida pelo indivíduo. O funcionamento do organismo está diretamente ligado à disposição, e na terceira idade é costumeiro que o tempo de descanso, ou de sono, seja também alterado.

A intergeracionalidade, as relações entre gerações se dão, positivamente, no contato com diferentes faixas etárias, numa distância significativa das idades, “... dada à dinâmica das trocas entre as diversas gerações a fim de melhor compreender o ‘outro’ no seu horizonte existencial cotidiano, sempre considerando raízes étnicas, sociais e culturais” (NOVAES 2008, p.125).

Trouxemos o grupo dos seresteiros na apresentação das paródias dos alunos do 9º ano do colégio, e propusemos um encontro intergeracional com as características das faixas etárias dos discentes junto da Terceira Idade, pois este disponibilizaria um contato que, até então, poucos tinham tido – ou que acreditavam tinham tido – ou se limitavam apenas à convivência de avós e familiares idosos.

No momento em que os idosos apareceram pelo portão de entrada de alunos, era perceptível o entusiasmo e a ansiedade que o grupo demonstrava.

Sorriso atrás de sorriso, andavam bem apressados, mesmo que tivessem chegado mais cedo, quase corriam, carregando instrumentos de vários tipos (violões, pandeiro, sanfona). Era curioso analisar tamanha felicidade, em plena manhã de terça-feira. Tive a sorte de conseguir cumprimentar o representante, Sr. Noel, que não estava menos empolgado.

Levei-os até o Salão Nobre, e antes de tentar começar a explicar sobre o funcionamento dos espaços, já estavam subindo o palco e decidindo os lugares em que cada um ficaria posicionado. Violeiro, sanfoneiro, percussionista, cantores, tudo parecia praticamente pronto, sem que nós, do grupo de pibidianos, mexêssemos um só dedo. Até que um deles me pediu que plugasse um cabo na mesa de som. Quando participava de eventos e festas, de longe, via pessoas mexendo nessas mesas de som. Parecia tudo muito simples e fácil, até que cheguei a minha vez de manuseá-la.

Gentilmente, o “vocalista” dos seresteiros me pediu para instalar o cabo do seu violão elétrico. Peguei o cabo, mas não fui capaz de colocá-lo. Como disse

na reunião com colegas do PIBID, aquilo “me parecia um hieróglifo”. Voltei meu olhar para o idoso, meio constrangido. Foi então que ele pegou o cabo da minha mão, sem dizer uma só palavra e o instalou. Se pudesse dar uma fala para a feição que o senhor seresteiro me fez, diria que ele estava me dizendo com aquele olhar: “quem é o ‘velho’ agora?”.

Com o encerramento do evento, os idosos foram direcionados para o espaço de convivência dos docentes. Foi disponibilizado um café com bolachas, o que foi feito às pressas, pois não houve planejamento para um café da manhã mais condizente com a dieta dos idosos.



Ao saírem dos colégios, os pibidianos sempre ouvem dos alunos e das alunas: “Quando vocês voltam?”, “Vocês, do PIBID, vão voltar de novo?”.

Alunos e alunas às vezes deixam escapar: “Que legal! Nunca tive uma aula assim! Quando vai ter mais?”.



O PIBID favorece experimentar uma escola e um professor em formação de quem os alunos e alunas primeiro desconfiam e com quem, depois, se surpreendem, pedindo para voltar mais.

COLÉGIO ESTADUAL UNIDADE POLO

RUA SANTOS DUMONT, Nº 1984, CENTRO
CAMPO MOURÃO-PR



80

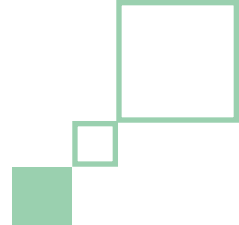
O COLÉGIO CARACTERIZAÇÃO GERAL

O colégio iniciou suas atividades em 01 de março de 1976.

Conta com aulas nos períodos matutino, vespertino e noturno e atende cerca de 1390 alunos matriculados, sendo que, além dos ensinos Fundamental e Médio, a escola oferece também cursos profissionalizantes. O colégio conta com uma área aberta de 18.071m². Nesta área encontra-se o Bosque Robson Paitach (Reserva Ambiental tombada através do ITCF e Prefeitura Municipal). É um espaço destinado a Horta Escolar, e conta, ainda, com uma pista de atletismo/campo de futebol suíço, a casa do zelador, a casa do permissionário e ampla área de jardinagem.

Os alunos em sua grande maioria residem com os pais e irmãos. Moram em zona urbana, tanto nos bairros que circundam o estabelecimento de ensino, como outros mais distantes. Grande parte mora em casa própria de alvenaria, enquanto outros em casa alugada ou financiada, mas todos com acesso à energia elétrica, saneamento básico, coleta de lixo, rua calçada e asfaltada.

As famílias, em um índice de aproximadamente 60%, são compostas de pais, mães e irmãos. Entretanto, há de considerar que o restante encontra-se em outras situações: vivem com mãe e irmãos, com avós, entre outros. Alunos e alunas da escola não apresentam grande distinção entre os três períodos em termos de faixa salarial dos responsáveis: nos períodos matutino, vespertino e noturno, estão matriculados alunos provenientes de famílias com nível socioeconômico de classe média e baixa. A renda mensal se enquadra de 02 até 05 salários mínimos, sendo a média de 2 (duas) pessoas trabalhadoras por família. Em relação



ao nível de escolaridade e atividades socioculturais da família, os adultos, numa média de 80%, estão classificados entre Ensino Fundamental incompleto, Ensino Fundamental completo e Ensino Médio incompleto, o restante (20%) em Ensino Superior incompleto, Ensino Superior Completo e Pós-graduação. Quanto ao lazer, grande parte deles diz participar de atividades esportivas, assistir filmes em DVD e outros.

Além disso, o colégio dispõe de atividades de enriquecimento curricular que promovem o aprimoramento teórico-prático-pedagógico dos alunos, incentivando e apoiando os projetos, programas educacionais e atividades extracurriculares no interior do colégio. Trata-se dos seguintes programas: Programa de Desenvolvimento Educacional- PDE, Programa Viva a Escola: Projetos em desenvolvimento: Rádio-Escola; A Dança enquanto Expressão Corporal; Esporte na Formação Cultural da Criança. Bem como o Projeto Agenda 21, Projeto Evasão Escolar, Proposta Prevenção, Projeto Verde Que Te Quero Vida, Mostra Interdisciplinar. Além de Palestras e Oficinas que, durante o ano letivo escolar, são proporcionadas aos alunos.

O colégio ainda conta com o Projeto Escolinhas Esportivas, Programa Sala de Apoio a Aprendizagem, Sala de Recurso, Curso Básico de Língua Espanhola/ Celem, Serviço de Atendimento à Rede de Escolarização Hospitalar – SAREH – que proporciona atendimento educacional para alunos que se encontram impossibilitados de frequentar a escola, em virtude de situação de internamento hospitalar ou tratamento de saúde, permitindo-lhes a continuidade do processo de escolarização, a inserção ou a reinserção em seu ambiente escolar.

Alunos/Alunas bolsistas:

Aruan Ribeiro de Souza
Daniela Maria do Nascimento
Vilma Zagonel
Roberta Santos
Geovane Rodrigues

Professor-supervisor:

Valéria Pedrochi Ribeiro é professora supervisora do PIBID-História no Colégio Unidade Polo desde abril de 2012. Mestre em História pela Universidade Estadual de Maringá (2006).

ATIVIDADES PREPARATÓRIAS E A INTERVENÇÃO EDUCATIVA PROPRIAMENTE DITA



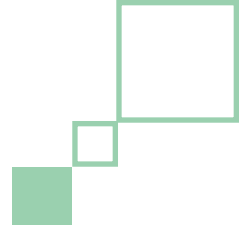
Integrantes do grupo do colégio reunidos discutindo o planejamento das atividades.

As atividades preparatórias da intervenção educativa ocorridas no Colégio Estadual Unidade Polo se iniciaram com o processo de ambientação com a estrutura da instituição. Os pibidianos foram muito bem recepcionados tanto pela administração do colégio como pelos agentes e professores. Além disso, a professora supervisora Valéria Pedrochi foi bastante receptiva e participativa nas ações dos pibidianos, tanto dentro como fora do ambiente educacional.

No primeiro encontro, a professora supervisora apresentou aos pibidianos os lugares nos quais estariam realizando as atividades, como: biblioteca, laboratório de informática, refeitório escolar (uma sala ampla, com estrutura específica para realização das atividades culturais) e a sala de aula – na qual participaria da atividade planejada (7º D, Ensino Fundamental II).

As reuniões preparatórias para o planejamento das atividades da intervenção ocorreram em dois ambientes: a escola e a universidade. Após terem sido apresentados os espaços da escola, as primeiras reuniões com a supervisora ocorreram na biblioteca da escola, um espaço grande e silencioso, apropriado para tal prática. Nesses encontros, o grupo planejou todo o cronograma de atividades com que se estabeleceria a aplicação da ação de intervenção educacional. A professora supervisora sempre se mostrou disponível para colaborar com o projeto, gostando muito da proposta, inclusive sugerindo ideias para que o grupo acrescentasse à intervenção.

A recepção dos setores administrativo-pedagógicos foi muito respeitosa e prestativa, tanto a coordenação pedagógica, que auxiliou o grupo com a



disponibilização de materiais de que eventualmente ele precisaria – como foi o caso de uma caixa de som que foi preciso emprestar da escola. A diretora também tratou os pibidianos de forma muito simpática ao serem apresentados a ela, e ela foi uma das pessoas que mais gostou da aplicação da intervenção educativa, levando em consideração que no Colégio Estadual Unidade Polo existe uma cultura de incentivo a esse tipo de atividade.

A atividade de intervenção educativa desenvolvida com alunos do 7º ano do Ensino Fundamental do Colégio Estadual Unidade Polo (CEUP), tendo como foco o tema “Representações teatrais sobre envelhecimento humano no ambiente escolar”, ocorreu em duas fases.

A primeira fase esteve dividida em quatro momentos: a) aplicação de um breve questionário¹¹ com questões sócio-educacionais direcionadas à temática do envelhecimento humano; b) elaboração do roteiro de dramatização; c) apresentação da peça teatral *Feliz-Idade*; d) Oficina de iniciação ao teatro.

A segunda fase também foi desmembrada em quatro momentos: a) entrevista com idosos; b) produção de um enredo teatral tendo como foco central “o processo de envelhecimento humano”; c) exposição em forma de dramatização das cenas teatrais elaboradas pelos alunos; d) aplicação de um segundo questionário¹² para concluir a intervenção educativa.

Isto posto, compete esclarecer que a escolha em dividir essa atividade em duas etapas se deu em decorrência da metodologia adotada para abordar a temática.

83

Trabalhar com o teatro em sala de aula não é uma tarefa tão simples, os alunos precisam ter, pelos menos, uma noção básica de alguns dos elementos que são fundamentais para produzir um roteiro teatral e para encenar uma dramatização. Sendo assim, a primeira etapa se constituiu como fase preparatória, visto que o grupo buscou trabalhar com os alunos aspectos mais gerais significativos para a produção de um enredo e criação dos personagens em uma cena de dramatização. Já na segunda fase, com a mediação dos pibidianos, os alunos colocaram em ação o que havia sido trabalhado anteriormente.

Nesse contexto, antes de discorrer detalhadamente sobre a maneira como o grupo desenvolveu cada fase e o comportamento e participação dos discentes diante de cada uma das atividades realizadas, cabe destacar que para o desenvolvimento dessa atividade de intervenção no ambiente escolar utilizamos

11. O modelo segue em anexo.

12. O modelo segue em anexo.

no total 7 (sete) aulas¹³, com duração de 50 minutos cada. Quanto à maneira como o grupo utilizou o tempo dessas aulas é o que será detalhado a partir de agora.

Antes de trabalhar a temática do envelhecimento humano com os alunos no âmbito escolar, o grupo do PIBID aplicou breve questionário sobre o tema, com 25 alunos, de idade entre 11 e 14 anos do 7º ano do Ensino Fundamental da Educação Básica do CEUP. Os resultados obtidos com o questionário permitiram ao grupo compreender o conhecimento prévio que os alunos possuíam acerca dessa temática. Diante da pergunta: *Você convive com idosos?* 14 dos 25 alunos confirmaram que sim. Na questão: *O que é ser idoso para você?* A maioria dos alunos acredita que os idosos são *pessoas experientes e que necessitam de mais cuidados*. Ao serem questionados sobre como eles se imaginam quando alcançarem a idade da velhice, a maioria associou o modo de ser à ideia de que terão cabelos brancos, pele enrugada, de que serão rabugentos, experientes, rodeados de filhos e netos, chatos, cansados e com dificuldade para realizar tarefas.

Não obstante, o grupo inseriu no questionário a questão: *qual sua visão sobre o idoso atualmente?* Diante desse questionamento, os alunos responderam que os idosos atuais são pessoas que têm muitas dificuldades, pessoas que são *maltratadas, pessoas que cuidam dos netos, pessoas que gostam de tudo organizado, implicantes, sábias e vividas*. Sendo assim, é possível observar que os alunos olham para o “ser idoso” no mundo atual de uma forma um tanto negativa e estereotipada. De modo que ser velho é “não se ter” muito o que fazer.

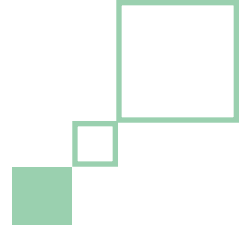


Aplicação do questionário.

Aplicado o questionário, o grupo se reuniu para analisar as respostas dos discentes e, partir dessas respostas, propôs-se a produzir um enredo expondo diferentes contextos reais da vida de um idoso na atualidade, que resultou na peça teatral **Feliz-idade**.

Com o enredo finalizado, o grupo foi ao colégio iniciar a atividade de intervenção propriamente dita com os alunos. Para apresentar a peça *Feliz-idade*, foi disponibilizado ao grupo o refeitório escolar: uma sala ampla, com estrutura específica para a realização das atividades culturais da instituição. A peça teatral foi composta por cinco cenas:

13. Foi utilizada 1 (uma) aula para aplicação dos questionários. 1 (Uma) aula para apresentação da peça Feliz-Idade e, em seguida, foi estabelecido um diálogo com os discentes sobre a dramatização. 2 (Duas) aulas para a ministração da oficina de iniciação ao teatro. 2 (Duas) aulas para os alunos produzirem e organizarem a dramatização das cenas criadas por eles. 1 (Uma) aula para a exposição dos resultados, isto é, apresentação das cenas produzidas.



• **Cena 1:** por meio da dramatização, o grupo apresentou o despertar de um idoso, uma vez que o senhor idoso, ao despertar, se depara com a solidão de estar morando sozinho, mas nem por isso se deixa abater, mesmo diante desse isolamento ele organiza as suas coisas e sai de casa para viver mais um dia.

• **Cena 2:** retrato dos possíveis problemas que os idosos precisam confrontar-se quando vai utilizar o transporte público para se locomover na cidade. Entre esses problemas está o uso do transporte gratuito e o assento preferencial que nem sempre são respeitados.

• **Cena 3:** Após conseguir ter acesso ao transporte público gratuitamente, o idoso desce do ônibus e caminha em direção ao banco ouvindo um jazz em seu aparelho celular. No caminho é abordado por uma mulher que tenta lhe aplicar um golpe, com o objetivo de lhe extorquir dinheiro. Porém, ao chegar ao banco o idoso percebe as intenções da moça, e com a ajuda dos seguranças ele consegue se livrar do golpe .

• **Cena 4:** após sair do banco, o idoso reúne as “prendas” que havia comprado para levar ao bingo que será realizado no “bailão da terceira idade”. No caminho, o idoso recebe uma mensagem via WhatsApp de um amigo, o qual lhe informa que está atrasado e que ele precisa se apressar, pois o bingo está prestes a começar.

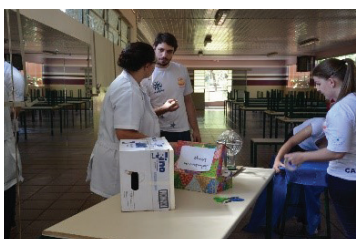
• **Cena 5:** Bingo e baile. Durante o bingo, o idoso conversa com seu amigo e lhe conta que está se envolvendo com uma senhora que ele conheceu na rede social. Terminado o bingo, os idosos se reúnem para dançar e a peça é finalizada com um grandioso baile.



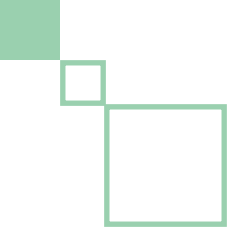
O grupo



Componente do cenário



Ensaio



Durante a apresentação da peça, o grupo procurou envolver os alunos dialogando com eles. Eles se mostraram participativos e atenciosos diante do que estava sendo apresentado. Após apresentar a dramatização, houve uma conversa com os alunos e alunas sobre os pontos que haviam sido abordados em cada cena. Eles ficaram livres também para tecerem comentários e, conforme eles lançavam opiniões, o grupo expunha para eles um panorama geral sobre a necessidade de políticas públicas para essa parcela da população em decorrência da velocidade com que o aumento da expectativa de vida vem se tornando visível no cenário brasileiro. Posto isso, nesse primeiro momento o objetivo foi socializar os alunos com o tema de uma forma prazerosa e interativa. O objetivo era chamar a atenção dos alunos utilizando para o teatro como recurso.

Em seguida, o grupo os informou sobre a oficina que iria realizar na próxima aula. Sendo assim, na aula seguinte o grupo retornou ao colégio e levou os alunos para a sala de artes do estabelecimento de ensino. Ao entrar no ambiente, o grupo organizou os alunos em círculo e foram passadas para eles quatro noções básicas a fim de realizar uma dramatização: 1) socialização, dinâmica de coletivização do teatro; 2) expressão e preparação corporal (corpo e face); 3) expressão e preparação vocal; 4) criação e composição do personagem (psicologia do personagem).

No final da oficina, os pibidianos deixaram os alunos livres para se dividirem em cinco grupos. A partir daí, foi iniciada a segunda fase da atividade, fase essa em que os alunos iriam começar a colocar em ação o que havia sido trabalhado com eles. A cada grupo foi dada a tarefa de realizar uma entrevista com, pelo menos, 3 (três) idosos. Para a realização dessa atividade, o grupo disponibilizou um roteiro para auxiliá-los, contendo as seguintes questões:

Você gosta de esportes? Qual?

O que você gosta de fazer no dia a dia?

Que lugar você gostaria de visitar? Qual o motivo

Você tem um sonho de infância que não pôde realizar? Qual?

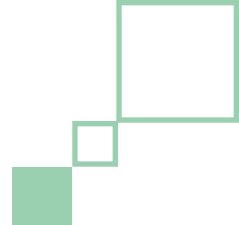
Quais sonhos ou objetivos você realizou em sua vida?

Se pudesse mudar alguma coisa em sua vida, o que mudaria?

Quais são as dificuldades, tristezas e alegrias que você vivencia como idoso?

Como você se imaginava na velhice quando era jovem?

Como você se vê idoso, hoje?



Apesar de os pibidianos terem oferecido aos alunos esse roteiro, isso não quer dizer que devessem se prender a ele. Eles ficaram livres para realizar outros questionamentos e agregar ao roteiro também respostas que considerassem interessantes no decorrer da conversa/entrevistas que ficaram responsáveis de realizar. Cabe enfatizar que a realização dessa entrevista foi fundamental para os grupos produzirem a cena teatral. Afinal, os personagens e enredo deveriam ser produzidos com base nos dados coletados na entrevista, e isso também foi informado aos alunos no início da atividade.

Nas duas aulas seguintes, o grupo acompanhou os alunos no processo da produção do enredo para a atividade de dramatização que deveriam apresentar. Começaram a realização dos roteiros conforme a atividade da entrevista que fizeram com idosos.

Na primeira aula, alunos e alunas trouxeram as entrevistas que haviam realizado e, com base nos dados dessas entrevistas, os pibidianos ajudaram os grupos a pensar os personagens e o roteiro de sua cena teatral. Conforme os alunos iam elaborando o enredo, eles questionavam os estereótipos que, até mesmo eles, viam que possuíam acerca da velhice. Um dos alunos de um grupo teve a ideia da cena se passar em um parque de skates, na qual um grupo de jovens iria expulsar os idosos daquele local para ficarem mais à vontade para realizar suas atividades, pois aquele não seria entendido por eles como um lugar para velhos. Nesse momento, um outro aluno questionou a ideia, afirmando que *só porque uma pessoa é velha não quer dizer que ela não pode andar de skate*. Com isso, surgiu a ideia de integrar o idoso como um praticante do esporte junto com os jovens.

87 Um segundo grupo relatou que, quando realizaram a entrevista com uma idosa, ela falou mais sobre a infância, pois considerou esse momento como uma fase em que ela estava mais disposta. Com base no discurso dessa senhora, as alunas montaram uma cena com uma idosa contando suas experiências de infância e da juventude a suas netas no parque.

Um terceiro grupo escreveu uma cena tendo como personagem central um idoso mendigo que era desprezado por muitas pessoas que passavam pela rua onde ele dormia. Para montar esse roteiro, eles se inspiraram em uma entrevista que realizaram com um senhor idoso que se sentia muito sozinho.

Um quarto grupo dramatizou um encontro de idosos que vão juntos até a farmácia para comprar alguns remédios.

O quinto e último grupo apresentou uma espécie de monólogo. Os integrantes pensaram uma cena em que, no momento que a senhora idosa sofresse algum tipo de agressão verbal, o tempo pararia e essa mesma senhora faria uma

breve fala, retratando não só a vida, mas também o sentimento de ser idoso.



Apresentação da cena teatral por um dos grupos de alunos.

Destarte, com as peças praticamente prontas, o grupo retornou ao colégio para acompanhar os alunos nos ensaios e ver como eles iriam querer encenar. Para a encenação, foram oferecidas a eles duas possibilidades. A primeira foi a de montar um espaço para que pudessem apresentar a cena proposta por eles. Na segunda opção, os alunos poderiam fazer uma filmagem da dramatização produzida e, no dia que fosse estabelecido para a apresentação dos resultados, eles poderiam trazer a filmagem para ser socializada com os demais colegas de classe, por meio de uma exibição. Para isso, seria utilizado o material multimídia.

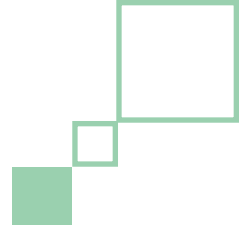
O interessante foi que todos os grupos escolheram a primeira opção. Isto é, eles escolheram apresentar as cenas em um ambiente preparado pelos integrantes do grupo na escola, sem utilizar dos recursos da tecnologia.

Entretanto, apesar dos discentes terem feito alguns relatos pós-apresentação, houve muitos que não se manifestaram. Diante disso, os pibidianos optaram por aplicar um segundo questionário com os alunos, para que todos os envolvidos nas atividades pudessem expor novamente sua visão sobre o processo de envelhecimento humano.



Após a apresentação das cenas teatrais pelos alunos, houve diálogo para avaliar o aprendizado pela experiência vivida.

Após a aplicação desse segundo questionário escrito decidido no curso da intervenção, foi realizada uma tabulação das respostas dos alunos para estabelecer um paralelo com o primeiro questionário inicial e, assim, verificar as mudanças descritas pelos discentes, antes e depois da realização da atividade de intervenção.



O grupo pôde verificar que diante da questão *O que é ser idoso para você?* as respostas se alteraram em relação ao primeiro questionário, pois agora havia as seguintes réplicas: *Ser idoso é só mais uma fase da vida; Ser idoso é ser como todos nós, só que com mais idade; Ser idoso é ser livre, porque podemos entrar no ônibus sem pagar.* Frente ao questionamento *Como você se imagina na velhice?*, as respostas foram surpreendentes, visto que a maioria relatou que imaginavam-se muito bem, uma pessoa como qualquer outra, praticando exercícios, experientes, independentes, saudáveis, felizes ... e chatos também. Quando questionados sobre a visão que tinham dos idosos atualmente, muitos alegaram que esses não são inúteis, que podem desenvolver diversas atividades; que são pessoas experientes e que, ainda, têm muito que contribuir com a sociedade e, acima de tudo, são pessoas que merecem respeito.

Entre as respostas dos alunos, os pibidianos selecionaram algumas que, de certo modo, resumem as afirmações da maioria: *Os idosos também se divertem como todo mundo e, por isso, aprendi que ser idoso não é chato como eu imaginava; Nem todo idoso tem problemas e alguns até são mais radicais do que nós, diferente do que eu pensava; Idosos são pessoas muito diferentes do que eu imaginava; Minha visão mudou sobre os idosos, pois eu pensava que essa fase da vida seria muito chata, mas não é; Nem todos os idosos são rabugentos e alguns até são bem atualizados com a tecnologia.*

BALANÇO FINAL

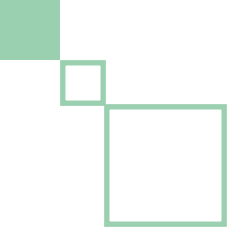
Os pibidianos relataram experiências de sua atividade no ambiente escolar, utilizando o teatro como ferramenta metodológica para trabalhar com o processo de envelhecimento humano com alunos da Educação Básica.

89

Cabe esclarecer que essa atividade pode ser aperfeiçoada para que haja um melhor aproveitamento. Nada é tão perfeito que não possa passar por modificações. Resultados positivos e negativos fazem parte do processo de quem trabalha com alunos no âmbito escolar. Os alunos não vão absorver todo conteúdo que lhes for passado. Cada um recebe e retém o que lhe foi incidido de uma maneira. E, quanto a nós, professores e futuros professores, cabe a tarefa de buscar tornar o trabalho com qualquer tema e conteúdo o mais prazeroso possível, para que nossos alunos possam absorver o máximo possível do que lhes estiver sendo compartilhado.

Alguns fatores contribuíram para que o cronograma idealizado nas atividades preparatórias na escola não fosse executado como programado.

O primeiro obstáculo com que o grupo se deparou foi o estado de greve



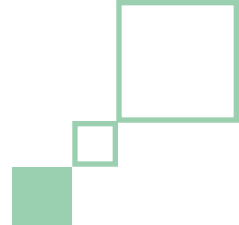
em que as escolas se encontravam, diminuindo drasticamente, dessa forma, o tempo de aplicação do projeto. Houve também a necessidade de escolher apenas uma turma entre as duas planejadas para poder trabalhar. O grupo optou pela turma do Ensino Fundamental, pois são alunos de uma faixa etária em que as ideias estão em formação. Outra ideia que os pibidianos não conseguiram colocar em prática foi a de desenvolver um livro, onde havia sido planejado documentar, por escrito, todo o projeto sobre o envelhecimento humano que o grupo executara juntamente com os alunos e disponibilizá-lo na biblioteca da escola. O grupo teve a ideia de aplicar um questionário de conclusão que não estava previsto no planejamento inicial, contudo os alunos (maioria) não entregaram, do que resultou uma mudança de planos.

No início da dinâmica de coletivização do teatro, a maioria dos alunos demonstrou timidez, estavam receosos quanto a maneira de soltar a voz, de olhar nos olhos dos colegas e de abraçá-los quando era necessário. Mas, mesmo diante desse acanhamento, os pibidianos buscaram entrosá-los na atividade, participando com eles desse momento. Na terceira tentativa, eles já estavam mais soltos e entusiasmados com a atividade, e a timidez que imperava até então acabou sendo deixada de lado. No final da oficina, os alunos foram organizados em grupos para que se discutissem ideias para criação dos personagens que quisessem, trabalhando de forma improvisada os elementos básicos que haviam aprendido ou que, pelo menos, lhes havia sido passado. Por conseguinte, os alunos colocaram em prática as ações propostas na oficina. Todos os alunos que estavam presentes participaram, alguns um pouco envergonhados e outros mais desinibidos. No fim da atividade teve aluno que chegou até os pibidianos e questionou-os quando dariam novamente uma aula como aquela, pois eles nunca haviam feito uma atividade assim. Um dos alunos chegou a dizer *nem parece que estamos na escola, estamos acostumados a estudar em sala.*

O grupo considerou essa atividade como um dos momentos-ápices da intervenção, pois seus integrantes interagiram com os alunos por meio de um contato direto. E mostraram que existem outras maneiras e espaços para aprender além da sala de aula, explorando espaços para o ensino e aprendizagem. Contudo, não podemos e nem devemos cair no erro de descartar o fato de que a sala de aula é o ambiente mais propício para o desenvolvimento das atividades escolares diárias. Porém, outros lugares e metodologias, vez e outra, também podem ser utilizadas a favor do ensino.

No dia marcado das apresentações das cenas teatrais, todos os integrantes de cada grupo compareceram.

Eles trouxeram consigo os acessórios que iriam compor seus personagens.



O primeiro grupo retratou uma cena que se passava em um parque de skate. Para dar um “ar” de realidade a cena, os estudantes vieram caracterizados de skatistas. O segundo grupo, trouxe farinha para dar um aspecto de branqueamento nos cabelos e todos vieram caracterizados conforme seus personagens. O terceiro grupo trouxe papelões para fazer a cama do idoso morador de rua e farinha para deixar os cabelos mais claros. As alunas do quarto grupo vieram todas vestidas com roupas estereotipadas, como de pessoas idosas. E o quinto grupo providenciou um cenário simples, na qual apenas a aluna que incorporou uma personagem idosa veio caracterizada.

As apresentações no geral foram muito positivas. Ali os alunos expuseram as técnicas que haviam aprendido na oficina. Além disso, deixaram que suas cenas refletissem o olhar que eles estavam construindo sobre o que é ser idoso, uma vez que muitos estereótipos de que o idoso não pode isso ou não pode aquilo foram deixados de lado.

Quando as apresentações foram concluídas, os pibidianos estabeleceram com os alunos e alunas um diálogo para que, no calor eufórico daquele momento, eles pudessem expor o que haviam sentido, se a visão que eles tinham sobre ser idoso havia se modificado depois das atividades desenvolvidas, ou seja, eles estiveram bem à vontade para falar.

Nesse momento alguns alunos sentiram-se acanhados e preferiram se manter em silêncio, porém houve aqueles que se sentiram à vontade para expor suas ideias. Durante as falas dos alunos, percebeu-se que havia um discurso em comum entre eles: o de que a atividade proposta havia feito eles pensarem sobre “o ser idoso”, hoje. Houve também quem relatasse que seu trato, seu olhar para com o idoso, havia se alterado com a atividade.

ANEXOS

Atividades preparatórias e construção da Metodologia e Intervenção Educativa no Colégio Estadual Unidade Polo

Geovane da Silva Rodrigues¹⁴

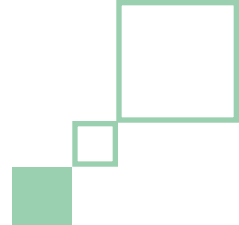
Reuniões

Tratar de um tema que até então era pouco conhecido e discutido cientificamente no dia a dia dos envolvidos no subprojeto de História não era tarefa fácil. Para além de conhecer aspectos, informações e dados sobre o envelhecimento humano, era necessário confrontar-se com bases de senso comum (e por vezes desconstruí-las) que habitavam o imaginário dos próprios envolvidos, para então se dispor a dialogar com os alunos e alunas dos mais variados contextos econômicos e sociais dos quatro colégios estaduais contemplados pelo projeto no município de Campo Mourão. Nesse sentido, um dos mecanismos importantes utilizados com o intuito de preparação das intervenções no espaço escolar, foram as reuniões coletivas, que ocorriam especificamente de duas maneiras: reuniões gerais do subprojeto (com todos os grupos e coordenadores) e reuniões particulares de cada grupo de ação, em nosso caso específico, o grupo do Colégio Estadual Unidade Polo de Campo Mourão.

Nas reuniões gerais do subprojeto foram realizadas leituras, discussões e debates a partir de textos/artigos sobre a temática do envelhecimento humano pré-selecionados pelos professores coordenadores. Tais reuniões aconteciam nas dependências da universidade e, ao menos, uma vez por semana neste momento, a ideia era discutir o envelhecimento humano e a velhice a partir de textos que abordavam variados âmbitos, como, por exemplo – a literatura infanto-juvenil retratando a velhice, músicas *sobre e para* os idosos, a velhice na universidade (vale citar programas como o UNATI – Universidade Aberta da Terceira Idade, que oferta diversas ações educativas e recreativas para os idosos da comunidade que circunda as universidades participantes), atividades pedagógicas infantis que tratam de sua maneira a velhice e o idoso para a criança, estatísticas sobre o envelhecimento e a qualidade de vida da população no Brasil e no Mundo, as políticas públicas para a velhice, representações e funções sociais do idoso em determinados momentos e contextos, enfim, textos que trouxeram à tona debate e novas concepções sobre o tema tratado.

Ainda sobre estas reuniões gerais do subprojeto, além das conversas e discussões embasadas em textos pré-estabelecidos, houve dois momentos

14. Esse texto foi posto aqui como um anexo, o que só o qualifica. Seu autor, ator e diretor teatral, bolsista PIBIDIANO integrante do grupo que trabalhou no Colégio Unidade Polo, ante a solicitação de escrever um texto sobre o que seriam os benefícios didático-pedagógicos do uso do teatro, produziu esse texto. Ele contém algumas informações sobre a dinâmica e o trabalho do grupo na preparação e execução da ação educativa. Como, porém, é um texto que discorre sobre o que chamou de “metodologia do teatro” para uso das escolas, tornou-se um texto de teor teórico-metodológico, com princípio, meio e fim, em função do que resolveu-se deixá-lo como foi concebido e escrito. E, em vista de suas considerações qualificadas, não quisemos incorporá-lo sem mencionar sua autoria, nominando a pessoa capaz de fazê-lo na forma em que está.



especificamente em que profissionais que trabalham com o envelhecimento e a velhice foram convidados a expor experiências, vivências e conhecimentos de suas áreas para os envolvidos no subprojeto, o psicólogo, psicopedagogo e psicanalista Pedro Paulo Rodrigues Cardoso de Melo, que relatou sobre suas práticas de trabalho com grupos de idosos, e a Enfermeira Ana Lúcia Cardoso, que também tratou de seu trabalho na Secretaria de Saúde com os idosos do município. Estas palestras oportunizaram ainda mais embasamento teórico sobre o tema aos acadêmicos e coordenadores da atividade.

A partir destes encontros e reuniões em âmbito geral foi que o grupo começou a construir ideias para a intervenção no colégio.

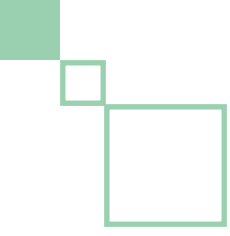
A princípio estabelecemos que a intervenção seria apoiada em ação interdisciplinar, ou seja, estabeleceríamos uma relação didática entre a História e outra disciplina escolar ou área de conhecimento, mas o que fazer? E como fazer de maneira organizada?

Tínhamos criado uma base de conhecimentos sobre o tema “envelhecimento humano”, mas precisávamos compor a forma/fórmula sobre como trabalhar com tal tema. Para isso, começamos a realizar os encontros particulares do grupo de intervenção do Colégio Estadual Unidade Polo, composto inicialmente por 5 (cinco) integrantes.

Reuníamos-nos ao menos uma vez por semana, aproveitando-se da estrutura predial da universidade, encontrávamo-nos, na maioria das vezes, em salas de aula ou no Laboratório de Ensino de História – LEHIS – próprio para as atividades do subprojeto. Foram realizadas também algumas reuniões nas dependências do Colégio Unidade Polo, onde realizaríamos a atividade, a fim de estabelecer contato com a supervisora do subprojeto na escola e de conhecer e vivenciar o ambiente escolar em si. Foi nesse momento que tivemos as ideias iniciais sobre nossas intervenções, ao constatar que o colégio detinha boa estrutura física e ações formativas voltadas para atividades artísticas. Decidimos por compor a interdisciplinaridade entre História e Teatro (jogos e práticas dramáticas).

A construção da atividade

No momento em que definimos qual a seria a abordagem metodológica, o Teatro, colocamo-nos a pensar e elaborar os objetivos a serem alcançados, como se daria a intervenção, e o passo-a-passo da atividade a ser direcionada aos alunos. A princípio pensamos em atender ao menos duas turmas, sendo uma de cada nível de ensino – Fundamental II e Médio, aplicando a atividade em forma de oficina criativa. No entanto, quando construimos o passo-a-passo, tivemos de modificar a ideia para atender apenas a uma turma, devido ao tempo que seria tomado nas



aulas da disciplina, ao intenso trabalho para conduzir a atividade simultaneamente nas duas turmas, além do caso de incompatibilidade de horários entre as aulas que a supervisora ministrava no ensino médio e os acadêmicos-pibidianos. Por esses motivos escolhemos por trabalhar com o Ensino Fundamental II, mais especificamente uma turma de 7º ano (sugestão da supervisora).

Aliar o tema com a abordagem metodológica foi bastante trabalhoso, mas, após algumas reuniões de grupo e orientações dos coordenadores, elaboramos a atividade em duas fases e diversas etapas: na primeira fase haveria aplicação de um questionário junto aos alunos com intuito de conhecer sua realidade sócio educacional e compreensão sobre o processo de envelhecimento humano, bem como seria produzida e encenada pelos acadêmicos-bolsistas uma dramatização teatral abordando temas como acessibilidade, abandono, interação social e debilidades físicas na velhice e, ainda, após a dramatização, aconteceriam discussões e bate-papo com os alunos sobre a situação do envelhecimento humano na atualidade. Já na segunda fase surgiria a proposta de os alunos criarem uma cena teatral sobre o tema (atividade que seria supervisionada por um dos acadêmicos pibidianos, diretor e ator teatral) seguindo algumas etapas: a) realização de entrevistas dos alunos com idosos de sua comunidade; b) oficina de Iniciação ao Teatro; c) produção de um texto a partir das pesquisas e entrevistas realizadas com os idosos e sua adaptação para a dramatização; d) realização da representação teatral a ser apresentada pelos alunos.

A proposta ganhou corpo e logo começamos a construir e preparar a intervenção em prática, o que ocorreu especificamente entre os meses de Julho e Setembro de 2015, com pequenas modificações de planejamento e cronograma no decorrer da atividade, como, por exemplo, estender o tempo de preparo para a construção da cena dos alunos, aplicação da oficina em 2 (duas) aulas, quando, de início, estava prevista apenas uma aula entre outras breves alterações.



Ensaio supervisionado das cenas teatrais pelos alunos e pelas alunas .

O que vale aqui salientar é que a construção metodológica e de intervenção na escola com todos estes momentos preparatórios, ocasionou uma boa execução por parte dos acadêmicos-bolsistas (com o preparo que se teve não houve imprevistos irreparáveis, todas as ações ocorreram conforme o planejado e, quando não, foram alteradas sem nenhum prejuízo à atividade) e principalmente uma boa recepção das ações por parte dos alunos envolvidos. Em todos os momentos de intervenção houve a participação da maioria dos alunos da turma, e em especial na segunda fase foi notório o envolvimento da turma na construção do roteiro e na preparação das cenas.

A Metodologia do Teatro

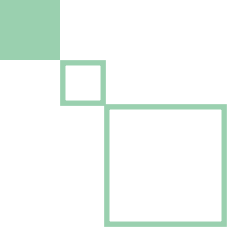
Quando optamos por construir a intervenção metodológica utilizando-se do elemento teatral, uma coisa era sabida: não poderíamos adotar a prática teatral por si só sem adotar aspectos teóricos desta prática, caso não o fizéssemos a atividade corria o risco de perder objetivos e enfraquecer seus resultados. A partir disso buscamos efetivar a metodologia em todas as fases através de algumas construções teóricas do teatro. Mesmo que de maneira bem secundária, porém foi elemento que auxiliou, e muito, no alcance dos objetivos no decorrer do processo e nos resultados obtidos.

Na primeira fase, onde aconteceu a montagem e apresentação teatral realizada pelos acadêmicos-bolsistas, toda a construção das cenas e do roteiro deu-se a partir de temas sociais que envolvem a vida da pessoa idosa. Para além, a construção temática oportunizou tanto aos atores-criadores quanto aos espectadores-alunos, construções e desconstruções de posicionamentos e opiniões. Essa ideia de trabalho teatral enquanto ferramenta para reflexos e reflexões da sociedade está muito presente na teoria do dramaturgo, diretor, teatrólogo e ator, Augusto Boal (1931 – 2009), o *Teatro do Oprimido*, que considera o jogo teatral entre o ator e o espectador algo mútuo, o espectador faz parte da atuação, opina, constrói e participa da história junto com os atores. Em se tratando de conteúdo, o *Teatro do Oprimido* geralmente prioriza a abordagem de aspectos sociais, e relações de desigualdades, opressões entre personagens da sociedade real, buscando assim transformar a realidade.

Na segunda fase, houve a construção teatral realizada efetivamente pelos alunos, nesse caso inicialmente foi proporcionada a eles uma oficina de iniciação teatral, que, com pouco tempo de execução (2 aulas ou 100 minutos) tentou abordar elementos fundamentais a qualquer ação teatral: expressividade corporal, construção e reconhecimento do instrumento vocal e caracterização de elementos psicológicos da personagem. Para tal, a oficina contemplou os elementos citados, partindo de jogos e exercícios lúdicos teatrais, seguindo as ideias teóricas e metodológicas da dramaturga, teatróloga e diretora estadunidense Viola Spolin (1906 – 1994), onde os atores-alunos aprendem e praticam teatro através de jogos dramáticos livres e de improvisação, desta forma compondo suas próprias habilidades no jogo ao decorrer da prática.



Cena teatral de um dos grupos de alunos.



E, por fim, após a oficina deu-se o processo de elaboração do roteiro e da montagem artística em si, contemplando as ideias teórico-pedagógicas construtivistas, onde os alunos, em trabalho coletivo e colaborativos, foram responsáveis pelo próprio processo de aprendizagem. As cenas por eles construídas também se enveredam para o processo de *Teatro do Oprimido*, quando seus papéis no momento das apresentações finais se amplificam: os atores colocam à mostra suas opiniões e formações construtivas sobre o tema enquanto os espectadores elaboram suas próprias concepções sobre a cena, e assim todos ativamente são atores/espectadores e construtores de opinião sobre o tema.

Em termos de resultados provindo da metodologia, cabe dizer que os efeitos no processo e no resultado foram perceptíveis: o envolvimento com a ideia de coletividade e construção própria de cada grupo fez com que alunos do 7º ano se relacionassem abertamente com o tema e elaborassem opiniões, discussões sobre tais e desconstruções de concepções.

Afinal de contas, isso é um dos objetivos tanto do *Teatro do Oprimido* quanto das ideias de uma pedagogia construtivista de educação.

QUESTIONÁRIO 1

Sexo: () Masculino () Feminino

Idade:

Qual bairro você mora?

Qual série você está cursando?

Você já assistiu uma peça de teatro?

Você já participou de uma peça de teatro?

O que é ser idoso para você?

Você convive com idosos? Quem são?

Como você se imagina na velhice?

Qual a sua visão sobre ser idoso atualmente? Justifique.

QUESTIONÁRIO 2

Nome:

Sexo: () Masculino () Feminino

Idade:

Concluída a atividade desenvolvida com os acadêmicos do PIBID de História e levando em consideração todo o processo do qual você participou, responda as questões abaixo:

- a) Como você classifica as atividades desenvolvidas pelos pibidianos?
- () Ruim
- () Regular
- () Bom
- () Ótima
- b) O que você achou da experiência em realizar uma entrevista com um idoso?
- c) O que é ser idoso para você?
- d) Como você se imagina na velhice?
- e) Qual a sua visão sobre ser idoso após ter desenvolvido a atividade proposta? Justifique.



Ao saírem dos colégios, os pibidianos sempre ouvem dos alunos e das alunas: “Quando vocês voltam?”, “Vocês, do PIBID, vão voltar novo?”.



98

Cenário e caracterização dos acadêmicos pibidianos na apresentação da peça teatral.



A metodologia do teatro na escola permite construir a cena conforme dramatização improvisada pelos próprios praticantes, muitas vezes com a participação dos espectadores. Uma vivência marcante do processo educativo, que permite errar para acertar, preceito que se perdeu com o advento de uma escola moderna cujo fim é ser absolutamente utilitarista e sempre rápida e certa, muito mais treinadora para o aluno saber fazer provas e tirar notas.

TESTEMUNHO DO VIVIDO

O QUE DIZEM OS (AS) BOLSISTAS ¹⁵

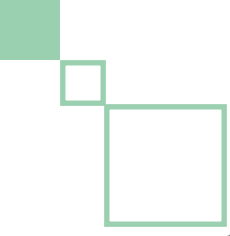
DANIELA NASCIMENTO
COLÉGIO ESTADUAL UNIDADE POLO

Bem, pensando ... assim ... o que manteríamos? A oficina com os alunos, porque eu acredito que foi a parte que eles mais se envolveram e se soltaram, a partir do momento em que juntamos eles no mesmo espaço. A oficina, para preparação das noções básicas de teatro - que era algo que eles, por mais que alguns já tivessem tido contato com a dramatização na escola, devido a alguns concursos que têm, eles não tinham aquela pegada - então a gente foi passar pra eles algumas noções de linguagens, noções corporais mesmo. Porque o teatro tem muito disso ... a partir do momento em que você incorpora o personagem, acaba dando ali algumas características pra ele. Então, esses primeiros momentos ali, pra passar essas noções, foram importantes pra isso. O que nós manteríamos seria essa oficina, que foi a parte mais bacana. Os alunos chegaram bem tímidos. Quando a gente pediu pra eles fazerem os primeiros exercícios, acabavam dando aquela recuada, mas eu tocar no meu aluno, os exercícios deles de circularem pela sala e, em determinado momento parar e um ficar olhando pro outro, eles não tinham muito disso. Não ficavam muito a vontade de olhar no olho um do outro, e conforme a atividade foi se desenvolvendo, eles viram que poderiam olhar tranquilamente. Eles começaram a se olhar nos olhos. No momento de dar o abraço, muitos começaram a se abraçar, não ficaram procurando um e outro ali naquele meio, mas já começaram a abraçar aquele que estava do lado. Então essa proximidade entre eles foi bacana. A oficina foi o ponto principal. O que a gente poderia mudar e inserir ali? Não trabalhar apenas com uma turma. Acho que é muito difícil você ter uma visão da atividade a partir do olhar de apenas uma turma, de uma determinada idade. Tentar trabalhar com alunos mais velhos, pra tentar fazer um parâmetro, ver como as duas turmas encarariam uma mesma temática.

99

O segundo ponto que poderia ser mudado é a materialização do roteiro do teatro. Digo isso porque os alunos produziram a peça teatral e acabaram apresentando e não fizeram nada documentado daquilo que eles escreveram... e, depois, quando nós retornamos pra podermos recolher aquele material, eles não

15. Evitamos perder a coloquialidade do material falado pelos alunos. Na transcrição tentamos ser fiéis o máximo possível ao que o aluno falou, mesmo que eventualmente alguma frase tenha soado incongruente ou mesmo incompreensível. Só modificamos quando pequenas alterações esclareceram o que o aluno queria dizer, ou corrigindo quando verbalizavam erros ortográficos e de pronúncia de palavras. Tentamos preservar a espontaneidade da fala quando comparada ao texto escrito.



tinham, acabaram jogando fora. A apresentação deles aconteceu de uma forma tão fluida que acabaram não seguindo um roteiro. E aí, a partir disso, podemos pensar dois pontos. O primeiro, um ponto positivo, por mais que eles não tenham materializado, eles deixaram que tudo aquilo que eles apresentaram fluísse deles, então não seguiram nada decorado, até porque o nosso próprio roteiro, quando apresentamos, nós montamos todas as falas, mas acabamos não seguindo as falas, elas foram sendo adaptadas no momento da apresentação. O que deu pra perceber e que eles também pontuaram, foi deixar que o teatro naquele momento fluísse. O ponto negativo disso é que apesar da atividade ter sido muito bacana, deles irem, deles dramatizarem, a gente não conseguia ouvir eles direito, porque falavam muito baixo e como a gente não tem o roteiro deles materializado na escrita, só na fala, dificultou fazer uma avaliação mais cuidadosa em um segundo momento.

100 ■

ALINE MOURA

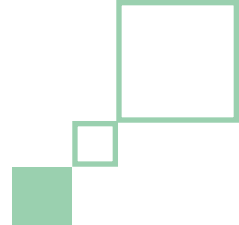
COLÉGIO ESTADUAL DARCY COSTA

A questão da parte que a gente pediu para eles tirarem as fotos dos idosos e trazerem pra ser confeccionados os cartazes, ficou bem confusa, dispersa. Teve três aulas... uns traziam, outros não, poderiam ter mandado por e-mail ou WhatsApp... mas ficou complicado. Para fazer as fotos, a gente teria que ter pensado melhor essa atividade, formulado ela de outra maneira. A parte em que trabalhamos a questão dos estereótipos, a partir das imagens, ficou bem legal. A gente procurou mostrar imagens das possibilidades em como viver na velhice... achei bacana porque eu percebi o entusiasmo dos alunos em relação ao ver aquelas imagens. Tinha um idoso, por exemplo, que ele andava de skate, não lembro a idade dele, mas lembro que os alunos ficaram super-entusiasmados, eu acho que aquilo fez, de certa forma, com que eles pensarem um pouco em mudar a opinião sobre os idosos.

ALINE OLIVEIRA SILVA

COLÉGIO ESTADUAL DARCY COSTA

É, eu acho que eu faria de novo, procuraria integrar eles um pouco mais nas atividades, mesmo sendo feitas as atividades práticas, eu senti que poderiam ter interagido mais com o assunto. Acho que podíamos ter planejado um pouco mais de aulas pra explicar, ter uma discussão mais aprofundada sobre o envelhecimento, porque a discussão em si acabou ficando um pouco por cima. O problema é que nós só tivemos duas aulas para passar dados e talvez isso não tivesse sido o suficiente. Eu manteria as atividades da fotografia, manteria a atividade do cartaz,



esse tipo de atividade eu manteria, sim! Só acho que a gente podia ter tentado fazer um acompanhamento melhor dessas atividades. Um passeio talvez, em que a gente acompanhasse eles pra fazer essas fotos.

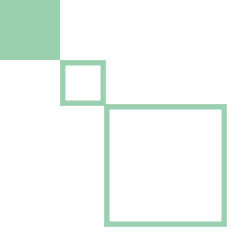
DANIELA NASCIMENTO
COLÉGIO ESTADUAL UNIDADE POLO

Pensar o PIBID na formação, acho que é pensar a gente dentro não só do espaço acadêmico, porque quando a gente fica aqui dentro desse espaço, só na teoria, a gente acaba perdendo um pouco essa noção do que é o espaço da sala de aula. A gente fala tanto em aprender a ensinar e esquece daquele pra quem vamos ensinar. Então, quando a gente vai até a sala de aula e conhece os alunos, e vê que às vezes aquilo idealizado em sala não é muito aquilo que se encontra na realidade, mas que aquela realidade também não é ruim como alguns relatos são pintados pra gente. Há momentos difíceis, há momentos de conversa, mas você vê que tem momentos em que eles produzem, que eles colocam ali, por mais que você esteja direcionando, ele vai se posicionar em algum momento e você vai ter que dar aquele insight pra poder captar o que ele está produzindo. Então essa aproximação mesmo... não que a teoria não seja importante, eu acredito que a teoria é fundamental, a teoria dá base pra chegar lá e fazer toda aquela preparação, não só de planejar as atividades, mas pra ter um apoio pra lidar com a realidade da sala de aula. Porque quando você chega na sala de aula, encontra desde alunos interessados em fazer atividades até aqueles alunos que ficam ali, meio à margem. De repente você fala alguma coisa e eles ficam interessados pelo conteúdo e começam a se envolver. Você vai conquistando eles aos pouquinhos, apesar de que essas atividades, acredito que em todos os colégios elas foram feitas em um curto espaço de tempo... então é difícil conhecer bem os alunos com quem se está trabalhando, até porque quando você começa estabelecer o contato com eles, o tempo termina e você acaba saindo. Mas esse contato é importante pra conhecer um pouco da escola, do espaço escolar, não ficar só ali na academia, como se a academia fosse um universo onde você produz o conhecimento e a sala de aula o universo onde você só reproduz ele. Acredito que é possível produzir coisas novas tanto no espaço acadêmico, quanto no escolar.

101

ALINE OLIVEIRA SILVA
COLÉGIO ESTADUAL DARCY COSTA

Não dá para abordar todos os alunos como se existisse só um tipo de conhecimento e o aluno tem que se encaixar naquilo. O PIBID vem na contramão. Óbvio que a gente não consegue pensar nas atividades específicas pra cada um

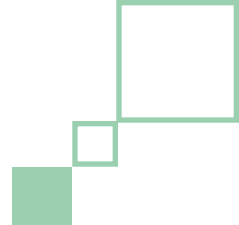


ali, mas no momento em que saímos desse quadrado da educação formal, onde é só livro e quadro, e você traz essas intervenções com cartolina, com fotografia, computador, música, com outros elementos que também podem ser usados no processo de aprendizado, você abre a cabeça do aluno e mostra pra ele que a escola pode ser um lugar em que ele não fique preso e que traga libertação, sabe? Eu vejo como uma educação revolucionária... é assim, e é muito bom a gente ter esse contato durante a faculdade, porque eu acho que quando a gente se formar e realmente começar a atuar na sala de aula, é óbvio que vai ser um outro contexto, porque quando estamos no PIBID a gente às vezes desenvolve atividades com uma turma só ou duas ou três... são poucas, temos meses de preparo pra desenvolver três, quatro aulas, a gente tem tempo... E quando você vai pra docência, não tem mais esse tempo, você tem lá 10 turmas pra lidar, com muito conteúdo o ano inteiro... e você não tem esse tempo todo. Mas, assim, a gente vai lembrar, vai trazer essa lembrança de como foi fazer essas intervenções, de como os alunos reagem nessas intervenções. Então eu acho que toda vez que a gente estiver chegando nesse lugar comum que os professores acabam chegando, não estou colocando todas as responsabilidades neles, mas é o sistema de educação que tem... e de chegar nesse lugar comum de ter uma turma desinteressada que não consegue aprender, que não se interessa, que não desenvolve... e quando a gente chegar nesse lugar comum, a gente vai começar a se questionar do porquê não estar dando certo, e, talvez, a gente se lembre do PIBID e de que pode dar certo se a gente tentar de outra forma, sabe? E eu acho que agora, durante a faculdade, é a hora da gente experimentar essas novas abordagens... e ver o que dá certo e o que não dá. É experimentar e tentar fazer uma educação revolucionária.

ALINE MOURA

COLÉGIO ESTADUAL DARCY COSTA

Eu acho que o PIBID primeiramente leva novos temas pra escola... então sai daquela educação muito formal e começa pensar temas a partir da atualidade, fazendo com que os alunos comecem a se interessar ainda mais pela matéria... mudando a forma de ver a disciplina. Hoje a gente entende o quanto esse contato com a academia e com a pesquisa é importante, especialmente quando pensamos em temas como o envelhecimento humano. Quando levamos o tema para o colégio, os alunos ficaram todos assim, “nossa que tema”... e é uma questão que eu considero que devia ser mais discutida.



LUCAS ANDRÉ ZUKOVSKI DE OLIVEIRA
COLÉGIO ESTADUAL DE CAMPO MOURÃO

Em relação a primeira pergunta, o que manteria e o que eu faria de novo. Eu penso que não tem muita coisa que eu descartaria do projeto, quando eu leio a pergunta “faria de novo”. Faria tudo de novo, sabe? Que eu acho que os resultados das tarefas que obtivemos, trouxe para os alunos e pra gente também, foram muito bons. Então o que faria de novo? Tudo. Mas não no sentido do que a gente fez foi mal feito, mas no sentido de que eu quero levar essas coisas pra outros espaços, pela eficácia, pelos bons resultados que trouxeram. Em relação a mim pessoalmente, eu teria sido mais assíduo, acho que em alguns momentos deixei passar algumas coisas. Hoje vejo que eu não poderia ter deixado passar.

PAULA ÉVILE CARDOSO
COLÉGIO ESTADUAL DARCY COSTA

Então, foi bem interessante observar que nos quatro colégios ocorreram práticas diferentes e o resultado geral foi bem bacana. Cada equipe foi pensando em uma metodologia diferente, um foi teatro... noutra uma sala ambiente, no nosso caso, foi a entrevista e a fotografia, principalmente a questão do olhar do aluno sobre o idoso que está perto dele, na sua comunidade. Então, assim, foi uma visão que a gente buscou com eles de também trazer as questões do olhar do mais próximo. Esse foi um trabalho interdisciplinar, porque você tinha que dar uma olhada na comunidade, do que realmente falta... então assim, eu acho que esse trabalho foi muito bacana, com integração de outras disciplinas além da História. Então acho que esse é um dos papéis que a gente começa a aprender no PIBID, é essa conversa que você faz com outras disciplinas, outras práticas, e que podem ser pensadas em sala de aula.

RODOLFO DE CARVALHO SINGER
COLÉGIO ESTADUAL DE CAMPO MOURÃO

Bom, olhando pra trás, eu buscaria uma forma de – formas, na verdade – cortar ou eliminar as distâncias que existem entre o aluno e o professor. Não que o resultado em relação a isso não tenha sido bom, mas acredito que sempre dá pra melhorar. Então, na próxima intervenção eu buscaria uma forma mais eficaz de eliminar essas distâncias.



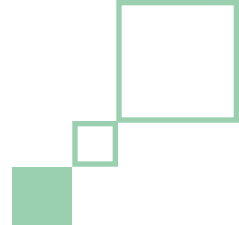
RENAN LOURENÇO DA FONSECA
COLÉGIO ESTADUAL DE CAMPO MOURÃO

Eu entrei um pouquinho mais tarde do que alguns integrantes do PIBID, não sou o mais novo, mas também não sou tão velho, tenho poucos meses de PIBID. Agora acho que é meu terceiro mês completo, mas eu já senti uma diferença muito grande porque a gente não tem tantas vagas pra integrantes dentro do PIBID, e ser um dos integrantes é um privilégio, porque você olhar uma sala de aula numa perspectiva não de discente, você acaba entendendo um pouquinho esse universo, que é do professorado. Interessante, inclusive nos meus relatos coloquei sobre o impacto que tive com os alunos que olham os pibidianos como professores. Apesar de ter chegado no final, deu pra estudar bastante as outras partes dos meus colegas, do Lucas, do Rodolfo, do Sandro, até dos outros que vieram antes. Deu pra ver que foi um trabalho muito bem pensado. E assim como Lucas falou, não tiraria nada, lógico que existem formas de desenvolver, de aprimorar isso, não descarto, mas eu acho que as possibilidades são muitas, mas eu repetiria novamente as nossas atividades sem dúvida nenhuma.

104

LUCAS ANDRÉ ZUKOVSKI DE OLIVEIRA
COLÉGIO ESTADUAL DE CAMPO MOURÃO

Essa intervenção educativa, ela altera nossa forma de ver a nossa prática de várias maneiras, a começar pela formação, há um extra na formação, porque a gente passou por palestras, por várias discussões de textos, essas palestras na perspectiva psicológica, na perspectiva da saúde, tivemos várias discussões de vários textos. Então a primeira alteração que eu percebo, assim... é, uma carga de leituras maior, uma carga de vivências, experiências maiores, e isso com certeza vai alterar minha forma de ensinar lá no futuro. Minha forma de ver o ensino, a minha forma de passar aquilo que eu sei para os alunos. Então, o PIBID tem essa contribuição, que pra mim fez muita diferença, principalmente em relação a temática trabalhada, envelhecimento humano, que em poucos momentos da vida a gente tem trabalho informativo em relação aos idosos. Eu particularmente nunca tinha passado por nenhum, não lembro de ter passado por nenhum trabalho formativo sobre os idosos. E isso contribuiu não só pra minha formação, mas também pra minha formação enquanto historiador, professor de História, mas também enquanto pessoa, porque me fez ver essas pessoas de forma diferente, me fez ver elas de uma maneira que eu ainda não tinha visto. Então, são muitas as contribuições pra nossa formação, não só enquanto docente, mas também enquanto pessoa, cidadão, que convive em coletivo com outras pessoas.



PAULA ÉVILE CARDOSO
COLÉGIO ESTADUAL DARCY COSTA

O bacana do PIBID é fazer esse aluno pensar historicamente. O tema do envelhecimento humano possibilitou um trabalho interdisciplinar a partir de diferentes fontes que podem ser utilizadas em ensino de história. Então assim... claro que essa formação é um complemento além da faculdade e faz com que nós, enquanto futuros docentes, realmente possamos utilizar essas práticas em sala de aula, para que a História não se torne aquela disciplina em que você só vê e decora algumas datas e nomes. A História realmente tem a intenção de fazer com que o aluno consiga compreender os diversos momentos, o que isso interfere numa outra situação posterior. Então, pensar historicamente, acho que é o primordial, principalmente agora no PIBID de História, você consegue trazer outros elementos para a pesquisa e também para a sala de aula.

RODOLFO DE CARVALHO SINGER
COLÉGIO ESTADUAL DE CAMPO MOURÃO

Eu acredito que o principal benefício que o PIBID traz é a oportunidade da gente aprender essas novas metodologias, novas formas de trabalhar a disciplina História em sala de aula e além da gente aprender isso em teoria, poder experimentar na prática. Acredito que isso é um aspecto positivo que o PIBID tem.

RENAN LOURENÇO DA FONSECA
COLÉGIO ESTADUAL DE CAMPO MOURÃO

A formação como um futuro docente sem dúvida nenhuma já está sendo lapidada com o PIBID, e eu não vejo outra possibilidade melhor atualmente. Porque a gente não tem essa liberdade tão grande de entrar dentro de uma sala de aula, em qualquer escola, pedir para o professor, tem toda uma burocracia, sei como é difícil. Então o PIBID como uma forma de complementar aquilo que a gente estuda em sala de aula e fazer na prática, é o melhor espaço... não vejo outros que existam... não conheço. Ajuda muito na formação, não tenho dúvida. Rodolfo falou da metodologia. As vezes a gente estuda a metodologia de algum autor específico e não consegue enxergar isso materializado, mas na prática você acaba, mesmo que involuntariamente, utilizando dessa metodologia pra aplicação... então, sim, o PIBID ajuda na formação docente, sem dúvida nenhuma.



ALISSON AMARO FERNANDES
COLÉGIO ESTADUAL OSVALDO CRUZ

Bom, respondendo a primeira questão, o que eu faria de novo na nossa atividade? Eu faria de novo a sala temática, faria de novo porque é uma coisa diferente, uma coisa que a gente não vê todo dia, a gente coloca o aluno pra praticar mesmo. É uma coisa que sai um pouquinho da teoria... e também colocaria pra melhorar um pouquinho em certos pontos. Eu acho que na oportunidade a gente se perdeu um pouco, era necessário interagir um pouquinho mais, ter trazido o aluno para os painéis que estavam no quadro, colocar o aluno mais dentro da sala temática, acho que faltou isso. Talvez se tivesse combinado e planejado melhor, a gente teria resultados melhores.

106 ■

WESLAINE NAGAOKA
COLÉGIO ESTADUAL OSVALDO CRUZ

Eu na verdade achei a sala temática muito legal. Só que nessa parte da organização, que nem o Alisson disse, faltou mais, não que a gente não tivesse interagido com o aluno, mas faltou, faltou aquela organização em relação a amostra das atividades que a gente tinha. Por exemplo, os painéis ficaram totalmente sem ninguém para mostrar o que estava acontecendo, as fotos, aquele muralzinho de fotos não tinha ninguém; teria que ter alguém dizendo “poxa olha você aqui”, tinha ser mais uma conversa entre o aluno e o pibidiano. Tinha também a parte da... essa parte da organização não foi falha nossa e nem falha do supervisor, foi mais na hora da pressa, porque ocorreram algumas situações que a gente não tinha programado, como: ter apresentação no colégio. A gente não sabia disso, mas é mais por causa dessas situações que não houve esse controle maior em relação aos painéis e que ninguém deu maior enfoque. Essa parte, do que poderia ser melhor, eu acho que são pontos pequenos, porque houve um trabalho colaborativo no grupo que foi muito bom. No ano passado eu já tinha realizado uma atividade em outro colégio, mas esse ano foi bom demais. A gente teve um entrosamento que ajudou em todo processo... a gente se reuniu, a gente debatia aquilo e não teve nenhum momento em que a gente pegou e falou; “poxa, ah não vou falar isso porque eu estou constrangido”, na verdade a gente falava tudo e o que cada um achava interessante destacar que poderia ser melhorado ou não, a gente falava. Então eu acho interessante destacar que na parte da sala temática não foi falta de organização nossa, mas falta de tempo mesmo, como eu disse antes, das situações que a gente não tinha previsto... acho que no final o resultado foi bem gratificante para todos nós.



LUCIANA VARGAS JARDIM
COLÉGIO ESTADUAL DARCY COSTA

Já no colégio Darcy, vamos começar pelas coisas boas. Eu acho que foi legal ter tirado o aluno da sala de aula, porque só de sair um pouco da sala e ir pra sala de computadores, parece que era outra situação, parece que isso instigava os alunos como se fosse algo diferenciado que eles não viam todos os dias. Aí quando a gente começou a discutir o que estava exposto no corredor de entrada do colégio, das charges, essa parte foi legal, porque teve uma conversa de início, na primeira aula, digamos assim, a gente se aproximou mais do aluno, não foi só, “você vão ficar em silêncio e nós vamos falar”. Então essa parte foi legal também, a discussão das charges que foram distribuídas pelo colégio. A parte bacana também que eu achei, foi a da foto. Assim... deu um pouco de trabalho, a gente teve que reduzir o número de fotos, no início ia ser duas fotos por dupla e teve que reduzir para uma. Claro que nem todos fizeram fotos, então alguns acabaram fazendo desenhos, mas foi bacana porque todos apresentaram. Isso foi legal porque eles fizeram, digamos assim, o possível para poder passar pra gente o que eles tinham compreendido do projeto e na apresentação não foi algo rígido: “você vão apresentar e todo mundo fica em silêncio”, teve uma interação, por exemplo, eles faziam um comentário sobre quem era a pessoa e a gente perguntava: “Ah, mas quais são os dados, quem que é essa pessoa?”

107 A parte da entrevista também foi legal, porque a gente sentou com eles e perguntou: “Oh e daí, o que você achou, o que o seu “velho” achou da entrevista?” Uma coisa que eu mudaria é a parte da prática voltada ao questionário. A gente usou uma luva e o questionário embaralhado, talvez se tivesse escolhido outra atividade. Digo isso porque teve alguns alunos que se sentiram incomodados, falaram que estava muito fácil e que a luva não estava trazendo tanta dificuldade motora. Talvez essa etapa tivesse que ser ajustada. E também eu acho que faltou muito, não sei se foi pelo tempo, a gente numa ansiedade para montar, fazer o projeto, igual a “Nane” [Weslaine] estava falando, que a gente não soube nem os nomes dos alunos. Parece até que a gente deu aula pra uma turma de fora e que ao terminar eles voltaram para o mundo deles e a gente voltou para o nosso mundo. Tanto é verdade que a gente lia os questionários e não sabia de quem que era, mas depois no decorrer a gente ficou sabendo quem eram alguns, mas acho que isso faltou. Saber o nome dos alunos, isso é muito importante para ter uma interação maior.



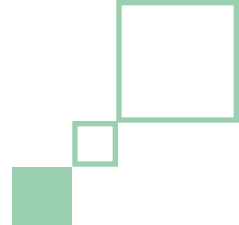
ALISSON AMARO FERNANDES
COLÉGIO ESTADUAL OSVALDO CRUZ

Bom, não só o projeto que a gente fez lá no CEDOC, mas o PIBID todo ajuda uns 50% na nossa formação. Eu, por exemplo, antes de entrar no PIBID não tinha tido nenhuma experiência dentro de sala de aula. Eu imaginava uma coisa sobre o que era ser professor e quando eu fui lá fazer as intervenções, percebi que é totalmente diferente. O ambiente do aluno/professor é diferente e com o PIBID a gente via o dia a dia, vivendo a experiência, a oportunidade de conversar com os alunos, eu acho que ajuda bastante, porque é uma oportunidade que poucos acadêmicos têm durante a formação. Além de formar bons professores, o programa ajuda na nossa forma de olhar as coisas, por exemplo, eu nunca tinha parado para pensar no tema do envelhecimento humano, e hoje, particularmente, mudei totalmente minha visão de mundo sobre o que é ser idoso, sobre envelhecimento humano.

108

WESLAINE NAGAOKA
COLÉGIO ESTADUAL OSVALDO CRUZ

Então, antes de entrar no PIBID eu não queria ser professora. Achava que não tinha mudanças, que não tinha necessidade de alguma coisa ser mudada e aí eu entrei no PIBID. No programa conheci todo aquele processo que a gente faz no início, sobre o que é o PIBID, metodologias, e etc... e eu vi que tem tantas lacunas que precisam ser preenchidas e eu acho que o papel do PIBID é importante nesse processo, deixar o professor mais apto para entrar em sala de aula e não precisar seguir aquele roteiro em que você foi, querendo ou não, formado. Quando eu estava na educação básica minha professora chegava, mandava abrir em tal página do livro e etc. e aula era sempre assim e era uma aula maçante, era uma coisa que era bem tediosa mesmo. E aí com o PIBID, creio eu que, com todas as experiências que eu acumulei durante esses dois anos, posso chegar em sala de aula e trazer para o aluno uma coisa que não vai mudar toda a vida dele, mas pelo menos aquele momento que ele está na sala, fazer refletir. Então eu acho que o papel do PIBID, além de trazer todo esse processo de formação que nem o Alisson falou, essas experiências que a gente não tinha, é fazer você revisar não só o que você trabalhou na escola, mas aquilo que você quer passar quando você for professor. Então, a partir do PIBID eu decidi que quero ser professora da educação básica. Porque eu acho que esse processo do desenvolvimento do aluno é uma coisa muito importante e precisava, mesmo eu continuando ou não no PIBID, praticar aquilo que eu aprendi para fazer a diferença, chegar no dia da minha aula e eles ficarem entusiasmados: “Poxa o que será que o professor vai tentar fazer de

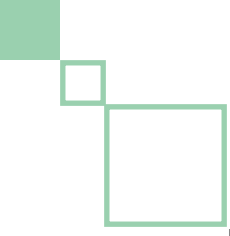


diferente agora”; “Ah, nossa, depois que professora Weslaine entrou na sala é uma coisa que mudou porque eu não via a história desse jeito”. Como a gente sempre fala, o objetivo não é tornar o aluno um mini-historiador, mas mostrar pra ele uma visão que, querendo ou não, a gente aprende na faculdade.

Voltando nessa parte que a Luciana estava falando desse bate e volta, eu acho que além de você falar com seu aluno e derrubar aquela barreira que, “poxa ele é professor”, “ah ele é outro nível”, a gente precisa saber o que ele está entendendo, o que ele quer entender e o que ele esperava antes. Então, é sempre bom a gente fazer essa mesa redonda entre nós e os alunos, para entender o aluno e mostrar que ele é parte da história e que a cada dia que passa ele está fazendo a sua história. Outra coisa também que o PIBID deixa bem claro é a preparação de uma aula. Você se preparar, ficar estudando, por exemplo, o envelhecimento humano, a gente ficou muito tempo preparando, estudando sobre o tema pra chegar na hora e fazer uma intervenção de 40 minutos. O PIBID nos mostrou que pra você dar uma boa aula é preciso estar bem preparado.

LUCIANA VARGAS JARDIM
COLÉGIO ESTADUAL DARCY COSTA

109 A contribuição que o PIBID trouxe para mim é pensar em novos temas, igual o Alisson falou, pensar em fazer relações e não ficar por exemplo, quando eu for dar aula não ficar só na minha matéria, história, história, história, história, mas conseguir relacionar certos temas com a história, mostrar que a história não é fechada e chata como alguns apontam. Por exemplo, quando a gente fala que faz o curso de licenciatura em História a primeira reação das pessoas que estão no ensino médio é: “nossa, mas história é tão chato”. Então, parece que tem uma imagem construída dentro da escola de que história é chata, é data, é nome. Então o PIBID traz essa opção, essa possibilidade de fazer relações com outras matérias, com outros temas pra tornar a história, dentro da sala de aula, digamos assim, mais receptiva, não tão maçante, não só conteúdo de livro, mas que a gente pense em outras maneiras de construir o conhecimento, como o PIBID sempre tem mostrado. Essa interação entre teoria e prática, eu queria, como professora, poder fazer em sala de aula, e que não fosse apenas teoria, mas que eles praticassem esse conhecimento, demonstrassem como eles estão enxergando os conteúdos, porque não adianta nada você apenas passar um conteúdo para o aluno. Além disso, é preciso tomar cuidado com o que e como a gente trata certos conteúdos. Por exemplo, no trabalho com o envelhecimento, foi sempre dito nas reuniões para tomar cuidado com o que você vai falar, porque às vezes pode estar falando algo construído, um estereótipo do velho, então a minha preocupação depois do



PIBID seria isso, cuidado com a fala, cuidado com o que eu vou falar para o aluno e saber ter um bate e volta, o que eles estão entendendo do que eu estou falando.

VILMA ZAGONEL
COLÉGIO ESTADUAL UNIDADE POLO

Bom, eu não mudaria nossa metodologia, porque eu gostei muito de trabalhar com o teatro. Essa metodologia envolveu os alunos e eu achei que eles gostaram bastante, mas aplicaria em outras turmas, pois a gente só conseguiu aplicar em uma por falta de tempo mesmo. A gente teria que se organizar melhor para aplicar em mais turmas, pois algumas turmas reclamaram da gente não ter aplicado com eles, porque foi bem legal e os alunos gostaram bastante.

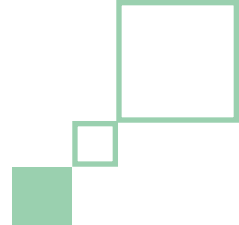
110

DIEGO ALEX FERREIRA
COLÉGIO ESTADUAL OSVALDO CRUZ

Nas nossas intervenções em sala de aula eu não mudaria nada também, foi bem organizado, desde o questionário até a sala temática. Foram bem elaboradas as intervenções, a gente utilizou quadro, os alunos interagiram... O professor Lincoln também deu um apoio na intervenção. A gente falava e ele vendo a aula lá do fundo e as vezes lançava umas perguntas, que também ajudava na interação. O apoio dele e da escola foi muito legal. Teve algumas questões, tipo assim, de organização da diretoria mesmo, como no caso da sala temática. Aquele fato que nós fomos para aplicar no 1º ano e daí teve aquele teatro do bullying escolar e a gente teve que ceder a aula. Mas eu não mudaria a ordem metodológica, assim... aquele ponto sugerido de poder deixar na espontaneidade, pela falta também de experiência nossa, a gente não tinha um contato com isso, mas foi valoroso, nós adquirimos experiência e caso tenha que aplicar novamente nós saberíamos como agir. Foi produtivo. Os resultados depois levantados, a gente fez entrevistas com os alunos e eles gostaram muito, teve até um entrevistado que pediu pra que a gente continuasse aplicando nas outras turmas e outras escolas também, foi bem legal. Eu gostei.

ALINE DOMINGUES
COLÉGIO ESTADUAL OSVALDO CRUZ

Eu também acho que não mudaria o processo da atividade que aconteceu no colégio, talvez uma coisa que eu traria para os colegas é de realizar uma interação maior com os idosos e os alunos, porque eu acho que isso foi deixado



um pouco de lado, o contato do idoso com o aluno, a gente trabalhou sobre o idoso, sobre os preconceitos, os estereótipos, sobre ele, mas eu acho que faltou essa interação. Sobre a nossa aplicação eu não mudaria a forma como foi aplicada, o grupo teve uma interação muito bacana, o grupo, o professor, a escola em si também eu achei bem bacana, deu liberdade total pra gente entrar na sala. A gente arrumou, no caso, o laboratório de química e a direção deu total liberdade, deu a chave, a gente ia lá, arrumou e tudo mais, não teve nenhum impedimento do tipo “ah vocês não podem fazer isso”, apesar ter ocorrido uma falta de comunicação em determinado momento, mas faz parte do processo. De modo geral, a gente teve um bom acolhimento da escola.

VILMA ZAGONEL
COLÉGIO ESTADUAL UNIDADE POLO

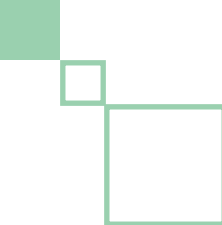
Eu acho que PIBID é muito importante para a formação do aluno de licenciatura. Eu me arrependo de não ter ingressado desde o 1º ano, nós só temos esse contato com a sala de aula no 3º ano e faz falta. O acadêmico já tem que entrar em sala no 1º ano do curso e ter esse contato com o ensino fundamental e médio pra ver a realidade que vai encarar depois de formado e acho que é importante por causa disso. Foi o PIBID que me proporcionou isso, comecei no PIBID antes de começar os estágios, então foi no PIBID que eu encarei a turminha pela primeira vez. Acho que foi bem importante.

DIEGO ALEX FERREIRA
COLÉGIO ESTADUAL OSVALDO CRUZ



111

Eu ingressei no curso de História sem pretensão de ser professor, mais pelo conhecimento, sei lá, eu sinto uma certa afinidade com o conteúdo de História. Daí no 2º semestre do 1º ano que eu ingressei no PIBID, fiquei um pouco na dúvida entre Iniciação Científica e PIBID, mas como eu queria essa interação com os projetos do curso, acabei optando pelo PIBID. Acabei indo para as escolas e foi um ambiente que parecia que eu não conhecia, pois agora estava indo com o olhar de professor, olhando detalhes que eu não havia observado anteriormente. Acabei vendo como que funcionava certinho, saber quais os procedimentos, uma coisa que eu não tinha conhecimento mesmo, e a partir daí fui para o 2º ano e continuei no PIBID. Hoje estou no 3º ano e continuo no PIBID e essa minha visão que eu tinha lá atrás, de não ter pretensão de ser professor, isso mudou, hoje se tudo caminhar certinho, terminando o curso vou para a área do ensino. Acho que é muito importante você ter esse contato, adquirir experiência e acabar analisando



melhor o que você quer, sabe? Essas coisas assim. Acho que o PIBID foi essencial para me encontrar nessa área.

ALINE DOMINGUES

COLÉGIO ESTADUAL OSVALDO CRUZ

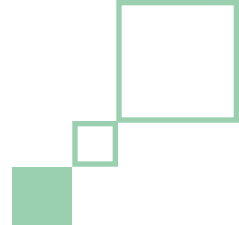
Sobre a importância do PIBID na nossa formação. Eu, diferente do Diego, entrei no curso de História pensando em ser professora. Mas aí fui desanimando e foi no PIBID que as coisas mudaram, porque assim, é de extrema importância hoje em dia a questão da teoria, mas a prática a gente nunca deve deixar de lado e o PIBID faz isso, acaba conciliando a prática com a teoria. Então o PIBID foi assim, um impulso para continuar.

112

GEOVANE DA SILVA RODRIGUES

COLÉGIO ESTADUAL UNIDADE POLO

Sobre a atividade. Os resultados que nós tivemos após a execução foram boas, lembrando que no caso do nosso colégio, nossa atividade foi a partir de uma prática interdisciplinar entre a História e o Teatro. Como pontos positivos, acredito que a relação dos alunos com o tema, a partir de uma atividade prática que os envolveu. Acho que eles se envolveram com o tema, se relacionaram com o tema, o trabalho coletivo ali em jogo, a prática possibilitou esse trabalho coletivo. Tivemos um ou outro caso em que alguns alunos não se relacionavam muito com a atividade, mas assim, a grande maioria se relacionou bem no trabalho coletivo, participou da atividade. Agora, falar sobre a busca pelo tema a partir do que nós propusemos. Os alunos buscaram algumas informações, mas eu acredito que aí nós poderíamos ter solicitado uma pesquisa maior, para além do que nós disponibilizamos. Nós queríamos que eles montassem uma cena de teatro e eles fizeram, fizeram essa cena, montaram, mas muito a partir do que eles já conheciam, muito a partir da subjetividade deles, trazendo poucas informações extras, que de repente se eles tivessem pesquisado poderiam ter apresentado resultados melhores. Foi muito a partir do que nós discutimos até nas reuniões posteriores, da ideia do politicamente correto. Eles partiram muito disso, da subjetividade deles, talvez se tivessem feito essa pesquisa poderia ter auxiliado, mas assim, o ponto mais positivo foi a participação deles.



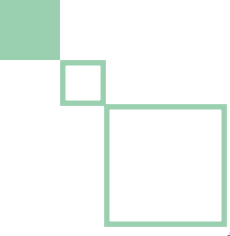
ARUAN RIBEIRO DE SOUZA
COLÉGIO ESTADUAL UNIDADE POLO

Bom, sobre a atividade que nós aplicamos no Colégio Unidade Polo. Levando em consideração a fala que o Geovane acabou de fazer, eu acho que um dos aspectos mais positivos da atividade desenvolvida no colégio foi: inovação a partir da metodologia. Acredito que se nós tivéssemos exposto esse tema para os alunos do sétimo ano D, apenas de forma expositiva, não teríamos os resultados que tivemos usando a metodologia da dramaturgia, da encenação teatral. Para os alunos do Unidade Polo, não que seja uma novidade, porque o colégio já oferece para os alunos essa atividade extraclasse. Acredito que esse trabalho que nós realizamos, tanto da peça que nós executamos, quanto a peça que nós auxiliamos a construir foi muito importante, tanto para a formação docente nossa, como da formação dos alunos envolvidos. Nós conseguimos mostrar diversos aspectos, como o cotidiano do idoso, os problemas que ele enfrenta, as políticas públicas que estão envolvidas e como elas são falhas, apesar de presentes. Nós conseguimos demonstrar isso aos alunos de uma forma muito agradável, uma forma diferente, uma forma divertida para os alunos entenderem. Acredito que essa atividade foi excelente. No entanto, um aspecto que nós poderíamos ter desenvolvido, mas também não é nem tanto culpa nossa, seria aplicar essas atividade com mais turmas, levando em consideração que o Colégio Unidade Polo tem todos os anos do Ensino Fundamental e Médio. Nós aplicamos em uma turma só, talvez se tivéssemos um pouquinho mais de tempo e mais disponibilidade, teríamos conseguido aplicar com mais turmas e atingido um resultado ainda melhor.

113

JOSÉ LUCAS BENEVIDES
COLÉGIO ESTADUAL OSVALDO CRUZ

Eu trabalhei na equipe do colégio CEDOC. Nós trabalhamos o envelhecimento a partir de uma sala temática, onde objetivamos colocar os alunos em contato com a temática do envelhecimento humano de maneira que tivessem mais experiência, apesar de não haver um contato direto com a pessoa idosa. Se os alunos pudessem identificar, ter um contato mais lúdico, que os marcasse, que os atingisse com uma maior tranquilidade, atingisse de maneira mais veemente, então nós conseguiríamos a partir da ideia da sala temática, principalmente a partir da ideia da caixa de conscientização e do próprio texto que os alunos fizeram acerca da temática, fazer com que eles tivessem uma boa interação e reflexão sobre o tema. Foi uma ação pedagógica efetiva, porque a partir da caixa de conscientização eles passaram a ter contato com uma das dificuldades acarretadas pelo avançar da idade, eles conseguiram perceber as debilidades físicas que esse idoso carrega. De



fato não é fácil para o idoso, tanto quanto não é para um jovem com dificuldades de locomoção e dores, executar tarefas do dia a dia. Essa materialização, essa concretude que foi dada a partir da ideia da caixa de conscientização, ao meu ver trouxe uma aproximação deles com essa realidade do idoso.

Outro ponto bastante positivo da intervenção na sala temática foi a de que nós fizemos com que os alunos desenvolvessem pesquisas sobre a representação do idoso na mídia e expusemos os resultados na sala temática. Deu para perceber que a partir da leitura, que a partir dessa leitura que os alunos iam fazendo dos textos dos seus colegas, eles de fato pensavam “olha eu pensava assim, agora não penso bem assim”. Então, nós temos notado que houve de fato uma boa adesão e, sobretudo, uma boa reflexão por parte dos alunos.

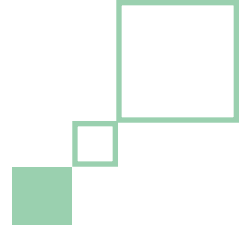
114 ■

GEOVANE DA SILVA RODRIGUES
COLÉGIO ESTADUAL UNIDADE POLO

Então, falando dessa relação do PIBID com a formação profissional, de professor que vai lecionar, acho que o ponto mais positivo do PIBID é o fato de possibilitar ao acadêmico o contato com o ambiente escolar, possibilitar ao acadêmico essa elaboração e experimentação de novas ferramentas, instrumentos metodológicos para a prática docente. O PIBID possibilita isso e dá ao acadêmico o tempo pra planejar e elaborar uma atividade. O professor que ao se formar tiver vivenciado a experiência do PIBID poderá, com maior facilidade, desenvolver atividades a partir de novas metodologias. Nós tivemos um tema, um grande tema que foi o envelhecimento humano. A partir desse tema elaboramos mecanismos e aprimoramos ferramentas, levando para a sala de aula o conteúdo de uma forma diferenciada. São formas de deixa o ambiente da sala de aula mais dinâmico e a prática do professor mais diversificada. Isso é bom para o professor e para o aluno. Talvez essa seja uma resposta que provavelmente todos vão elencar, mas que realmente é a contribuição mais importante que o programa traz: a possibilidade de trabalhar com mecanismos diferentes e experimentá-los.

ARUAN RIBEIRO DE SOUZA
COLÉGIO ESTADUAL UNIDADE POLO

Seguindo pela linha que o Geovane acabou de abordar, acredito que o acadêmico que participa do PIBID, sem dúvida está um passo à frente dos demais, levando em consideração quando entrarmos efetivamente no mercado de trabalho, nessa área, nessa vivência, nesse ambiente escolar, nessa prática de ensino e aprendizagem. O PIBID oferece pra nós, primeiramente o contato com os alunos, porque na universidade você só tem o contato com o aluno realmente



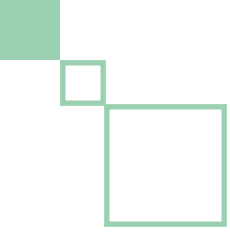
no estágio, o que prejudica muito. O PIBID é um programa que possibilita estar em contato com os alunos, conhecendo as realidades, sabendo de que forma você deve lidar com eles, conhecendo como é o ensino no seu dia a dia na escola. Outro item importante que podemos elencar quanto a experiência que o PIBID nos proporciona é a utilização de novas metodologias, novas ferramentas para a atuação em sala de aula, com objetivo de fugir da ideia de que o aluno é o receptor e o professor o detentor de todo conhecimento.

Quanto ao tema específico do envelhecimento humano, nós aprendemos muito, questionamos com os alunos aquela visão errônea presente, em geral, nas redes sociais, na mídia, na televisão, que o idoso é apenas aquele ser humano que está no fim de sua vida, que sempre está ligado a doenças terminais e a dificuldades. Inclusive, no projeto que nós aplicamos, tentamos mostrar que o idoso não está necessariamente vinculado a essa imagem. O idoso pode ser muito ativo na sociedade, uma pessoa que todo mundo sabe que tem muito conhecimento e experiência. Abordarmos isso com os alunos através da metodologia teatral e os resultados foram importantes tanto para nós, quanto para os alunos.

JOSÉ LUCAS BENEVIDES
COLÉGIO ESTADUAL OSVALDO CRUZ

Referendando um pouco do que os colegas já disseram, de fato o PIBID representa uma grande contribuição para a formação do futuro profissional. A política de estágio nas universidades, a carga horária e o próprio modo com que o estágio é conduzido, não dá espaço para a prática do acadêmico atuar adequadamente em sala de aula. Já o PIBID fornece esse arcabouço no sentido de que para além de observar a escola num exercício quase etnográfico, nós temos a possibilidade de experiências e participação na elaboração das atividades, contribuindo para nos fazer melhores profissionais no futuro. Digo isso, no sentido de que muitas vezes não será possível inovar no cotidiano da sala de aula. No entanto, a semente fica. É claro que não dá pra fugir todos os dias da aula em que o recurso básico é o quadro, giz, slide e fala, mas ao menos uma vez por semana, uma aula a cada 15 dias, podemos dar um tratamento diferenciado. As aulas “palestrais” ainda são uma realidade, realidade essa que ao meu ver o PIBID ajuda a repensar, pois com certeza essa formação, essa experiência que nós temos aqui, nos fará profissionais diferentes. Em relação a atividade do envelhecimento humano, uma coisa que acho válido sublinhar é que ela significou uma mudança de percepção bastante significativa não só para os alunos, mas começou da gente, começou com nós.

Eu costumo dizer que nós só temos um problema quando vivemos ele de fato. Como em geral somos jovens, vamos demorar a ter essa experiência de



envelhecimento mais perceptível. Nossa percepção mudou, passamos a olhar para o idoso de maneira diferente, olhar o cotidiano do idoso e as suas dificuldades, mas também suas potencialidades. Tentamos romper com os estereótipos introjetados, procurando desconstruir por meio da prática docente. Com certeza esse foi o primeiro passo para que pudesse, de certa maneira, atingir os alunos. Precisávamos primeiro acreditar naquilo que nós estávamos fazendo, aquela prática pedagógica por mais bem elaborada que fosse, por mais bem pensada teoricamente, ela não atingiria os alunos pelo simples fato de que não teria atingido a nós. Então, foi um trabalho em que nós precisávamos mudar primeiro, nós refletimos para poder fazer refletir, essa é a chave da questão.



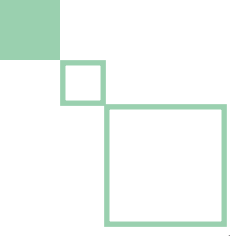
PALAVRAS FINAIS

A participação no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) é uma experiência que marcou a formação dos acadêmicos envolvidos, dos professores orientadores e supervisores e, sem dúvida nenhuma, dos estudantes das escolas participantes das atividades. Não foi uma nem duas vezes em que os estudantes nas escolas perguntavam aos acadêmicos quando seriam desenvolvidas novas atividades, quando voltariam, demonstrando o quanto haviam se identificado com a atuação e aplicação das metodologias na escola.

O que aprendemos com essas experiências? Durante o período de desenvolvimento e aplicação das atividades nas escolas percebemos que a área de História precisa ser oxigenada rapidamente, pois vivemos de modo geral em um modelo que pouco se apropriou das mudanças contextuais e pouco explorou a realidade dos jovens estudantes nas escolas. Quando os estudantes nas escolas demonstraram entusiasmo com as atividades que eram desenvolvidas, duas foram as sensações que tivemos. Uma de alegria pelo retorno rápido dos estudantes, o que nos entusiasmava e estimulava a continuar a pensar alternativas, testar, experimentar o trabalho em sala, tendo ciência de que esses poderiam ser resultados esporádicos e não se repetirem com o mesmo entusiasmo dos estudantes. Uma segunda sensação um pouco angustiante de tristeza, pois se, de modo geral, as atividades desenvolvidas geraram estímulo diferenciado, percebemos que essa é uma realidade pouco habitual nas escolas. O material, a forma de transmissão e, de modo geral, todo o sistema apresenta problemas e pouco se verificam mudanças em termos de políticas públicas.

117

E qual o papel do PIBID em tudo isso? Certamente não é ele que irá revolucionar a realidade nas escolas, a função do PIBID é garantir oportunidade qualificada aos acadêmicos de vivenciar a realidade da escola, realidade para a qual estão se preparando na universidade. O PIBID, como temos visto ao longo de todo esse livro, é ser um instrumento de preparação e formação do futuro professor. Não é possível que um bom professor seja formado apenas com aulas teóricas na universidade, mas, pelo contrário, a possibilidade de vivenciar a realidade da escola desde o primeiro ano do curso pode e será um diferencial, seguindo no caminho já apontado por Flávia Caimi, ao utilizar um provérbio popular que dizia: “para ensinar a história à João, é preciso saber de ensinar, de história e de João”. O PIBID é direcionado ao ponto fundamental dessa tríade, que é conhecer “João”, conhecer o sujeito principal que é o estudante na escola, sua realidade, suas expectativas, suas dificuldades, antes mesmo de pensar o que e como ensinar. Todo mundo concorda que o estágio na universidade não consegue fazer esse



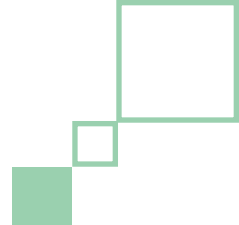
papel adequadamente, por vários motivos que vão desde o tempo de dedicação, o contato com o estudante em seu dia a dia, entre outros tantos fatores. Com isso não queremos dizer que não seja bom, mas não é o suficiente.

Reconhecer o estudante como sujeito central no ambiente escolar é um ponto de partida fundamental, e certamente não é isso que visualizamos nas políticas públicas de Estado, caso contrário muita coisa já teria sido modificada. De todo modo, definido esse foco é que a universidade pode fazer o diferencial na formação do futuro professor, pois fica muito mais fácil e real tratar de história e de como se a ensina, quando sabemos para qual realidade estamos nos preparando — que, infelizmente, nem sempre é aquela a qual imaginamos e sonhamos.

O papel do PIBID é garantir a formação ampla e mais próxima do real a ser encontrada pelos futuros professores já em seus primeiros anos de formação, desenvolvendo e testando ações de intervenção nas escolas. O que parecia ser a ponta da lança das políticas para a formação de professores nos últimos anos, está se revelando mais uma ação desprestigiada pelo Estado. A cada crise, a cada mudança de gestão, o primeiro corte a ser realizado reflete-se sobre a formação de professores. Com isso nos perguntamos, como é que o ciclo pode ser alterado, se a formação de novos professores sempre é relegada a segundo plano?

Se o Estado não faz sua parte, fazemos nós aquilo que nos cabe, que é continuar trabalhando pela melhoria da formação dos nossos futuros professores, reflexo apresentado por meio deste livro que é fruto do trabalho de investigação e intervenção no ambiente escolar.

A escolha pelo tema Envelhecimento Humano, como já pontuamos no início do livro, foi nosso primeiro desafio no PIBID. Aliás, os resultados revelaram que foi um ótimo desafio! O tema percorre de algum modo todo o conteúdo programático de História, mas em geral não nos damos conta disso. Todos temos uma identificação com o tema, pois diz respeito tanto a uma questão pessoal, quanto a uma questão coletiva de toda nossa sociedade. Basta simplesmente lembrar que todos vivemos um constante processo de envelhecimento, deflagrado com maior intensidade em determinados momentos do nosso percurso existencial, especialmente quando fisicamente o corpo começa a apresentar sinais de fragilidade mais acentuada. Na última década, as pesquisas têm revelado que as pessoas têm vivido mais, aumento nos índices de longevidade, resultantes da melhoria na qualidade de vida, o que tem garantido novo fôlego na expectativa de vida. No entanto, o tema foi por muito tempo relegado a segundo plano, ao menos até se explicitar de forma inegável o aumento da população idosa brasileira — que atualmente chega a 13%, o que resultou em uma observação simples: a sociedade estruturalmente não está ainda preparada para esse grupo populacional que não



para de crescer e que não pode mais ser negado, encoberto, apagado em nossa sociedade – como por muito tempo foi.

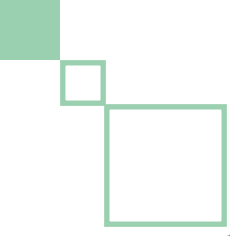
A motivação para o desenvolvimento do tema envelhecimento humano se efetivou, em grande medida, pelos estímulos iniciais dados pela professora Rosane Schmidt. Com trajetória e experiência com o tema, refletido na condução de atividades da Universidade da Terceira Idade e nos conselhos do idoso em nível municipal e estadual, é que aceitamos o desafio de tratarmos do tema envelhecimento humano nas escolas, tema que, mesmo amparado por lei, dificilmente é abordado com a especificidade que merece.

O leitor, ao longo deste livro, se deparou com os resultados das intervenções realizadas no ambiente escolar com o tema Envelhecimento Humano. Dividido em três diferentes momentos, tivemos a intenção de apresentar experiências vivenciadas, procurando proporcionar aos interessados o pensar e o repensar da prática docente a partir da realidade dos graduandos do curso de História da UNESPAR, campus de Campo Mourão.

Na primeira parte da obra buscou-se apresentar o tema envelhecimento humano e sua relação com a formação de educadores. A necessidade do aprofundamento das leituras exigiu, neste primeiro momento, uma análise cuidadosa do tema, evitando que cometêssemos erros descabidos e grosseiros. O tema ganha cada vez mais espaço, em especial se olharmos para a pirâmide que representa os dados sobre o envelhecimento humano, que demonstram altas taxas de crescimento, atrelados ao aumento da longevidade de vida das pessoas.

119 A segunda parte foi marcada pela apresentação das ações de intervenções dos acadêmicos do PIBID em quatro diferentes escolas. A ideia foi demonstrar o passo a passo de desenvolvimento das atividades, desde o planejamento até a intervenção. Com isso, objetivou-se que as quatro propostas desenvolvidas a partir do tema envelhecimento humano servissem como estímulo na proposição de novas atividades em sala de aula. As propostas de trabalho exploraram diferentes recursos, estratégias didáticas e metodologias de ensino, desde o trabalho com o teatro, utilização de recursos tecnológicos, construção de salas temáticas, trabalho com charges, produção de paródias, entre outras estratégias. Tudo isso foi antecedido por uma investigação do perfil dos estudantes com quem as atividades seriam desenvolvidas, realizando a aplicação de um questionário socioeducacional.

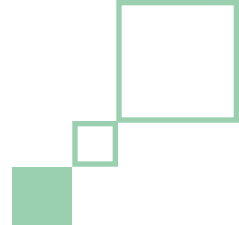
A terceira parte tratou especificamente do testemunho dos alunos bolsistas a partir das atividades em que haviam se envolvido. Esta foi uma etapa planejada para dar voz aos acadêmicos pibidianos, fugindo da formalidade do



texto e expondo abertamente a narrativa sobre o que pensam de todo o processo que envolve o PIBID, especificamente a partir das atividades desenvolvidas com o tema do envelhecimento humano. Este foi um momento importante como pode ser observado ao longo dessa etapa, em que os acadêmicos expressaram como se sentiram ao longo das atividades, disseram o que esperavam do PIBID e das atividades desenvolvidas, as frustrações que em determinados momentos vivenciaram, as alegrias com os resultados positivos e a repercussão junto aos alunos das escolas que, de modo geral, foram momentos marcantes.

Por fim, o leitor encontrará neste livro, sobretudo, experiências vivenciadas que possibilitaram apontar caminhos possíveis no horizonte das expectativas por uma melhoria tanto na formação de novos professores, quanto na melhoria do processo de aprendizagem nas escolas. A realidade contextual tem mudado muito nos últimos anos, o que tem forçado a darmos passos em uma direção que se revela cada vez mais necessária em busca da melhoria da educação básica.

Este o desafio que está posto e que, nós, alunos e professores do curso de História da UNESPAR, campus de Campo Mourão, propusemo-nos a enfrentar. Enfrentamento desse desafio cujos resultados estão expressos neste livro digital.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

E DE FONTES DE APOIO¹⁶

FONTES DIGITAIS UTILIZADAS PARA CONSULTA DOS PROJETOS POLÍTICO-PEDAGÓGICOS (PPPS) DAS ESCOLAS¹⁷

http://www.cpmestadualcm.seed.pr.gov.br/redeescola/escolas/5/430/12/arquivos/File/2011/ppp2011_estadual.pdf

http://www.cpmdarcycosta.seed.pr.gov.br/redeescola/escolas/5/430/1590/arquivos/File/PPC_DARCY.pdf

http://www.cpmdarcycosta.seed.pr.gov.br/redeescola/escolas/5/430/1590/arquivos/File/PPC_DARCY.pdf

<http://www.cpmunidadepolo.seed.pr.gov.br/redeescola/escolas/5/430/47/arquivos/File/pppjulho2013%281%29.pdf>

<http://www.consultaescolas.pr.gov.br/consultaescolas/f/fcls/escola/visao>

<http://www.cpmdarcycosta.seed.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=32>

121 <http://www.cpmunidadepolo.seed.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=10>

<http://www.cpmestadualcm.seed.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=14>

16. Optou-se por agrupar as referências bibliográficas e o material de apoio para obtenção de dados num lugar só, sem desmembrá-los a cada grupo.

17. Anos de produção dos projetos de cada escola. Colégio Estadual Professor Darcy José Costa (2012); Colégio Estadual Unidade Polo (2013); Colégio Estadual de Campo Mourão (2011); Colégio Estadual Doutor Osvaldo Cruz (2012).

FONTES INSTITUCIONAIS

ABNT NBR 9050

BRASIL, Lei nº 10741/2003. **Estatuto do Idoso**. Brasília: DF, out. 2003. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.741.htm> Acesso em Jun. 2015.

BRASIL. **Ata do Grupo de Trabalho Protagonismo da Pessoa Idosa e Intergeracionalidade**. Seminário Avanços e Desafios dos Direitos Humanos das Pessoas Idosas. Brasília, DF, out. 2003. Disponível em <http://goo.gl/ovof70><http://goo.gl/ovof70>. Acesso em Maio/2015.

MICHELETTO, Telma Maria Gorgulho Pereira. **O risco do idoso pedestre nas vias urbanas**. NT 219. CET São Paulo: Companhia de Engenharia de Tráfego, NT Notas Técnicas. S.d. Disponível em <http://www.cetsp.com.br/media/96549/nt219.pdf>. Acesso em agosto 2015.

122

FONTES BIBLIOGRÁFICAS

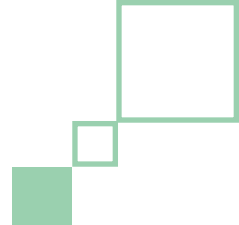
BAGEGA, Chariane. BONI; Marina. RAFFAELLI; Alexandra F. **Salas temáticas: espaços de experiências e aprendizagem**. Disponível em <http://www.faifaculdades.edu.br/eventos/SEMIC/5SEMIC/arquivos/resumos/RES1.pdf>

BARROS; Rodrigo Heleno de. JUNIOR; Edmundo de Paula Gomes. **Por uma história do velho ou do envelhecimento no Brasil**. Disponível em: <http://www.cesjf.br/revistas/cesrevista/edicoes/2013/Artigo%2004.pdf>

BORGES, Jorge Amaro de Souza. **Sustentabilidade Educação Ambiental, inclusão e direitos da pessoa com deficiência** – práticas, aproximações teóricas, caminhos e perspectivas! Brasília: 2014. Disponível em http://www.vias-seguras.com/os_acidentes/as_vitimas_de_acidentes_de_transito/as_iniciativas_publicas_a_favor_das_pessoas_com_deficiencia/a_convencao_sobre_os_direitos_das_pessoas_com_deficiencia/cdpd_artigo_9_acessibilidade. Acesso em 23/10/15.

CAIMI, Flávia. História Escolar e Memória Coletiva: Como se ensina? Como se aprende?. In: MAGALHÃES, Marcelo; ROCHA, Helenice; GONTIJO, Rebeca. (Org.). **A escrita da história escolar: memória e historiografia**. 1 ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009. p. 65-79.

_____. História escolar e memória coletiva: Como se ensina? Como se aprende?.



In: MAGALHÃES, Marcelo; ROCHA, Helenice; GONTIJO, Rebeca. (Org.). **A escrita da história escolar: memória e historiografia**. 1ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009. p. 65-79.

CALDAS, Célia Pereira; THOMAZ, Andrea Fernandes. A velhice no olhar do outro: Uma perspectiva do jovem sobre o que é ser velho. **Revista Kairós Gerontologia online**, 13 (2), p.217, 244, SP: Brasil. Nov. 2010. Disponível em <<http://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/view/5367>> Acesso em Jun.2015.

DOLL, Johannes; RAMOS, Anne Carolina; BUAES, Caroline Stumpf. Apresentação. Educação e Envelhecimento. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v.40, n.1, p.9-15, jan/mar. 2015. Disponível em <http://www.ufrgs.br/edu_realidade/index.htm>. Acesso em Jun/2015.

DORNELLES, Leni Vieira. Bonecos com corpos-velhos: o que dizem as crianças sobre o envelhecimento. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v.40, n.1, p.173-190, jan.mar.2015. Disponível em <http://www.ufrgs.br/edu_realidade/index.htm> Acesso em Jun/2015.

JASEN, José Manoel. **Medicina da Noite: da cronobiologia à prática clínica**. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2007.

NOVAES, Maria Helena, 1926. **Paradoxos contemporâneos**. Rio de Janeiro: E-papers, 2008.

PICCOLI, Mariana; LOPES, Andrea; ARAÚJO, José Renato Campos; GRAEFF, Bibiana. Idosos “roqueiros” e juventude eterna: pistas para reflexão. **Revista Temática Kairós Gerontologia**, 15(6), p.291-312. São Paulo (SP), Brasil: FACHS/NEPE/PEPGG/PUC-SP, 2012.

PINSKY Jaime, PINSKY, Carla Bassanezi. Por uma História prazerosa e conseqüente. In: KARNAL, L. (Org.). **História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas**. 6.ed. São Paulo: contexto, 2010, p. 17 – 36.

SANTIN, Janaína Rago; BOROWSKI, Marina Zancanaro. O idoso e o princípio constitucional da dignidade humana. **RBCEH**, Passo Fundo, v.5, n.1, p.141-153, jan. junho 2008. Disponível em:<<http://www.upf.br/seer/index.php/rbceh/article/view/261>> Acesso em Jun/2015.

SENA, Teresa Bezerra de. O envelhecimento na sala de aula: a importância de atividades educativas intergeracionais na educação básica. **Revista Portal de Divulgação**, n.15, out. 2011. Disponível em <http://portaldoenvelhecimento.com/>



revista-nova/index.php/revistaportal/article/viewFile/196/196. Acesso em Abril/2015.

SILVEIRA, Nadia Dumara Ruiz; LODOVICI, Flaminia Manzano Moreira; QUADROS, Isabella Bastos de. Livros infantis e envelhecimento: indicações para novos parâmetros e práticas pedagógicas nas escolas. **Revista Kairós Gerontologia online**, 15 (8), p.217, 244, SP: Brasil. Disponível em <http://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/view/17083>. Acesso em Abril/2015.

SOTERO; Saoara Barbosa Costa. **Oficina: Uma proposta metodológica para o ensino de História**. Disponível em <http://anpuhba.org/wp-content/uploads/2013/12/saoara-barbosa.pdf>

VIANA, Helena Brandão. Universidade da Terceira Idade: Benefícios e Possibilidades para a Terceira Idade. **Revista Portal de Divulgação**, n.42, Ano V. Set/Out/ Nov. 2014, p.41-54.

WALKER, John R. **Introdução à hospitalidade**. São Paulo: Manole, 2002.

**ENVELHECIMENTO
HUMANO
NA ESCOLA**

EXPERIÊNCIAS DE INICIAÇÃO À DOCÊNCIA

Bruno Flávio Lontra Fagundes
Fábio André Hahn